

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**COMUNIDADE DOS SURDOS:**  
**OLHARES SOBRE OS CONTATOS CULTURAIS**  
**Wilson de Oliveira Miranda**

**Dissertação apresentada no Programa de Pós-  
graduação da Faculdade de Educação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul –  
UFRGS**

**Porto Alegre**  
**2001**

312166

7  
376.353(816.5)

M672c

2001

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO**  
**BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO da UFRGS, Porto Alegre. BR-RS**

M672c Miranda, Wilson de Oliveira  
Comunidade dos surdos : olhares sobre os contatos culturais  
/ Wilson de Oliveira Miranda. - Porto Alegre : UFRGS, 2001.  
110 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2001.

1. Educação - Surdos - Charqueadas. 2. Identidade cultural -  
Surdos. 3. Estudos culturais. I. Título.

CDU – 376.353(816.5)

---

Bibliotecária: Jacira Gil Bernardes – CRB-10/463

**ORIENTADOR**

Prof. Dr. Carlos Skliar

---

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Nilton Bueno Fischer – UFRGS

---

Profa. Dra. Ronice Quadros – ULBRA

---

Profa. Dra. Lodenir Karnopp – ULBRA

---

*"O sucesso individual é ilusório, o coletivo traz à transformação".*

(Autor desconhecido)

## **ABREVIATURAS**

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LS – Língua de Sinais ou Língua dos Surdos

LP - Língua Portuguesa

OP – Orçamento participativo

SMAS - Secretaria Municipal da Assistência Social

SMED - Secretaria Municipal de Educação e Cultura

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

FAT - Fundação de Atendimento ao Trabalhador

CIEC – Centro Integrado ao Ensino dos Computadores.

## RESUMO

Sou surdo e esta pesquisa tem como base os Estudos Culturais, que dão o suporte aos Estudos Surdos, enfocando as identidades culturais, a diferença cultural, a exclusão, a opressão e história. Pretendo narrar as transformações dos surdos de Charqueadas, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, Brasil.. Aí vivem sujeitos surdos que não eram influenciados pelos surdos culturais que vivem nos Centros Urbanos que, ao contrário daqueles, têm acesso à educação, ao trabalho e ao lazer. Durante o período da pesquisa, dois anos, encontramos os sujeitos surdos isolados de outro surdo, ignorados, alienados, des-comunicados, desinformados, desconhecem a língua dos surdos e a cultura surda, viviam passivamente na cultura sonora hegemônica dentro da família, da escola e da sociedade. A partir do ensino da Língua de Sinais os sujeitos surdos se desenvolvem social e simbolicamente, sendo trabalhados com o currículo e a pedagogia dos surdos voltados à transformação sócio-cognitiva-afetiva; esses sujeitos, então, começaram a constituir uma comunidade surda solidária e a influenciar comunidades surdas dos arredores, que se encontravam nas mesmas condições, formando a Rede das comunidades surdas. Esses sujeitos necessitam essencialmente da “cultura visual”, ou seja, necessitam da cultura surda e do professor surdo como um intelectual nativo. Essas transformações, certamente, necessitam de um longo processo de investimento na Língua e na Cultura surda.

## ABSTRACT

I am Deaf and this research is based on Cultural Studies that gives support to Deaf Studies closing the attention to the cultural identities, the cultural difference, the exclusion, the oppression and the history. I intend to talk about the Deaf person changes in Charqueadas, a small town from Rio Grande do Sul, Brazil. There, there are deaf people that did not have contact with Deaf culture from Deaf people that leave in the big cities that have access to education, to work and to leisure. During the period of the research, two years, we found the deaf people isolated from other Deaf people, ignored, alienated, no communicated, not informed, no knowing the Deaf language and the Deaf culture. They lived passively in the hegemonic hearing culture in their families, in their schools and in the society. Teaching sign language to these deaf people, they started to develop social and symbolically being worked with the curricula and the education for Deaf with the goal of the social-cognitive-emotional changes. Then, these people started to construct a solidarity deaf community and the influence of the neighbor Deaf communities that were in the same condition began to construct a network of Deaf communities. These people need essentially of the "visual culture", that is, they need the Deaf culture and the Deaf teacher as a native intellectual. These changes, of course, need a long process of the investments in the Language and the Deaf culture.

## SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u> .....	8
<u>CAPÍTULO I - A PESQUISA: O LOCAL E O CENÁRIO</u> .....	13
1.1- <u>A situação do local</u> .....	14
1.2- <u>Surdos nos Municípios dos Arredores</u> .....	16
<u>CAPÍTULO II - QUESTÕES METODOLÓGICAS: OS ESTUDOS SURDOS EM INTERFACE COM OS ESTUDOS CULTURAIS</u> .....	18
<u>CAPÍTULO III - ASPECTOS DA DIFERENÇA INERENTES À COMUNIDADE SURDA</u> .....	21
3.1- <u>Que vem a ser comunidade surda?</u> .....	22
3.2- <u>Aspectos epistemológicos inerentes à comunidade surda</u> .....	24
3.3- <u>Movimento interno</u> .....	26
3.4- <u>A comunidade surda</u> .....	27
3.5- <u>Geografia: o lugar da comunidade surda</u> .....	28
3.6- <u>Construções culturais</u> .....	29
3.7- <u>A disputa pela diferença</u> .....	30
<u>CAPÍTULO IV - MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE OS CONTATOS CULTURAIS: A HISTÓRIA DOS SURDOS DE CHARQUEADAS</u> .....	32
4.1- <u>Narrativas Surdas</u> .....	66
4.2- <u>A rede das Comunidades Surdas em Osório</u> .....	76
<u>CONCLUSÃO</u> .....	98
<u>BIBLIOGRAFIA</u> .....	107
<u>ANEXOS</u>	



## INTRODUÇÃO

Sou surdo! O meu jeito de ser já marca a diferença!<sup>1</sup> Neste ponto devia começar a dissertação. Ser surdo, viver nas diferentes comunidades dos surdos, conhecer a cultura, a língua, a história e a representação que atua simbolicamente distinguindo a nós surdos e à comunidade surda é uma marcação para sustentar o tema em questão. A idéia de comunidade surda contestada e continuamente sendo reconstituída, particularmente diante da diferença defendida por poucos surdos e ouvintes de extrema esquerda, se apresenta mais como uma ameaça à representação do outro surdo.

Na minha vida, vivenciei e conheci, inclusive, isolamentos, exclusão, segregação, profanação da identidade surda diante da pressão do ouvintismo/oralismo<sup>2</sup>, do radicalismo lingüístico dos ouvintes, nas comunidades de surdos existentes, os desconhecimentos em relação à surdez por parte de ouvintes e surdos, os discursos da saúde: *deficiência x normalização*, do termo: surdez e seu significado sócio-antropológico<sup>3</sup>. da luta armada

---

<sup>1</sup> A escrita original deste trabalho possui forte influência da minha estrutura de língua. Por isto, o texto foi "traduzido" para o português oficial por uma pessoa ouvinte. Mas julgamos necessário, enquanto pesquisadores, discutir melhor esta questão. O surdo tem um jeito próprio de escrita que difere do jeito do ouvinte, mas nossos textos necessitam serem sempre redigidos em uma língua que não é a nossa. O mais importante é poder mostrar o sentido de nossas pesquisas, seja de que forma for e esta discussão deve ser levantada.

<sup>2</sup> O termo "ouvintismo" foi utilizado por Skliar (1997,1998) para descrever práticas discursivas e dispositivos pedagógicos, onde os ouvintes constituem a norma, sempre visível, a partir da qual tudo é medido e julgado. O oralismo é uma forma de pedagogia utilizada pelo alemão Samuel Heinicke (1729-1790) e consiste em sujeitar objetivos da educação dos surdos a aprendizagem da fala.

<sup>3</sup> A surdez em si significa para o surdo uma possibilidade de perceber o mundo pela visão. A exploração e a produção de conhecimentos se dá pela experiência visual, produzindo assim novos significados culturais e conhecimentos inerentes a comunidade surda.

pelos direitos dos surdos a uma virada em relação à epistemologia.

Essa diferença que surge no momento em que marcamos os ouvintes como constituidores de outra identidade e não como pretensa superioridade, é própria do povo surdo nas diferentes partes do mundo em diferentes momentos. Nós temos em comum o uso de comunicação visual e os ouvintes o uso de comunicação auditiva. Isto leva a diferença já provada pelos estudos surdos. Uma diferença que é produto de experiência, e que pode ser distinguida entre um negro e um branco, um brasileiro e um argentino do mesmo modo que entre um surdo e um ouvinte.

Entre os surdos é costume dar um apelido em língua dos sinais<sup>4</sup>. Assim o meu primeiro apelido familiar em língua de sinais foi um sinal que significa: “irmão mais alto”, dado pelos surdos por eu ter outro irmão caçula, também surdo. Tenho também uma irmã surda; na minha família somos três surdos. Nascemos surdos. Meus pais e os outros quatro irmãos são ouvintes e nunca aprenderam a língua de sinais (meu pai sabe se comunicar conosco somente através da soletração manual). Somente nosso irmão caçula interessou-se pela mesma. Atualmente sou casado com uma mulher surda e tenho uma filha ouvinte e isto implica em continuar a vivência em comunidade surda, pois ambos lutamos pelos direitos dos surdos, eu na pesquisa e na FENEIS<sup>5</sup> e minha mulher no OP<sup>6</sup>, na luta pelos direitos dos surdos onde isto se fizer necessário.

Vivi no seio da comunidade surda com meus irmãos onde aprendíamos na língua de sinais, criada por nós, depois trazida da escola e/ou “achada” no encontro com outros surdos. Minha casa era e ainda é o lugar de encontro de muitos surdos que sentiam e sentem a solidão da vida e do isolamento. Minha casa é lugar de aconselhamento para as muitas mulheres e homens “caídos” na depressão que a surdez pode causar quando todos, os ouvintes, se consideram superiores e são os “mais”. Aconteceu que um dia na minha vida, em 1985, juntamente com meus amigos e irmãos surdos, fundamos a Associação dos

---

<sup>4</sup> Na cultura surda a prática de dar nomes/apelidos é algo comum. Assim, alguns surdos denominam-se “irmão mais alto” em referência a algo que o distingue. Na procura de um termo de denominação, entram componentes visuais (ex.: “irmão mais alto”, “cabelo curto”, “cílios longos”). Os surdos geralmente se concentram mais na utilização do sinal quando tendem a referir-se a pessoa. Esta prática não é exclusiva dos surdos, existe referências a outros povos que a utilizam.

<sup>5</sup> A FENEIS é uma ONG representativa dos surdos, onde internamente lutamos pelos nossos direitos e por melhores condições de vida.

Surdos de Santa Maria. Daí por diante sempre trabalhei em associações de surdos como presidente, ou assumi outras atividades das associações de surdos no estado ou nas federações ao nível nacional.

Reivindico também pela educação dos surdos e minha luta política se faz por ser este um fato que, historicamente, há um século, proporciona terror e exclusão à identidade surda. A educação do surdo sempre esteve marcada pelo “linguísmo”, e centrada em uma “cultura universal”<sup>7</sup> ouvintista. Apple (1996, p.7) já mostra esse holocausto: “*As crianças ... são alienadas das escolas e da sociedade. Elas são expulsas da escola porque a cultura não é a delas, a história não é a delas, a música não é a delas*”. As comunidades surdas foram destruídas e/ou dizimadas pela potência da educação imposta que fez com que os surdos perdessem a cultura, a arte e até mesmo uma educação com a possibilidade de acesso a sua identidade.

Uma educação que iguala o surdo ao modelo de identidade ouvinte, onde é negada a identidade surda é um fracasso. Num modelo como este, Ahrbeck (1993, p.62) faz um alerta da necessidade de se *abrir uma compreensão a pedagogia dos surdos*, caso contrário, continuaremos com os exemplos de fracasso na educação de surdos. Um destes exemplos encontramos em Charqueadas, local de nossa pesquisa, onde o registro de 20 anos de educação mostra os estudantes surdos excluídos da participação social, como se nunca tivessem saído das primeiras séries do ensino fundamental, ou ainda, em situações piores que estas.

No final do século passado, os surdos começaram a se unir, criar as associações<sup>8</sup> com o objetivo de restaurar as comunidades surdas, resgatando a história surda, a identidade surda, a cultura surda, a arte surda, etc. Mas a cidade de Charqueadas, assim como toda a região carbonífera, não teve estas influências. As transformações que estão acontecendo, atualmente, neste caso são bastante notáveis: trabalha-se agora com currículo

---

<sup>6</sup> OP = Orçamento Participativo. As lutas no Orçamento Participativo vêm da organização dos surdos junto a outros grupos considerados deficientes, onde lutam junto ao governo por fazer valer seus direitos.

<sup>7</sup>: Michael Apple se refere ao clamor pela presença de uma cultura universal. Segundo ele, essa é uma posição neoconservadora, perigosa que leva a um retrocesso nas nações que a adotam. Ele é contra a idéia de que a função da escola seja ensinar a ficção de uma cultura universal...

<sup>8</sup> Durante este trabalho será feita uma referência a geografia, visto que as comunidades surdas e associações se desenvolvem em centros urbanos mais movimentados onde a tolerância e a sobrevivência dos surdos é possível.

e pedagogia dos surdos voltados para a transformação social, de modo que os estudantes comecem a compreender o que está acontecendo com eles e com suas comunidades.

Meu esboço da comunidade dos surdos até hoje, foi no sentido de criar um surdo “vivedor” de encontros, de comunidades. Sempre há comunidades surdas, elas são originais, surgem de encontros que a cultura oferece.

Há comunidades surdas que não se sentem comunidades, não se relacionam, há outras que são o espaço onde se vive: o lugar onde se constituem as identidades, a cultura, a arte, a história. Sempre pensei um surdo “vivedor” de comunidades, que vive na subjetividade revolucionária do ser surdo, na luta intencional no seio da comunidade surda, daí fazendo evidenciar a política surda ou movimento surdo<sup>9</sup>.

Sinto-me orientado pelo interesse em demonstrar pela pesquisa o valor do movimento da comunidade surda. Há outros campos aos quais poderia me dedicar, mas com minha pertença a uma comunidade, a um grupo específico também, logicamente, tenderia a uma pesquisa redundante. Daí que o tema em pesquisa tem suscitado muitas indagações e buscas, acabando em canalizar-se mediante meus estudos teóricos e minhas possibilidades de acadêmico surdo.

O meu interesse em focalizar o tema da comunidade surda norteou esta pesquisa e, particularmente, meu olhar recaiu sobre a comunidade surda do Município de Charqueadas/RS sem, no entanto, deixar de olhar as comunidades surdas dos municípios vizinhos, seja da região carbonífera ou as comunidades dos grandes centros. Nestas, a política de identificação e significação é maior e influi sobre as demais comunidades. O que importa é ter presente uma comunidade surda em si.

Entendo comunidade surda como uma agremiação de pessoas surdas inclusive com simpatizantes ouvintes<sup>10</sup>, constituída com história, identidade, língua e cultura próprias. Diante da precariedade de informações sobre a comunidade que constatei no município de Charqueadas - que no início era um aglomerado de surdos dispersos, sem identidade, sem

---

<sup>9</sup> Movimento surdo é a denominação que dou à consciência oposicional dos sujeitos surdos que diante do ouvintismo resistem à sua dominação e buscam novas saídas como a produção de novos significados, formação de comunidades surdas, desenvolvimento de língua de sinais, aquisição da identidade cultural,

<sup>10</sup> A palavra simpatizantes, talvez não seja apropriada, contudo, é preciso designar que os membros da comunidade surda não são todos surdos. Há alguns ouvintes que conhecendo a cultura, língua e história dos surdos vivem entre eles e participam dos eventos da comunidade surda.

língua ou cultura, falando a linguagem dos derrotados<sup>11</sup>, depois reunidos numa escola, dando início a uma comunidade e a busca dos surdos pelas informações que eles próprios nos deram - fico me interrogando: *existe comunidade surda neste município?*

Vejo que na conhecida região do carvão, antes da pesquisa, existia e atuava uma pré-comunidade<sup>12</sup> surda: sua emancipação ou a aquisição de identidade sócio-cultural pelos surdos era carente. Isto se evidencia, pelo menos agora, quando tentamos reverter para lá princípios de encontro, inícios de agrupamento, de interação, encontros entre surdos, visando, primeiramente, entender a existência dessa comunidade. A situação dos surdos de Charqueadas, no início de minha pesquisa, remete àquilo que Anderson (1993; p.18) fala sobre *a inexistência de um passado*. Pensando nisto, meu argumento é de que existe uma comunidade, ela é *imaginada*, está presente, porém não existe reivindicação histórica de grupo cultural na região. Assim, a minha tentativa de pesquisa se aproxima da existência possível da comunidade surda, inclusive com a determinação de suas vivências internas.

Aliado a este desejo de pesquisar a comunidade surda se insere o meu jeito de ser surdo. Este desejo surge inclusive de meus estudos no programa de pós-graduação e de minha participação no projeto piloto<sup>13</sup> de escola para surdos. Entra nisto o aspecto de minha pessoa, como “vivedor” de comunidades de surdos. O que entendo por comunidades surdas é o seu movimento interno que carrega consigo suas lutas por língua de sinais, por novos mecanismos de comunicação com os ouvintes, por nos mostrar como normais e não doentes/deficientes.

---

<sup>11</sup> Gentili (1997, p. 198) se refere aos excluídos da participação social como portadores da linguagem dos derrotados.

<sup>12</sup> Existem os surdos na região, dessa forma, existe comunidade. Não existindo, entretanto, qualquer cultura ou produção conjunta de expressões culturais.

<sup>13</sup> O projeto referido é o de escolas para surdos, desenvolvido por mim junto a outros dois pesquisadores Ricardo Martins e Gládis Perlin.

## **CAPÍTULO I - A PESQUISA: O LOCAL E O CENÁRIO**

Charqueadas é um município da região carbonífera no interior do Rio Grande do Sul, situado a aproximadamente 60 Km de Porto Alegre. É um município pequeno, da chamada região carbonífera. Antes de sua emancipação, Charqueadas pertencia ao município de São Jerônimo. Os poucos surdos que freqüentaram a escola, estudaram em uma classe especial em São Jerônimo, ministrada por uma professora ouvinte. Depois da emancipação do município, eles eram transportados para a escola pela Kombi da Prefeitura de Charqueadas. Com a morte desta professora, não havia mais ninguém habilitado para o trabalho com os surdos e estes voltaram para casa, ficando um tempo sem escola.

No município de Charqueadas, no início de 1999, encontramos uma turma escolar de surdos, com idades entre seis a vinte anos. Uma turma de surdos que não tinham qualquer contato com a comunidade surda. A turma existia desde 1982, no entanto, não tinha o currículo reconhecido, nem por parte do poder municipal existia uma proposta pedagógica que pudesse sustentar sua diferença ou deficiência como queiram. Tudo ficava por conta da professora que, no desconhecimento de melhores possibilidades, ia atravessando os anos com a turma.

Em 1993, outra professora ouvinte de Charqueadas fez o curso adicional para trabalhar com surdos no CAEDA, promovido pela FADERS e SEC. A classe de surdos voltou a funcionar, mas alguns surdos acabaram evadindo porque se julgavam “grandes” para estudar junto com as crianças, bem como pela falta de motivação e identificação com o trabalho da professora ouvinte, que trabalhava a partir dos modelos educacionais

ouvintistas. Esta pesquisa faz parte do Projeto "Surdez: Educação e Cidadania", criado pelos pesquisadores Ricardo Martins e Gládis Perlin (pesquisadora surda) visando, na linha dos Estudos Surdos, dar um atendimento educacional adequado às pessoas surdas e trazer os surdos de Charqueadas e arredores para o convívio comunitário de apoio recíproco, possível principalmente pelo desenvolvimento da língua de sinais. A idéia do projeto surgiu a partir de uma visita a turma de surdos na Escola Municipal de 1º Grau Octávio Lázaro em Charqueadas. Do desenvolvimento do projeto participam Ricardo e eu, desde o ano de 1999.

O campo da pesquisa é amplamente rico; há um potencial de comunidade entre os surdos, uma pré-comunidade, necessitando delimitações para uma caminhada exclusiva da comunidade surda. Hoje, os surdos de Charqueadas são uma comunidade que existe pela convivência e pelo compartilhar das pessoas surdas. Ela inerentemente está constituída, mas a sua delimitação é a problemática desta pesquisa. Portanto, o contexto inicial da pesquisa possui uma história solta da comunidade, uma cultura solta, registros escassos e a necessidade de produções, de pesquisas, de significados, de resgates, de registros sólidos como os feitos neste trabalho.

### **1.1 - A situação do local**

Os anos na escola representavam para os surdos uma espécie de ameaça. Eles saíam de lá sem um histórico escolar, sem um status de pessoas que realmente estudaram. Aquilo de escola era para deixá-los mais deficientes ainda. Os seis alunos surdos não são a totalidade de surdos do município. Muitas emigrações aconteceram em busca de melhores condições de vida, de comunicação e de escolarização.

O projeto piloto implantado em Charqueadas consistia em iniciar por três pontos: contratar um/a professor/a surdo/a, fazer o levantamento da população surda na cidade e regularizar a turma. Estas três iniciativas, por simples que fossem, provocaram mudança radical na educação dos surdos no município e determinaram a posterior dinâmica de um projeto que hoje está para abranger 6 municípios.

Naquele tempo, o município de Charqueadas me contratou como professor/instrutor para a Escola Municipal de 1º Grau Otávio Lázaro. Constatei que na situação local havia a

necessidade de implementação de um projeto de educação dos surdos. Mais que isso, notei que não havia nenhuma possibilidade para a união dos surdos em comunidade, e era mínimos o conhecimento da língua de sinais e a constituição de identidades surdas.

Nos dias que se seguiram ficou evidente a importância de minha presença, por possibilitar que os surdos se identificassem, ou pelo menos reconhecessem, num surdo mais velho, uma pessoa que não está marginalizada, que participa no meio social ou que pode, normalmente, construir por si uma participação social. Dessa forma, eles não mais iriam imitar o que os ouvintes preparavam para eles, mas iriam ter sua própria representação ou identificação social. O professor/instrutor surdo domina mais naturalmente a língua de sinais e, dessa forma, facilmente pode transmitir ao surdo os conteúdos propostos e acrescentar novos significados ao vocabulário em língua de sinais, bem como é capaz de transmitir novos sinais não somente aos surdos como também a sociedade ou à comunidade escolar.

O professor surdo identificando-se com os surdos reflete uma visão da estrutura da relação comunitária surda e uma aproximação com a comunidade surda num nível mais amplo, trazendo para esta comunidade o que está sendo produzido além do município, o que abre uma série de alternativas, como por exemplo: festas, encontros, congressos, convênios, etc., que de outra forma dificilmente alcançaria um município menor.

Desde abril daquele ano, tive a oportunidade de propor novas medidas as propostas da SMED do município. Propus o início de um contato junto aos outros surdos, trazendo-os para a realidade da quantidade, buscando uni-los em torno de uma causa. Para maior integração social, busquei a abertura de um curso de língua de sinais para professores e comunidade ouvinte. Este curso foi longe, teve vinte e sete inscritos. Mas o que mais se evidenciou neste contato foi o despertar da consciência surda para a comunidade surda. Aconteceu entre os surdos o início de sua identificação como surdos, o surgir do sentimento de igualdade e posição autônoma na afirmação de pertença ao grupo ou comunidade surda.

O levantamento da população surda na cidade se fez necessário em vista da possibilidade de crianças surdas estarem fora da escola, o que era bem provável, já que a escola não tinha situação regular e o percentual de 1 a 2,5% da população do município indicava de que ainda havia muitas crianças não atingidas pelo benefício de uma educação



a que teriam direito. Contudo, este levantamento não trouxe novos sujeitos, mas levou-nos aos surdos dos municípios vizinhos.

Era preciso regularizar a turma com vistas a proporcionar ao sujeito surdo a valorização do seu trabalho de aprendizagem, capacitando-o, enquanto cidadão, para a compreensão do mundo e participação social na conquista de seus direitos. Sobre esse último ponto, tinha em vista de que existem leis que garantem um percentual de trabalhadores “portadores de deficiência” em empresas e em instituições governamentais, caminho vetado a grande maioria dos surdos devido à sua falta de participação social/educacional.

De início a pesquisa visava outras ações, no sentido de conscientizar às famílias e a comunidade a respeito da posição cultural do surdo como sujeito diferente e usuário de uma comunicação visual. Entre estas ações estava o curso de Língua de Sinais para professores e familiares, o que também acenou com a possibilidade da organização de uma associação de surdos, colaborando para tirar muitos surdos do anonimato, trazendo-os para o convívio social.

## **1.2- Surdos nos Municípios dos Arredores**

São Jerônimo, outro município da região, já contou com turma de surdos desativada a mais de sete anos, e hoje envia alguns surdos para estudar na cidade vizinha de Triunfo. A expectativa da abertura de uma APAE no município revela aí sua relação com a surdez.

Em Triunfo, os surdos estão concentrados na APAE. As professoras e técnicas da Instituição deixaram claro seu interesse por um projeto relativo a comunidade e educação dos surdos, demonstraram também que não têm uma política ou uma posição clara sobre o assunto. Este interessante é porque os surdos tinham vergonha de estudarem dentro da APAE e sentiam que sua educação lhes possibilitava a marca da excepcionalidade. Para o próximo ano, a APAE vai contratar professor surdo e por ele espera iniciar uma comunidade surda.

Em Butiá, os surdos são em número de 8 na escola municipal. Estes surdos mal sabem se comunicar e eles não têm noção de que cada surdo tem sinal que os identifica. Em

nosso primeiro encontro, fizemos a experiência de eles começarem a criar o que sentiam sobre si mesmos. Ao seu jeito, eles faziam poucos sinais, bem diferentes, escassos, confusos. Assim, os surdos de Butiá passaram a admirar os surdos de Charqueadas, que vem acompanhando o projeto de pesquisa desde abril, o jeito como eles já se comunicam *“como já tem comunicação!”*. Aconteceu aí um início de interação, de comunicação, muito rapidamente. Também houve a aprendizagem de muitos sinais. Teve início alegres brincadeiras, momentos felizes. Junto à APAE, os surdos estudam sem regularização de suas séries, trabalham, vendem “casinhas” com compartimentos e móveis que eles mesmos fabricam, plantam e vendem flores, temperos e verduras.

A comunidade: SMED, escola e família desejavam ter um/a professor/a surdo/a para poder trabalhar na escola, dando o impulso para a comunidade surda e cursos de língua dos surdos. Na ocasião em que fizemos uma primeira visita a APAE de Butiá, tomamos chimarrão, café, almoçamos, combinamos sobre excursão de integração em Capão da Canoa.

Hoje, através de um projeto financiado pela FAPERGS, há uma professora surda trabalhando com os surdos de Butiá. Minas do Leão e Arroio dos Ratos será nossa próxima parada para o impulso às comunidades surdas.

Existe um grande abismo entre as oportunidades que têm os surdos nos centros urbanos maiores e as oportunidades dos surdos que habitam centros de médio e pequeno porte. Enquanto alguns fazem o primeiro e segundo grau e chegam a universidade, outros, nestas cidades pequenas, mal conseguem se alfabetizar, mesmo depois de anos de escola, mal conseguem informações essenciais para a vida se não tem comunicação, nem possibilidades de acesso a mesma, devido a uma falta de reconhecimento da língua e da presença de surdos experientes ou previamente preparados.

## **CAPÍTULO II - QUESTÕES METODOLÓGICAS: OS ESTUDOS SURDOS EM INTERFACE COM OS ESTUDOS CULTURAIS**

Antes de tudo, devo colocar umas idéias sobre a metodologia utilizada nesta pesquisa. Meus principais interlocutores teóricos são Skliar, Anderson e Bhabha. São autores cujas posições visam a comunidade e a cultura, em resumo, os estudos culturais. Skliar se aproxima dos estudos surdos sendo seu principal expoente em matéria de identidades culturais surdas, diferença cultural, exclusão/inclusão, opressão e história.

Localizar a comunidade surda nos estudos culturais implica entender o processo feito nos estudos, as alquimias de que ele se serve para trazer conhecimentos precisos. Nos estudos culturais é fácil desviar para aquilo que chamamos de estudos surdos.

Esta minha pesquisa não visou fugir de metodologias, senão levantar a questão da luta pelo poder organizado na comunidade surda, bem como mostrar que os estudos culturais não se detêm apenas nos modelos de opressão ou no modelo colonial, que trazem os binarismos: opressor/oprimido. Os estudos culturais tendem a voltar-se para aquilo que considero a articulação, a transformação social, o encontro que possibilita a constituição da comunidade, ou seja, os estudos culturais, ao se ocuparem de questões como identidade e cultura, possibilitam-nos entender o processo de constituição de uma comunidade.

O modelo de organização política das comunidades surdas é um fato recente. O que constitui a política é uma auto-definição do local onde as pessoas estejam lutando, ou o sentido dos significados que tais lutas produzem novas oportunidades, novos discursos que

tendem a superar os supostos pontos de poder inseridos nas estruturas sociais.

A investigação sobre a constituição e a política das comunidades surdas é suficiente para se ter uma idéia de que assume um conteúdo intrínseco e essencial por uma origem comum e uma estrutura. Basicamente a luta pela representação toma a forma da apresentação de uma comunidade inteiramente constituída, separada e diferente.

Para Anderson (1993, p.21), a comunidade precisa ser entendida considerando a história, o modo como chegou a ser, as formas de intercâmbio com outras comunidades, os significados que foram sendo ajuntados através do tempo, e a legitimidade atual.

Nos Estudos Culturais, notamos a tendência a constituir uma espécie de alquimia como diz Johnson (2.000, p10) onde as relações se estabelecem em um campo de lutas e o poder deve ser visto de forma produtiva. Esta alquimia se refere ao modo como o pesquisador vai ajudando a comunidade a criar forma. Bhabha (1998, p 68) tem uma idéia desta posição quando nomeia que o intelectual nativo identifica seu povo e sua cultura.

Posso cogitar, como intelectual nativo, que a comunidade surda reorganiza e constrói sua cultura e seu texto traduzindo-os com sua linguagem e vestimenta. Ao meu entender, aí deveriam chegar os estudos surdos, no que os diferencia dos estudos culturais. Entretanto, não pretendo dizer que os ouvintes não têm entrada; ao contrário, os ouvintes solidários são a maioria em produções para os estudos surdos.

Entender a comunidade surda como um local onde se estabelecem lutas cotidianas constitui uma tentativa de mapearmos alguns de seus discursos. Estas relações de luta, complexas para serem narradas, criam espaços não previstos, difíceis de serem controlados, criados a partir de rupturas que interrompem com a continuidade da história.

Nos estudos culturais podemos ter em vista o sujeito surdo presente na comunidade. Este sujeito é aquele que é visto pelos estudos surdos como um sujeito diferente em sua forma cultural, representante de uma comunidade lingüística. Nota-se que a comunidade surda se mantém apesar das inúmeras tentativas de grupos e de discursos dominantes com suas atitudes predatórias, que pensam a surdez ou que se dedicam a trabalhar com surdos de forma a ouvintizá-los ou desarticulá-los da comunidade, ou mesmo tratando-os como deficientes, como incapacitados ou cognitivamente nulos, e outras representações que aparecerão neste estudo feito.

Os surdos como sujeitos culturais produzem significados capazes de serem entendidos pelos estudos culturais, inclusive produzindo um discurso que é diferente daquele da sociedade organizada e pensada por ouvintes. Eles se narram representantes de uma comunidade que possui categorias de identidades, valores e organização de grupo, língua, na construção diferente da comunicação visual, da própria produção da história, da arte, da organização de tempo, através de uma infundável relação de expressões que mostram outras assimetrias.

A comunidade surda constrói uma cultura e produz identidades em espaços geográficos, no sentido de nascerem dentro desses, mas em espaços possibilitados ou conquistados para que ocorra, intencionalmente ou não, a organização e a produção surda. Visto desta forma, quando pensamos em surdos culturais, precisamos estar atentos para os espaços em que eles estão organizados. Tentar construir uma comunidade surda é ter os discursos produzidos nela ou que a legitimam atravessando a cultura surda. Esses atravessamentos geralmente vêm enfocando ou utilizando diferentes formas nas últimas décadas, o que é mais expressivo e visível na cultura surda, a língua de sinais. Esses são espaços comuns de lutas levantadas pelos movimentos surdos.

### **CAPÍTULO III - ASPECTOS DA DIFERENÇA INERENTES À COMUNIDADE SURDA**

É inevitável que ao surgir a marcação da diferença, como propõe Woodward (2000. 36), se note o reconhecimento da complexidade das divisões sociais, da política de identidade na qual a raça, o gênero e a etnia são centrais, o que tem chamado a atenção para outras divisões sociais.

As divisões sociais, ou as divisões políticas, geralmente recaem em torno da diferença que exerce um importante papel quando se trata de obter processos e significados inerentes às comunidades. As diferenças das comunidades são reproduzidas entre si em formas diversas, seja pela diferença entre as pessoas, seja pela diferença do grupo com outros grupos, seja pela cultura ou ainda pela própria comunidade possibilitar a diferença. O que se sobressai no interior da comunidade é que pessoas envolvidas na diferença agem por um processo ordenado que tem aspectos especiais inerentes. Isto funciona como se realmente fosse o mecanismo de restauração da unidade, de que Anderson (1993, p. 18) tem em conta como sendo o elemento gerador da vida em grupo.

Esta busca pela unidade é bastante expressiva em textos atuais. Quando sustentamos a marcação da diferença, notamos que as pessoas encontram sentido para isto por meio da atribuição de diferentes posições em uma classificação que as comunidades podem permitir.

Benedict Anderson no seu ensaio "*Comunidades imaginadas*" tem diferentes posições classificatórias de comunidades, igualmente diferentes posições de como estas comunidades posicionam o sujeito.

Nas comunidades em construção, os elementos dispersos tendem a construir a comunidade, há inícios de laços semelhantes, de marcação de diferença entre as pessoas, diferentes processos que formam as significações.

Anderson fala de comunidade como o espaço territorial e social herdado do passado, ou seja, ele entende a comunidade como sendo o local de uma comunidade imaginada. Isto implica em dizer que comunidade significa um encontro com um espaço referentemente limitado onde se herda uma cultura, uma identidade sócio/cultural já ocorrida num passado em que teve uma virada histórica para o jeito de ser.

Diante dessas considerações de Anderson, os processos históricos que realmente sustentam as diferenças ou as identidades envolvem sexo, nação, nacionalidade, também pertencemos a uma cultura ou conflitos nacionais, étnicos, todos eles fortemente baseados na diferença. E Anderson (1993, p. 23) propõe uma abertura para o conceito de "*una comunidad política imaginada como inherentemente limitada y soberana*". Assim, notamos que as comunidades surdas se criaram mediante signos expressamente visuais, concebidos por meio da representação da identidade.

### **3.1- Que vem a ser comunidade surda?**

No mundo contemporâneo, a tentativa de delimitar o espaço geográfico da comunidade surda se apresenta possível. Estas comunidades geralmente estão presentes nos grandes centros, onde predomina a tendência de importar a cultura surda de outras regiões. Colocar a questão da comunidade surda significa ter em conta a representação da diferença: cultural, histórica e de identidade. Nas comunidades surdas, estão presentes a diferença, a exclusão e a discriminação, bem como o poder do discurso ouvintista.

A comunidade surda não pode ser lida do ponto de vista dos discursos do politicamente correto, nem dos discursos inerentes aos ouvintes ou aos outros deficientes. A comunidade surda pode ser lida a partir dos discursos culturais próprios. É aí, dentro da sua

esfera cultural, onde ela revela sua diferença, seu texto limite, suas estratégias e sua definição. Garcia (1999, p.155) apresenta claras pistas sobre a existência da comunidade surda:

Dentro da comunidade dos surdos, o mundo é visto como sendo dividido em mundo dos surdos e mundo dos ouvintes. No mundo dos surdos, os surdos não são incapazes, mas simplesmente usam uma linguagem diferente que é visual/gestual. A comunidade dos surdos quer ser vista como uma comunidade lingüística e cultural diferente, e não ser vista como diferente por causa da incapacidade. A visão de mundo dominante dos surdos continua a ser o mundo como uma dicotomia de pessoas ouvintes e surdos. Isto é necessário para construir uma comunidade de surdos coesiva, auto consciente e orgulhosa.

Skliar (1998a, p.7), numa visão mais precisamente histórica, mostra que forças políticas e oficiais atingem esta comunidade, obrigando-a a sobrevivência às forças externas e igualmente a buscar um princípio para sua existência.

Foram mais de cem anos de práticas engeguecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos. (Skliar, 1998a, p.7)

Skliar e Garcia, utilizam expressões que evidenciam a existência da comunidade surda. Notamos que a comunidade surda é uma questão presente e atual e isso se evidencia pela pergunta: Existe a comunidade surda? A resposta é sim. Trata-se, então, de distinguir e definir suas atividades e atributos atuais inerentes. Para isto, assume máxima importância o discurso antropológico sobre a surdez e a representação da identidade dos surdos, a língua e as experiências visuais.

A idéia da identidade cultural nas comunidades surdas não se apresenta estável. Ela é ameaçada constantemente pelo "outro". Este outro pode se referir aos surdos que optaram pela representação da identidade ouvinte. Esta política de representação



geralmente terá uma incidência negativa. A cultura surda produz um conjunto de perspectivas e representações que, em geral, constituem o surdo como fonte de fascínio.

A diferença entre as diversas comunidades de surdos se situa na forma como estas são constituídas politicamente. Alguns indivíduos das comunidades surdas optam por viver a partir das experiências de organização junto a outros surdos, resistindo a opressão e a marginalização; outros, entretanto, vivem colonizados pelo poder dos ouvintes, sem conseguir romper com esta forma de opressão.

### 3.2- Aspectos epistemológicos inerentes à comunidade surda

Não é difícil definir o termo *comunidade*. Em contraste, o encontro de escritos sobre o tema é bastante amplo.

Assim, Anderson (1993, p.18) tem uma definição de nação como sendo “*um espaço territorial e social herdado do passado*”. Isto implica em dizer que comunidade significa um encontro com um espaço referentemente limitado, onde se herda uma cultura, uma identidade sócio/cultural já ocorrida num passado onde houve uma virada histórica para o jeito de ser da nação surda.

Em vista das semelhanças de significações do termo “comunidade”, “povo”, “nação”, poderíamos chegar à idéia do conteúdo de aspectos culturais referentes a uma comunidade particular.

Segundo o mesmo autor:

precisamos tomar una posición a fin de entenderlos adecuadamente, necesitamos considerar com cuidado cómo han llegado a ser em la historia, em qué formas han cambiado sus significados a través del tiempo y por qué, en la actualidad, tienen una legitimidad emocional tan profunda. (Anderson, 1993, p.21)

Diante dessas considerações de Anderson, fico pensando se temos um sexo, uma nação, uma nacionalidade, se pertencemos a uma cultura, no caso da comunidade surda.

E Anderson propõe uma abertura para o conceito de comunidade surda como sendo “*una comunidad política imaginada como inherentemente limitada y soberana*”. Se a

comunidade surda é, primeiramente, ligada por uma representação da identificação, tem, conseqüentemente, uma língua que influi na diferença essencial. Como podemos ver, a política de significação opera como a necessidade de pátria cultural com poder de identificação para auto-identificar-se, auto-narrar-se... ela tem razão de ser e existir.

Yerker Andersson, sociólogo surdo dinamarquês, nos induz a pensar o termo comunidade surda da seguinte forma:

Os adultos surdos chamavam a si mesmos de “o mundo surdo” no passado, mas os novos substitutos “cultura surda” e “a comunidade surda”, ou seus equivalentes em outras línguas, não têm sido aceitos ainda na maioria dos países. O questionamento deles é se os surdos deveriam adotar os termos criados pelos cientistas ou educadores. (Andersson, 1996, p.156).

Como acadêmico, uso o termo **comunidade surda** porque o mesmo se adapta facilmente. Mas aqui tenho de separar “mundo surdo”, “comunidade surda”, “cultura surda”... Entendo **mundo surdo** como a produção de significados ou de expressão dos surdos, **cultura surda** como as significações produzidas no interior da comunidade surda e por **comunidade surda**, claramente passo a mencionar a comunidade, o momento de encontro das pessoas surdas. Porque isto? Porque os surdos têm tendência a encontrar-se com identidades iguais que se diluem pelo uso constante da língua de sinais como forma de comunicação, como forma de expressão cultural que difere da expressão do ouvinte. Por exemplo, as reuniões de diversão dos surdos raramente comportam o elemento música, comportam sim as muitas horas passadas no sinalizar, na diluição do conteúdo de suas vidas na comunicação entre semelhantes.

Isto implica naquilo que Andersson fala sobre o termo negativo “*gueto surdo*” aplicado a comunidade de surdos, uma acusação comum feita quando tentamos definir valores da comunidade surda. Esta é uma forma de admitir o “politicamente correto”, de afirmar em tudo a superioridade da comunidade ouvinte.

Cabalmente, há múltiplas formas de mencionar comunidades surdas:

- a) **Família surda:** da união de 2 pessoas surdas pelos laços do matrimônio resulta a família, às vezes constituída de pai, mãe e filhos surdos e às vezes sendo apenas os pais

surdos;

- b) **Comunidades surdas propriamente ditas:** encontros de surdos no movimento surdo, nas ONGs, nas associações de surdos, nas festas, nas promoções, nas escolas, nos encontros de escolas... Resumindo, o que favorece o contato surdo-surdo.
- c) **nação surda:** a totalidade dos surdos, a maioria surda, particularmente tendo à frente seus líderes, ou seja, a comunidade surda no sentido da palavra.

Assim, retornando a Andersson, notamos que as comunidades nasceram mediante signos expressamente visuais, concebidos por meio da representação da identidade. Estas comunidades têm um caráter distinto das demais comunidades ouvintes onde o elemento que une é a língua oral, pois nas comunidades surdas o que predomina é o elemento visual.

### 3.3- Movimento interno

Para que tenhamos comunidade surda, inerentemente é preciso um grupo de pessoas com características transparentes iguais. Um grupo que se identifique como surdos. Trata-se de fazer um movimento na busca de ser comunidade com relações internas. Mas para que este movimento, para que estas relações sejam fator para seu crescimento, é preciso “sujar o seu chão” com manifestações de vida próprias do movimento surdo, como a preocupação com a língua de sinais (ela é conhecida, é aceita, existe?) ou com questões mais avançadas, como a luta por saúde, educação, comunicação.

Se existe certa cegueira a estas questões, ela gera ou expressa a alienação dos surdos em relação aos deficientes e ouvintes. Neste ponto notamos que comunidade ouvinte evolui, mas a comunidade surda permanece condenada ao “exílio do silêncio” que é, no dizer de Gentili (1997, p. 198), “*a linguagem das sociedades derrotadas e sem esperança*”. Em algumas há a inércia, devido a esta ausência, cujas diferentes identificações levam à “*auto depreciação, vergonha e isolamento ou passividade*” (Rose e Kiger, 1995).

Nas comunidades surdas há uma exigência interna de identidade surda. Por exemplo: a questão das pressões internas como esta: *fica aqui, ... não vá, ... há outros surdos, ... é bom nosso convívio. ...* Dentro da comunidade surda também há regulamentos policiando, perguntando: *O que tu és primeiro: surdo ou ouvinte?* (Garcia, 1999). Isto não

só implica em uma exigência de identificação interna, mas leva a uma livre escolha de identidade.

Se o fator comunidade surda é o determinante de identidade da pessoa que participa dela, também esta determina o tipo de comunidade. Temos ouvintes dirigindo comunidades de surdos e estas caminham sob as mãos deles, observa-se que os surdos neste ponto são membros passivos, suas lutas não têm o caráter das comunidades dirigidas por surdos, nem seus líderes a garra destes.

Geralmente são também muito influentes os líderes das comunidades surdas que têm a função de conduzir estas comunidades. Cumpre notar que estes líderes do movimento surdo não estão presentes em todas as comunidades surdas. Às vezes há líderes cuja ternura faz deles os inventores de táticas de resistência contra tudo que mantém os surdos na exclusão, inventando uma práxis que leva os surdos a se sentirem cidadãos do mundo. Há, entretanto, outros líderes que subjagam os surdos para o cotidiano da exclusão e opressão. Desta forma, poderíamos, como acentua McLaren (1999; p. 130), citando Said (1994, p. 102) atribuir ao líder *“a ressonância unicamente porque se associa livremente com a realidade dum movimento, com as aspirações dum povo, com a busca comum dum ideal compartilhado”*.

Inerentemente a estas comunidades também é observável as resistências internas, como por exemplo: o multiculturalismo, a exclusão, forças de poderes e resistências.

Minha afirmação inicial é que não é toda comunidade surda que se une em movimento. Pleiteio pela multiplicidade de comunidades surdas, pela diferença existente entre elas e pela sua presença necessária para o bem do sujeito surdo.

### **3.4- A comunidade surda**

Meu interesse me leva às comunidades surdas, leva inclusive a pensar como estão inerentemente constituídas. Provavelmente a idéia de Sarup (1995, p. 271) possa ser uma resposta para estas comunidades surdas.

Millones de personas de todo el mundo buscan sus “raíces”, vuelven al pueblo, al campo o al continente del que salieron hace mucho tiempo. Prueban y aprenden algo de esa cultura, de esa historia. Son

personas a quienes les ha resultado difícil “echar raíces”, estableciéndose de manera firme. Aprendiendo algo de sus “raíces”, revalorizan (así lo esperan) su identidad. Sarup (1995, p. 271).

O velho oralismo obrigou e obriga a uma situação de perda diante da superioridade ouvinte, ou seja, sendo incapaz de oralizar, de alfabetizar-se, sobra ao surdo uma situação de isolamento, de incapacidade, de desinteresse pela vida. A outros, resta a migração para o encontro com os surdos.

A história do surgimento das comunidades surdas é também uma invenção dos surdos “vendedores de cartelas” (santinhos com o alfabeto manual) que possivelmente surgiram da mesma linha que os “pedidores de esmola”. Eles eram viajantes que percorriam as cidades e quando retornavam, traziam na bagagem novos sinais para enriquecer seu vocabulário e dos outros surdos, das associações de surdos, das festas, das lutas. Carregadores ambulantes, eles merecem destaque. Como diz Hall (1997), *“A migração é uma viagem de ida. Não há morada para regressar”*. Provavelmente eles tinham suas comunidades em muitos cantos e aí juntavam a solidariedade aos surdos de sua região.

### **3.5- Geografia: o lugar da comunidade surda**

As comunidades surdas parecem despedir-se das pequenas cidades, povoados e vilas para surgir com toda sua força nos grandes centros, onde são oferecidas melhores e mais oportunidades de trabalho, onde a comunicação, a educação e a tecnologia de/para os surdos são bem mais desenvolvidas.

Em alguns dos grandes centros os discursos são de hegemonia ouvinte e, geralmente, os surdos são oralizados e o movimento se apresenta menos intenso. Se a predominância nos discursos é a cultura surda, então predomina a força surda construída a partir desta cultura. Essa mudança de discurso possibilita o que denominamos de sujeito cultural. De posse desta representação do surdo, enquanto sujeito cultural nos grandes centros, se desenvolve o poder surdo responsável pelos movimentos surdos que tem provocado as mudanças hoje existentes.

Os padrões de cultura desigual entre os surdos estão sujeitos aos espaços geográficos, por isto constantemente se mencionam os grandes centros onde há movimentos surdos mais desenvolvidos. Daí, igualmente, a diferença entre um surdo do nordeste, do Centro Oeste, do Sul. O processo de produção de identidades, operacionadas nos diferentes lugares, acontece em torno de como a vida social é constituída pela representação surda e como pode variar, de acordo com o lugar de origem.

Isto muito justifica nossa pretensão de identificar a existência/inexistência de comunidades surdas em municípios pequenos. Como dizer que uma comunidade surda existe, sem um passado, sem traços culturais? Como identificar um grupo de sujeitos surdos que nunca se encontrou, mas que são surdos. Como chamar de comunidade a este grupo? A sua existência é uma comunidade ou pré-comunidade?

### 3.6- Construções culturais

A cultura surda atualmente está parafraseada por diferentes definições culturais, onde impera o poder do ouvinte, ou seja, a hegemonia desta cultura. Isto implica em dizer que os surdos possuem suas vidas culturais não totalmente identificadas, sendo controlados pela presença do poder ouvinte.

Hall (1997; p. 39) explica que *“A cultura é modelada, controlada e regulada e por sua vez nos governa, regula nossas condutas, ações sociais e práticas e assim a maneira como agimos no âmbito das instituições e na sociedade mais ampla”*.

O trabalho de Lane (1992) olha este momento de choque cultural do surdo e salienta o que é mais importante no aspecto cultural da pessoa surda, isto não sem mencionar, numa linguagem moderna, o que faz parte do referido “sofrimento do surdo”.

Este choque cultural pode ser exemplificado como no caso a seguir:

Nascemos os dois surdos, estamos casados há dez anos, trabalhamos como as pessoas ouvintes, vivemos num bairro de ouvintes, conduzimos o carro como os ouvintes e tiramos férias nos mesmos sítios que eles. A única diferença nas nossas vidas reside no facto de sermos surdos. Os nossos dois filhos de cinco e sete anos nasceram sem problemas de audição e desde o seu nascimento que a sua língua mãe é a linguagem gestual; muito antes de serem

capazes de utilizarem palavras falavam conosco na nossa linguagem. Fizemos desde cedo, durante a sua infância, esforços para os colocar em contacto com o maior número possível de pessoas ouvintes, porque sabíamos que um dia o mundo ouvinte seria o deles. Agora são bilíngües. Porque razão os pais ouvintes quando têm um filho surdo não procedem da mesma maneira? Porque não lhes ensinam a linguagem gestual? Porque não os ajudam a conhecer pessoas surdas, visto que é aquele mundo que lhes está destinado para a sua vivência? Quando éramos crianças os nossos pais proibiram-nos de utilizar a nossa linguagem gestual porque os médicos, os professores e os especialistas em questões de surdez lhes disseram para assim fazerem. No decorrer dos nossos estudos, aprendemos a fala, a ler os lábios e a cultura dos ouvintes, mas quando começámos os nossos trabalhos, apercebemo-nos de que tudo aquilo tinha sido um fracasso. No que respeita à opinião dos ouvintes nós não deixávamos nem nunca deixaríamos de ser surdos. Afirmavam que, para eles, era difícil perceberem-nos e que nós não os percebíamos. Era difícil, humilhante a situação pela qual nós passámos. (Lane, 1992, p.41).

Considerando que a cultura surda mostra uma nostalgia curiosa em relação a uma “comunidade imaginada”, e que é barbaramente ou profundamente transformada, senão destruída no contato com a cultura hegemônica, ela age como reguladora da formação da identidade surda, que se reaviva novamente no encontro surdo-surdo. Este encontro é um elemento chave para o modo de produção cultural ou de identidade, pois implica num impacto na “vida interior”, e lembra da centralidade da cultura na construção da subjetividade do sujeito surdo e na construção de sua própria identidade como pessoa e como agente no meio social.

O que configura a verdadeira cultura da surdez? Seria necessário pesquisar os signos, sinais e símbolos que formam este aspecto da comunidade imaginadamente surda. É preciso considerar os significados como produzidos no interior das significações inerentes a cultura surda. Não se podem considerar os aspectos da cultura hegemônica. Mas neste sentido não se trata de formar “gueto” da cultura surda, trata-se de chegar a sua centralidade, um foco diferente de identificação cultural própria. Vale a pena fazer uma pergunta: *você é surdo no sentido aqui definido, no interior de seu ser, no coração, genes, aspirações, emoções, centro?* A resposta a esta pergunta implica numa descida a identidade surda, implica em uma construção de signos de forma visual, mais amplificada e exclusiva, que a cultura hegemônica não reconhece, como bem indicou Lane.

### 3.7- A disputa pela diferença

Enquanto o conhecimento sobre os surdos e a surdez for produzido no campo de educação especial, os discursos dificilmente ultrapassarão duas ciências: a psicologia e a biologia. Nestes discursos do conhecimento não existe comunidade surda nem identidade surda. Eles se referem exclusivamente a surdez como patologia. À medida que ultrapassamos esta idéia, chegamos ao conhecimento das ciências sociais em sua diversidade (políticas e culturais).

Para a Educação Especial, está politicamente correto colocar o surdo entre os deficientes, politicamente correto incluí-lo entre os necessitados de tratamentos de saúde. Assim, trata-se a surdez com aparelhos amplificadores de som, os surdos são excepcionais, patologizados e a surdez têm caráter de doença a ser tratada. Os surdos são, assim, denominados deficientes auditivos e a teoria está certa: eles têm deficiência quando patologizados.

Educação Especial é uma educação desenvolvida para tratar de necessitados como os deficientes mentais, os superdotados, os paraplégicos, os autistas, os cegos e os “deficientes auditivos”. Se assim fosse, alunos surdos de Charqueadas - onde, de início, apenas dois pouco dominavam a língua de sinais, outros três e uma aluna, com mais idade, a dominavam de forma muito precária - continuariam sem ver a luz de uma comunidade que lhes aponta para uma saída. Isto porque a pedagogia destas visões gera uma representação de doença, de desesperança, de dependência. A emancipação do surdo está condenada ao fracasso pelas fantasias delirantes e paranóicas do ouvintismo que, na sua frustração, assassinaram muitos: Beethoven, Thomas Edison, Helen Keller, e tantos outros.



## **CAPÍTULO IV - MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE OS CONTATOS CULTURAIS: A HISTÓRIA DOS SURDOS DE CHARQUEADAS**

Quero chamar a atenção quanto à forma como consegui os dados da pesquisa. Quanto ao registro, acompanhei os surdos no interior do município de Charqueadas, filmando e anotando as manifestações culturais surgidas no passar do tempo em um diário de campo, ao mesmo tempo em que fazia meus comentários e conclusões. Este quarto capítulo do trabalho será dedicado para ilustrar o processo ocorrido durante os dois anos em que estou trabalhando como professor em Charqueadas, visando mostrar como a comunidade de surdos da chamada região do carvão vem se constituindo através do contato surdo-surdo, que se intensificou com a criação da classe de surdos e com o resgate para a escola dos surdos evadidos.

### **Conhecendo o município de Charqueadas**

No começo em Charqueadas nós, pesquisadores do projeto, fomos informados pela SMED que eu trabalharia com seis alunos surdos. Seria feito o meu contrato como professor surdo para os alunos surdos para trabalhar junto com uma professora especial na Escola Municipal de 1º Grau Octávio Lázaro. Pela primeira vez, pisei na terra de Charqueadas.

### **Conhecendo a escola e os surdos**

No dia vinte e quatro de abril de 1999, sexta-feira, pela manhã fui à Escola Municipal de 1º Grau Octávio Lázaro. Esta é uma escola para ouvintes onde existe uma

classe especial para os surdos. Conheci e cumprimentei dois alunos surdos, uma menina e um menino, bem como a professora da classe<sup>14</sup>. Fiz algumas perguntas aos surdos, mas eles ainda não se comunicaram comigo, pois não sabiam o sinal deles, nem mesmo o nome e a idade. Segundo a professora, eles se chamam Aline e David e ambos têm doze anos de idade.

Algumas horas depois, eles se comunicaram comigo por gestos e sinais precaríssimos, mas eu não pude entendê-los, assim como eles não entenderam o que eu tentava lhes dizer.

### **Classe especial para surdos**

Esta classe pertence aos surdos ou é cedida para eles? É uma classe onde também funciona uma turma de alunos ouvintes em outro turno; o ambiente todo está relacionado com o "som"; é feito para as pessoas que necessitam do som para ouvir, para escutar, para discriminar; os painéis são feitos para os educandos surdos e para os ouvintes e ficam misturados nas paredes.

### **Onde estão os outros?**

Eu perguntei para a professora onde estão os outros surdos do município. Segundo ela, os que faltam são os surdos adultos, que já foram avisados pelos pais sobre a minha presença. A professora acredita que estes alunos não querem mais vir às aulas porque na escola só tem alunos pequenos (crianças) e eles já são grandes (adultos). As crianças surdas são carregadas ou forçadas a freqüentar a escola pelos pais e até mesmo pela professora, que sempre transporta uma menina surda que mora perto dela.

### **A surda da zona rural**

Na segunda-feira, vinte e seis de abril, veio Silvane, uma aluna surda de 15 anos. Junto com ela, vieram Aline e David. Silvane mora na zona rural, mas fica na casa da irmã para poder freqüentar as aulas.

---

<sup>14</sup> A professora de surdos do município de Charqueadas, que se chama Silvia Rodrigues, havia feito o curso de LIBRAS no CAEDA e foi escalada para esta turma há mais de sete anos. Fomos informados por esta professora, que antes esta turma funcionava em São Jerônimo, mas com a morte da professora de lá, a turma se transferiu para Charqueadas.

### **Solicitando as buscas**

Solicitei a professora a nossa ida em busca dos surdos adultos que faltam as aulas, com a tentativa de fazê-los voltar, e meu pedido foi aceito.

### **A procura dos sujeitos surdos evadidos**

Com o carro da professora, fomos, como combinado, à casa de “Cabelo do Índio”, (sinal dado pelos alunos ao colega Cláudio). Aline, David e Silvane informam que Cláudio mora a duas quadras da escola. Chegamos lá às onze horas. Antes de chegarmos, os alunos me informaram que Cláudio conhece quase todos os surdos dali. Parece que ele é um líder e conhecido por muitos surdos de Charqueadas e região.

### **Ao ouvir o som**

Batemos. Ao ouvir o som emitido pelas batidas de palmas ou o toque da campainha, só às pessoas do som podem atender. A mãe e irmã dele vieram do lado da casa e me disseram que Cláudio estava dormindo. Ele vive em um alojamento pequeno separado da casa da família, nos fundos e atrás da garagem, ficando trancado lá, afetado e deprimido em relação à família...

A mãe de “Cabelo Indígena” disse que era impossível abrir a porta. A irmã nos chamou dizendo que iria tentar entrar pela janela. Abriu-a e atirou o chinelo nele enquanto dormia. Cláudio acorda assustado. Eu tento cumprimentá-lo fazendo sinal de positivo, sorrindo. Ele nos olha atentamente. Eu e a professora “Brinco” tentamos explicar “novo professor surdo, nova educação...”. Eu lhe pergunto: “- Você não ouve? Eu também não ouço...”. Ele, impressionado, assentiu com a mesmidade, imitando “eu não ouço”.

### **O sujeito surdo que ficava trancado o dia todo**

Segundo a mãe e a irmã, “Cabelo Indígena” é um surdo adulto que vive trancado o dia todo. Na época em que eu o conheci, tinha 24 anos e passava o dia no quarto, pois sua comunicação com a família era complicada. Saía deste quarto apenas para comer ou ir para a casa da tia, com quem existia uma comunicação restrita e compreensível (sinais simbólicos entre eles.). Nos horários de folga, o rapaz fazia lindos cestos, baús e vasos de jornal reciclado no seu quarto. Na minha procura por surdos evadidos, convido-o para ir às

buscas. O contato e a simpatia entre nós foram imediatos, pois éramos surdos. Convenci-o a voltar às aulas.

### **O surdo reconhece os outros surdos**

Juntamente com “Cabelo Indígena” fomos à casa de “Boné”, outro surdo que “Cabelo Indígena” o chamou de sinalizado. “Cabelo Indígena” nos guiou, pois ele sabe onde mora “Boné”.

### **O surdo “grande” não quer ir às aulas**

Chegamos a casa de “Boné” (os surdos o chamam sinalizando-o) e sua mãe nos disse que ele estava dormindo e que costuma dormir até a hora do almoço. A mãe falou, ainda, que ele não quer mais ir às aulas. Ele próprio, havia me falado que é “grande” na escola, onde os demais alunos são crianças. Ele estava com 20 anos e não se adequava na escola.

Depois fomos à casa de quem “Cabelo Indígena” chama pelo sinal de “Cabelo até Seio”. A casa estava fechada e ninguém atendeu.

### **Os surdos dormem até a hora do almoço**

Depois fomos à casa da irmã de uma surda a quem os surdos deram o sinal de “Pó Facial<sup>15</sup>”, pois ela sempre usou este. “Pó Facial” mora com a irmã. Nós a chamamos batendo palmas. Veio a irmã e falou que ela dorme até a hora do almoço. Os sujeitos surdos isolados dormem demais. Costumam acordar ao meio dia para poder comer e, muitas vezes, voltam a dormir em seguida, pois vivem em ambientes exclusivos de sons aos quais não têm acesso.

“Pó Facial” tem uma filhinha que foi cuidada por sua irmã e seus sobrinhos. Quando chegamos, “Pó Facial” foi acordada e nos atendeu com os olhos inchados. Chama-se Rosa, é simpática, casada, mas o esposo mora em Triunfo. Perguntei-lhe porque não mora com o marido e “Pó Facial” me respondeu: “nem penso nele... É ouvinte. A nossa comunicação sempre é complicada”. Os pais de “Pó Facial” moram em Triunfo e ela fica na casa da irmã para poder freqüentar as aulas. Os surdos que estavam comigo, sentiam-se ansiosos por tentar se comunicar com “Pó Facial”.

Os surdos estavam mais felizes ao perceberem o retorno dos surdos evadidos, tentando comunicar-se entre si através de gestos, imitando um pouco pantomima.

### **A surda proibida de ter contato com a outra surda.**

Perguntei para "Pó Facial" e sua irmã se aquela moça que mora em frente, "Cabelo até Seio", da mesmidade já havia contatado com elas. Segundo elas, "Cabelo até Seio" não fala mais com "Pó Facial", não a visita há muito tempo, pois foi proibida pelos pais.

### **Os alunos surdos com o professor surdo. A mesmidade**

Depois da busca dos alunos surdos, todos vieram para a escola ansiosos por terem um professor surdo. Pela primeira vez, estavam interessados em algo. Houve o despertar da mesmidade no grupo.

Todos os alunos: "Boné", "Cabelo até Ombro", "Franjinha", "Cabelo Indígena", "Pinta no Nariz"<sup>16</sup> e "Pó Facial", entraram em consenso quanto aos sinais de identificação, anteriormente usados superficialmente, pois sentiam-se deficientes no mundo do som. Todos sentados, calados, separados entre si, não comunicavam. Assemelhavam-se a homens pré-históricos sem fluência em LS. Sua condição social é baixíssima. Não havia qualquer sentimento de pertencer a identidade e a cultura surda.

Os alunos surdos ainda esperavam que a professora escrevesse no quadro negro para poderem copiar no caderno, como faziam tradicionalmente.

### **A mãe ignorando a educação dos surdos**

No dia seguinte, "Franjinha" chegou. Ele é um surdo severo e a mãe insistia que "Franjinha" ouve um pouco, mas o insuficiente. Desejava que ele pudesse falar mais, e disse que, para isso, "Franjinha" freqüentará a clínica de fonoaudiologia em outro turno. "Cabelo Indígena" também passou a freqüentar a clínica de fonoaudiologia.

### **Os surdos são pré-históricos?**

Durante as aulas, os surdos se comunicavam com alguns gestos, sinais soltos, parecendo-se com homens pré-históricos, descomunicados, inexpressivos (sem expressão

---

<sup>15</sup> "Pó Facial" é sinal da aluna surda que se chama Rosa.

<sup>16</sup> "Pinta no Nariz" é sinal da aluna da zona rural que se chama Silvane.

do riso, da admiração, da sensação, etc.) dentro da família, da escola e da sociedade. Eles foram influenciados por pessoas do som.

### **Sinais paupérrimos, incorretos**

Alguns sinais errados, malfeitos, foram introduzidos pela professora ouvinte. Perguntei a professora como aprendeu e quem lhe ensinou. Ela respondeu que aprendeu um pouco quando estava cursando a graduação na ULBRA através uma pessoa ouvinte, de quem não lembra o nome. Perguntei-lhe, ainda, em que séries estavam os alunos surdos. Ela me respondeu que na classe especial, todos são da primeira série. Perguntei-lhe: Há sete anos na primeira série? Na verdade, disse ela, não regularizaram a turma de surdos nem lhes deram histórico escolar. Eles foram mal orientados em relação a língua de sinais, que lhes fora ensinada por pessoa da “outridade”. O padrão do professor para ensinar a Língua dos Surdos deve ser a pessoa da mesmidade, ou da identidade surda ou a pessoa que tem a filosofia da vida do surdo.

### **Surdos no recreio**

Os surdos foram chamados para o recreio pela professora ouvinte, que ouvia os sons emitidos pelo sino usado pela diretora. Depois do aviso, fiquei surpreso ao ver os surdos permanecerem dentro da sala, não querendo ficar com os ouvintes no pátio por medo de serem ridicularizados, provocados com a batida de pedrinhas nas costas, zombados e chamados de deficientes, loucos, inferior cognitivamente, etc. Tentei convencê-los a sair da sala para ficarem comigo, mas eles negaram.

### **Providenciando a regularização da turma de surdos, o censo dos surdos e o curso de LIBRAS**

Eu e Ricardo (também pesquisador do projeto) fomos a SMED falar com a Secretária de Educação, onde discutimos sobre os seguintes assuntos:

- 1) Censo visando a busca de mais surdos para a escola. A divulgação seria feita através de folhetos chamando os pais para uma reunião;
- 2) Regularização da turma de Surdos;
- 3) Curso de LIBRAS para professores, familiares e demais interessados.

## **Ensinando a Língua dos Surdos**

Através da LS, os alunos foram sendo instruídos com a sinalização correta, aprendendo os sinais para a família (pai, mãe, avós...) e dos objetos dentro da aula. Eles tinham uma sinalização muito precária e utilizavam sinais distintos para se referirem aos elementos da família, aos pronomes pessoais, aos objetos etc.

## **Desconhecendo a história de LIBRAS**

No dia vinte e sete de abril, eles mostraram alguns sinais diferentes, ensinados pela professora. Expliquei-lhes que alguns estavam incorretos, eles hesitaram e eu deixei este assunto para depois. Os surdos da região desconhecem a história de LIBRAS<sup>17</sup>, os dialetos, a cultura surda etc. A professora e os alunos me mostraram as apostilas que contém os desenhos de sinais, com as palavras em baixo dos mesmos. Os alunos não conseguiam entender nem reconheciam as palavras em português.

## **Ampliando a visão do espaço em todos os compartimentos da escola e a sinalização**

No dia trinta de abril, sexta-feira, levei os surdos para fora da aula para conhecer e sinalizar cada compartimento: a cozinha, os sanitários masculinos e femininos (explicando o gênero), a sala da diretora, a secretaria, a biblioteca, o pátio, as salas de aula... Enquanto andamos, questiono-os onde fica, por exemplo, a cozinha, para que os alunos aprendam a reconhecer o espaço e a direção.

## **Narrando contos em LS**

Na hora do conto, dramatizamos e contamos em LS o texto “Minhoca Valente”. Depois do trabalho eles tentam costurar os sinais soltos que costumavam fazer anteriormente. Aprendem seqüência lógica... Ficam admirados, atentos e contentes. Como num palco, dentro da sala eles próprios dramatizam, entusiasmados. Cada um reconta o texto em LS. No início, não conseguiam memorizar, mas foram tentando outras vezes até chegarem a forma mais correta.

---

<sup>17</sup> LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais é a língua oficial da comunidade surda do Brasil, amplamente divulgada pela FENEIS nos dias atuais.

Em outro dia, os alunos surdos pediram que fizéssemos o mesmo, mas com outro texto. Como sentiam necessidade de se expressarem...

### **Trabalhando com a construção do tempo**

No dia três de maio trabalhamos com o tempo, utilizando um calendário sinalizado com os dias da semana, ontem/hoje/amanhã e os meses para conhecer melhor o tempo. Os alunos desconheciam estes conceitos pela falta de comunicação e informação, por isto não pude perguntar-lhes sobre suas trajetórias educacionais e familiares. Eram surdos impossibilitados de dar entrevistas, sem poderem narrar sua história.

### **Os surdos da zona rural faltando às aulas**

No dia quatro de maio, “Franjinha”, que mora com a família na divisa (zona rural) entre as cidades de São Jerônimo e Charqueadas (há 15 Km entre duas), faltou à aula. Às vezes ele fica em Charqueadas e dorme na casa dos avós para poder participar das aulas. A mãe veio nos falar da falta de condições financeiras para poder comprar as passagens de ônibus para “Franjinha” vir à escola. “Pinta no Nariz” também faltou, pois foi para “fora”.

### **Providenciando o “Caso Transporte”**

Nós pesquisadores, fomos na SMED e solicitamos o transporte para estes alunos. Conseguimos uma besta para transportá-los à escola e à sua casa. David (nome de “Franjinha”) não tem muito interesse e preocupação em saber ler e escrever, pois na zona rural não usa as palavras escritas.

### **O professor surdo em uma das escolas de Charqueadas com alunos surdos**

No dia sete de maio foi oficializado o meu contrato como professor para trabalhar na escola Octávio Lázaro de Charqueadas. Pela 1ª vez nesta cidade havia “o professor surdo trabalhando junto com surdos”. Em uma cidade onde o grupo coletivo ou mesmo a turma de surdos estudam é necessário, no mínimo, um professor surdo para trabalhar com eles. O professor surdo deve fazer parte do currículo e da organização da comunidade surda.



### **Marcando a reunião com a Comunidade em Geral**

Marcamos a reunião para o dia 28 de maio, visando discutir sobre o tema “Educação dos Surdos em Charqueadas” e resgatar os surdos da região para a escola, bem como conscientizar os pais em relação à educação dos surdos.

A reunião foi divulgada através de folhetos:

**ESCOLA MUNICIPAL DE 1º G. INC. OCTÁVIO LÁZARO**

**Senhores Pais:**

No dia 28/05/99, às 18h, no clube Tiradentes, será realizada uma reunião sobre a Educação dos Surdos em Charqueadas. Para isso, estamos solicitando-lhes que, caso conheçam pessoas com esse problema, participem dessa reunião.

**Contamos com seu apoio para divulgação dessa reunião.**

**Maiores esclarecimentos: E.M. de 1º G. OCTÁVIO LÁZARO**

### **Divulgando e distribuindo folhetos para a reunião**

Pela 1ª vez nós, surdos, distribuimos folhetos pela cidade. Fizemos 1.000 cópias e as distribuimos nas escolas para alunos e professores, para a divulgação da assembléia. Numa grande escola estadual, pedi a diretora uma autorização por escrito para a distribuir os folhetos. Falei aos surdos para distribuírem os papéis. Eles estavam com muita vergonha, não queriam distribuir, se escondiam fora da sala da aula. Tomei, então, a iniciativa. Enquanto distribuía, eles olhavam e ficando influenciados. Começaram a distribuir com a cabeça baixa, mesmo se organizando para que cada um distribuísse em uma coluna de classes. Depois, em outra sala, já estavam mais calmos, aliviados, felizes, se expondo através de alguns sinais, como “Olá” (polegar), “Tchau” (palma aberta) etc. Se sintam capazes...

Nós surdos, junto com o pesquisador ouvinte, distribuimos cartazes nas lojas, nos bancos, nos supermercados, no fórum, nas padarias e em outros lugares para serem colados.

## **A reunião com o intérprete**

A reunião contou com a presença de um intérprete de LIBRAS, o Luís Fernando<sup>18</sup>, trazido de Porto Alegre. Sonhamos que viriam muitos surdos, mas infelizmente nenhum compareceu. Somente uma portadora de deficiência auditiva e visual, Fabrícia, estava presente com sua mãe, mais meus alunos “Cabelo até Ombro” e sua mãe, “Cabelo de Índio” com a irmã e o padrasto, as Secretárias<sup>19</sup> e nós pesquisadores. Todos estavam admirados, pois viam pela primeira vez o trabalho de tradução de um intérprete. Juliana, a irmã de “cabelo Indígena”, interessou-se pelo trabalho de tradução e interpretação. Ela e Fernando conversaram sobre o assunto. Na Assembléia, falamos sobre a importância da LS, sobre identidade e comunidade surda etc.

## **Perguntando se tem outros surdos**

Depois da reunião, em um outro dia, na escola, pergunto aos surdos e a diretora se conhecem mais outros surdos. Os alunos disseram que sim, duas: “Batom”, (que eles chamam por esse sinal porque ela costuma pintar forte o batom nos lábios), com problemas emocionais, muito defasada e outra, aquela que mora em frente da casa da irmã de “Pó Facial” (“Cabelo até Seio”). A diretora disse que conhece outras três surdas.

## **Procurando as surdas**

Nós pesquisadores fomos à casa de “Batom”<sup>20</sup>. Com 28 anos de idade, “Batom” é baixinha e age como um bebê, mas um psicólogo constatou que ela não é deficiente mental.

E daquela moça, “Cabelo até Seio”, que já havíamos ido em busca no começo, cuja casa estava fechada e mora quase bem a frente da casa da irmã de Rosa. Batemos palmas do lado de fora da cerca da casa para chamar alguém e os pais dela nos atendem. Continuamos do lado de fora do muro e eles do lado de dentro. Conversamos com os pais, mas eles continuaram não deixando a filha estudar. A filha surda é subjugada à família. Passa o tempo em casa lavando, limpando, arrumando, para ser empregada doméstica dos pais?

---

<sup>18</sup> O intérprete Fernando é credenciado na FENEIS e trabalha na FADERS.

<sup>19</sup> Secretárias da SMED, Paula Inajá e a vice Arlete.

### **A jovem surda em cativo familiar**

“Cabelo até Seio” era uma jovem surda de 25 anos que vivia mantida no cativo familiar. Isto acontecia pelo desconhecimento da família sobre a surdez e seus preconceitos, bem como pelo medo da jovem vir a sofrer uma gravidez. Obrigada a fazer todo o serviço da casa e impedida de sair, chamou nossa atenção. Em todos os encontros que mantivemos com a família, os pais foram evasivos, dizendo que mais tarde levariam a filha para ir à escola. Uma crença que nos chamou atenção foi o fato de que eles acreditavam que conservando a filha em casa, no estado adulto, ela poderia ouvir. Em face da condição de incapacidade em que se encontrava e estando excluída do convívio social na escola, bem como o confinamento à família, encaminhamos o caso ao Conselho Tutelar do município.

### **O sumiço das surdas mantidas pelo pai e pelo esposo**

Depois da casa de “cabelo até Seio”, fomos à casa da irmã de “Pó Facial”, que estava sumida depois de algum tempo em que frequentou as aulas. Sua irmã nos falou que o esposo de “Pó Facial” a buscou para ficar com ele e com a filhinha do casal em Triunfo. Mas a irmã disse que ela vai retornar e que gostou muito das nossas aulas.

“Pinta no Nariz” também sumiu. Fomos informados que ela estava com os pais na zona rural. Fora levada pelo pai sem que este avisasse a escola.

Perguntamos para a diretora e para as professoras se conheciam outros surdos fora da escola. A diretora disse que sim, duas surdas, uma casada e uma outra ainda menina. A surda casada era muito bonita e amiga da diretora. Fomos (eu e o pesquisador ouvinte) de carro até a casa, a fim de conhecer a surda, o marido dela e o bebê. Falamos da importância da interação entre os surdos, sobre a comunidade surda, a LS etc. O marido ouvinte é quem decide: concorda, hesitando, que ela vá para a escola, mas ela não aparece por lá.

A outra surda era uma menina de 4 anos e falamos com a mãe dela. Vi a menina dentro da casa trancada e acabei conversando com ela pela janela. O irmão dela, um ano mais velho, estava brincando com outro menino fora da casa. Porquê ela dentro de casa e ele brincando? Falei para a mãe que é importante que a menina vá às aulas o mais cedo possível para não “tardar” a linguagem, mas a mãe nunca a leva.

---

<sup>20</sup> “Batom” é sinal da aluna surda que se chama Sandra.

### **Outros surdos nos arredores**

"Cabelo do Índio" falou que tem mais surdos, mas fora da cidade (ex-colegas dele em São Jerônimo) e também falou que tem surdos em Triunfo.

### **Os surdos em São Jerônimo**

Fomos com "Cabelo do Índio" e o pesquisador ouvinte em São Jerônimo, visitar a casa de um surdo "Cicatriz na Sobrancelha"<sup>21</sup>. Veio o pai dele, cumprimentou "Cabelo de Índio" que já conhecia, não abriu a porta gradeada. Conversamos e em seguida veio "Cicatriz na Sobrancelha". O pai e "Cicatriz na Sobrancelha" continuaram do lado de dentro e nós do lado de fora...

### **O surdo é incapaz de dirigir carro? Desconhecendo a carteira de habilitação**

"Cicatriz na Sobrancelha" falou que dirige moto, mas escondido. Está preocupado com o policial por não ter a carteira de habilitação. Me falou que surdo não pode ter carteira e dirigir... e o pai dele concordou....

Explicamo-lhes que os surdos podem dirigir e ter a licença. Eu lhes mostrei a minha carteira de habilitação. Eles ficaram de boca aberta, se entreolhando...

### **O surdo estudando na APAE**

Segundo o pai de "Cicatriz na Sobrancelha", este estudava na APAE. Quando eles se mudaram para Charqueadas, "Cicatriz na Sobrancelha" acabou freqüentando a APAE de Triunfo, que se situa do outro lado do Rio Jacuí, indo de barco para a aula. O pai nos disse que pretendia criar a APAE junto a prefeitura de São Jerônimo, então lhe explicamos que era necessário criar uma escola ou classe para surdos e não a APAE para atender os alunos surdos.

### **A localização dos surdos de Triunfo**

"Cabelo de Índio" nos deu o endereço e o telefone dos surdos de Triunfo.

---

<sup>21</sup> "Cicatriz na Sobrancelha" é o sinal de um ex-colega de "Cabelo do Índio" em São Jerônimo.

### **Marcando a visita em Triunfo**

Eu e Ricardo esperamos ter tempo disponível para ir a Triunfo, mas "Cabelo de Índio" nos pediu com insistência para fazer logo a visita. Ele sonhava com o retorno dos ex-colegas com os quais estudou junto nos tempos das aulas em São Jerônimo.

### **Conhecendo surdos nos arredores**

No dia sete de julho de 1999, nós pesquisadores fomos a APAE de Triunfo, onde conhecemos dez surdos e os professores de lá e ficamos surpresos com "Cabelo Indígena" ficando junto com eles. Ele queria estudar junto com seus amigos surdos. Alguns ex-colegas estudam em Triunfo. "Cabelo de Índio" ficou feliz e eufórico com os ex-colegas. Teve nostalgia, faltando algumas aulas em Charqueadas, mas acabou retornando para ficar. Ele brigou com a família e com o padrasto por causa das condições financeiras, pois gasta muito com transporte de ida e volta até Triunfo. Resolvemos que faríamos mais encontros entre as duas comunidades e ele ficou aliviado.

Nós falamos sobre a importância do professor surdo, da LS, da Comunidade Surda etc. Promovemos o intercâmbio, o encontro de duas Comunidades Surdas em Charqueadas, outro dia em Triunfo ou em outra cidade.

### **Dando o curso de LIBRAS para a outridade**

Durante o curso de LIBRAS para os ouvintes, ensinei e expliquei sem usar o oral, sem escrever no quadro: nada de Português, pois este representa o "som". Eles ficaram chocados, assustados, mas compreendendo. Veio a mãe de "Franjinha", também "Franjinha" veio às vezes. Inclusive as professoras de Triunfo. "Cabelo do Índio" apareceu em algumas aulas, veio por curiosidade. E sua irmã, que fez um pouco do curso, mas parou por falta de tempo.

"Batom" frequentou as aulas. Tem 28 anos, é uma surda adulta, é a aluna mais velha de todos, age como bebê, é muito defasada, sempre me conta a mesma coisa: a irmã "casada", "cunhado casado", "tem filhos"; ela estava enciumada porque eles que tinham "tudo", teve muitas traumas dentro da família e na sociedade quando era desprezada.

Quando íamos a um passeio, ela pensa, chora, grita, pede o retorno logo à escola. Segundo a professora, ela sempre fazia assim, até mesmo na escola. Foi, então, impedida de ir a passeios, a visitas até que superasse esse problema.

Em Charqueadas existem poucos surdos, no momento cinco... Nós, pesquisadores e alunos surdos, falamos sobre a importância da Comunidade Surda fora da escola e marcamos para o dia 6 de agosto, no Sindicato, a formação da 1ª comunidade surda de Charqueadas.

### **Empreendendo a Comunidade Surda**

Na tarde do dia seis de agosto aconteceu o primeiro encontro da comunidade dos surdos, no Sindicato dos Funcionários Públicos Municipais de Charqueadas. Vieram "Cabelo até Ombro", "Cabelo de Índio", nós os pesquisadores, mais a mãe e a irmãzinha de Aline. Jogamos baralho, conhecemos em volta do ginásio. Nós, surdos, ficamos de bate-papo, enquanto os simpatizantes e o pesquisador ouvinte mais a mãe de Aline, discutem a situação. Nós discutimos o que faríamos no próximo encontro: churrasco? Não, mas acabamos decidindo convidar os alunos surdos de Triunfo para comparecerem, para que houvesse mais surdos dentro da comunidade surda.

### **Os surdos precisam do grupo maior do que os pais, pois o grupo é muito poderoso para eles**

Na aula, jogamos canastra e outros jogos de baralho, para aprender a importância dos números, as formas, cores etc. Os alunos conseguiram somar, subtrair, discriminar, pois não sabiam jogar antes.

Na FENEIS surge mais um curso básico para instrutores... Como Butiá e Triunfo necessitam do instrutor...

### **Os sujeitos surdos visitando a casa de Cláudio e na escola**

Um casal surdo visita a escola. Antes haviam visitado a casa de "Cabelo de Índio", que os conhecia lá de Butiá. Eles se comunicaram conosco com gestos simples, vivem como ambulantes, vendendo algo em outras cidades. Acharam o ensino adequado para eles, mas eram impossibilitados de participar pelas condições financeiras, de transporte, de

alimentação ou de moradia... eles precisam trabalhar. Eu e "Cabelo de Índio" falamos sobre a possibilidade de visitá-los lá em Butiá.

### **Processando o sistema social dos surdos**

Dia treze de agosto, os surdos e professores de Triunfo visitam e conhecem a Escola Octávio Lázaro. Todos os surdos, inclusive professores e funcionários, conversaram muito. Felizes, aprendiam a comunicação dos surdos, conhecendo os sinais durante as conversas. Almoçamos na escola e depois fomos para o Sindicato, onde houve uma interação entre os alunos surdos de Charqueadas e de Triunfo. Jogamos baralho, mas eles não se interessavam no jogo, só nas conversas. Ficaram de papo e observavam as conversas dos outros.

### **O relato da ex-jornalista**

Nós pesquisadores encontramos uma ex-jornalista de São Jerônimo, que lembrou a morte da professora acidentada de carro, ao bater com outro veículo.

Comentamos que há 20 anos os surdos se dedicavam aos estudos, desde 1980 e discutimos como eles não progrediam... Nunca passaram para a 2ª série, nem tinham históricos escolares. Refletimos sobre esta situação que era semelhante a outras demais cidades do interior do RS, do BR, onde outros surdos também não foram além das aulas de oralização, da política de educação especial, da APAE. E hoje são o que? e para que?

### **Marcando a excursão**

Nós pesquisadores e a diretora, marcamos a excursão a Capão da Canoa e a hospedagem na Colônia de Férias para Surdos.

No dia vinte e dois de outubro houve o encontro de surdos em Triunfo, com a presença de uma pesquisadora surda<sup>22</sup> (que deveria ser contratada como professora surda em Triunfo). Todos os surdos e professores conversaram intensamente, aprendendo e conhecendo novos sinais.

### **Desconhecendo a sexualidade e a educação alimentar**

Durante o almoço, uma aluna surda, aparentando ter 28 anos, de Triunfo, adverte para as colegas surdas não comerem beterraba. Falou: "se come beterraba, menstrua". As

---

<sup>22</sup> Pesquisadora surda se chama Gládis Perlin.

colegas concordaram e a pesquisadora surda interveio negando e explicando sobre o assunto. Elas ignoram a educação sexual? E a educação alimentar? Pela falta de informações e comunicação dentro mesmo das famílias, que ignoram a cultura surda, estas alunas, no momento, são desinformadas e descomunicadas.

Fizemos uma reunião para tratar sobre a excursão à Capão. Depois eu fiquei com os surdos, enquanto os pesquisadores ouvinte e surda foram a SMED para tentar contratar uma professora/instrutora surda. A política desta cidade, como muitas, ignoram a importância da professor/a surdo/a como parte fundamental do currículo e da organização da comunidade surda.

### **Contratando a professora surda**

No dia três de outubro fomos, pela 1ª vez, em Butiá, junto com os alunos surdos de Charqueadas. Visitamos a Escola Municipal dos Excepcionais Orestes Quércia da Silva, que fica junto com a APAE (nos fundos).

Pensamos: “Escola para Excepcionais?”... Este é o lugar onde os surdos estudam. Nem séries, nem histórico escolar, alguns adultos só trabalham nas oficinas de marcenaria, de plantar flores e temperos, verduras, recebem pouco salário, outros também fazem churrasco... No momento do encontro das comunidades, os surdos de Butiá não conheciam bem os sinais de identificação, pois viviam separados, individualizados, com pouca comunicação. Começam, então, a criar os sinais de identificação, tentando lembrar os sinais que costumam usar, fazendo isto com euforia e com orgulho.

Na APAE, acolhem os sujeitos surdos como defeituosos ou deficientes que precisam ser corrigidos, educados, reabilitados para serem sujeitos do Mundo do Som? Antes, esses surdos pensavam que os sinais não são fundamentais e necessários.

Convidamo-los para a excursão a Capão junto às comunidades surdas de Charqueadas e Triunfo. eles aceitam.

### **O surdo que vivia com os animais**

As professoras de Butiá me contam sobre um menino surdo, que quando pequeno os pais colocavam junto aos animais domésticos. O menino vivia separado da família e dormia com os porcos que viviam no quintal. O caso aconteceu porque o menino não tinha



comunicação com a família. A APAE de Butiá foi informada sobre o caso e constatou a veracidade do mesmo pela aparência selvagem do menino surdo: seus cabelos eram cumpridos e imundos. Quando cheguei a Butiá, ele já estava iniciando a socialização e tinha inícios de sinais para uma comunicação rudimentar.

### **Excursionando na Colônia de Férias**

No dia onze de outubro, excursionamos a Capão da Canoa com o ônibus da Prefeitura Municipal de Charqueadas, com gente de Charqueadas, Triunfo e Butiá. Misturados, conversando, chegamos a sede da Colônia de Férias dos Surdos, única no Brasil. Retornamos no dia seguinte.

### **A menina surda ameaçada**

Uma menina surda, de 10 anos, freqüentava as aulas em Triunfo. Era muito quieta e não mostrava qualquer significado ou expressão durante as aulas. Suspeitando-se de ser um caso de deficiência mental, a escola, através da assistente social e da professora, marcou exames neurológicos para a menina surda em Porto Alegre. Por ocasião do passeio na Colônia de Férias dos Surdos em Capão da Canoa, o quadro se reverteu. A menina mudou de atitude: pegou folhetos de propaganda de supermercados e foi me procurar, perguntando e insistindo muito sobre como sinalizar os produtos (frutas, cosméticos, eletrodomésticos, alimentos, bebidas, etc). Como estivemos conversando muito tempo, a assistente social se surpreendeu, acabando por cancelar os exames.

### **A recém chegada deficiente auditiva**

Chegou uma aluna, que mora em Guaíba City, um dos distritos de Charqueadas, transportada para Charqueadas com o ônibus da Prefeitura. Foi-nos apresentada. A professora Silvia, juntamente com a psicóloga, lhe perguntava algo oralmente: ela escutou e respondeu bem. Foi constatada e declarada, segundo a psicóloga, “deficiente auditiva” e não surda, pois ela “ouve, fala e telefona”. Não ficou freqüentando as nossas aulas, foi para a outra escola estudar com crianças que apresentam semelhanças com ela.

### **A 1ª intérprete de Charqueadas e a sexualidade**

No dia dois de dezembro, tivemos um encontro em Triunfo, novamente com os surdos de Charqueadas, Triunfo e Butiá. Este encontro contou com a presença de Juliana,

irmã de "Cabelo do Índio", que serviu como intérprete (a convidamos para ser intérprete provisoriamente, freqüentando as aulas, em encontros etc, pois ela têm fluência em LS)

Os alunos maiores discutiam sobre **sexualidade**, enquanto as meninas perguntavam intensamente para Juliana sobre o assunto. Tinham muitas dúvidas sobre "sexualidade" (camisinha, pílulas, gravidez...).

Infelizmente, Juliana sumiu... Ela foi trabalhar em outra firma, SPC, pois necessita do salário...

### **Acessando a informática**

A escola me providenciou o uso da informática, sentindo ser este adequado aos surdos pela visão da imagem. No dia três de dezembro, começamos as aulas de computação no CIEC, que contou sempre com a presença de "Cabelo Indígena", "Cabelo até Ombro", "Boné" e "Franjinha". Fizemos estas aulas uma vez por semana durante o mês de dezembro.

Confesso que a primeira vez que ouvi falar em computador nas escolas, achei um absurdo, afinal não tínhamos nem giz e apagador direito. Hoje, percebo que a informática, especialmente a Internet, é um instrumental que pode contribuir na formação de cidadãos. Na nossa escola, ainda não tivemos acesso a Internet, pois até agora não foi possível instalar. Mas os alunos descobriram como utilizar os CDs, os disquetes e muitas coisas novas. Divertiram-se, sentindo-se fazendo parte do mundo moderno.

A Microtec nos telefonou muitas vezes informando que irão instalar a Internet, mas até agora ainda não foi instalada. Estamos todos ansiosos...

### **Promovendo a festa do final de ano com as comunidades surdas**

No final de dezembro, promovemos a festa de final de ano com as comunidades surdas de Triunfo, Charqueadas e Butiá. Na festa haviam quase só surdos. Fizemos galetos, saladas de tomate e alface, lavamos e cortamos verduras, hortaliças, arrumamos cadeiras, mesas, formando-as em quadrado para que pudéssemos visualizar todos e bater papo. Arrumamos os talheres e pratos, almoçamos. Depois lavamos a louca. Os alunos e alunas surdos se conscientizam e ficam orgulhosos por serem capazes de fazer tantas coisas e de

organizarem-se socialmente. Os surdos de Triunfo vão embora mais cedo e os demais passeiam, brincam, nadam... Os surdos de Butiá conversam automaticamente com os de Charqueadas.

### **Planejando a agenda**

No dia quatorze de dezembro, fizemos a agenda para o próximo ano, conforme o calendário anual para 2000. Organizamos as atividades, passeios, encontros entre as comunidades. Também fizemos o horário das aulas para o mês de janeiro de 2000. Eles constroem o tempo...

### **Assistindo a um vídeo**

No dia 15 de dezembro, os surdos assistem ao vídeo "O que você sabe sobre AIDS?". Este vídeo contém cenário com protagonistas surdos e a comunicação se dá em LIBRAS, mas também tem legenda em português. Eles se impressionaram e alguns foram chamar as pessoas ouvintes (professores, diretora, funcionários). Estas assistem um pouco, mas logo saem sem interesse, pois não é a cultura deles.

Em janeiro de 2000, continuamos as aulas de computação, 3 vezes por semana. Os surdos fizeram o relatório anual de 1999, descrevendo o que fizeram e contando a sua história durante todo o ano. Hoje, eles constroem, através da noção do tempo, a história da comunidade surda.

### **Veio a deficiente auditiva, participando da aula de computação**

Uma deficiente auditiva, que usa óculos e é "manca", já participou da reunião da comunidade surda. É conhecida pelos surdos pelo sinal de "Óculos com suporte". Veio participar da aula de computação com os surdos no CIEC, mas ela se isola dos demais. Foi convidada a se unir ao grupo e a interagir mais com os surdos, tendo a oportunidade de aprender a Língua de Sinais. Ela se nega no início, mas acaba participando um pouco... A própria deficiente auditiva diz que a língua não é dela e aprende apenas alguns sinais, mas para os outros surdos, a língua é deles.

A deficiente auditiva vem nas aulas, participando como simpatizante, mas se dedica mais aos conteúdos sonoros, digitando as palavras em português, escrevendo e lendo, enquanto os surdos se dedicam aos conteúdos visuais, desenham, corrigem os sinais da LS

e as imagens visuais, competem com os jogos visuais, se comunicam coletivamente com a LS.

Veio o pai de "Franjinha" buscá-lo. Comunica-se com o filho através de gestos precários... A mãe e a irmã dele sabem um pouco a LS, pois fizeram o curso de LIBRAS.

### **Frustrando nas férias**

Em fevereiro de 2000, os surdos pareciam um pouco frustrados em relação as férias, dizendo que dificilmente se encontravam entre eles. "Cabelo até Ombro" na vila distante, "Franjinha" na divisa da zona rural... Nas férias, os surdos ficam outra vez sozinhos no ambiente do som dentro da família, no veraneio, nos parentes, longe da comunidade surda... Viajam a outras cidades junto à família, mas frustrados, incomunicados, desinformados, mais uma vez.

Durante as aulas, os surdos vivem no mundo da visão, durante a metade do dia, na escola ou na comunidade surda, mas a outra metade é toda no mundo do som.

### **Março de 2000**

No dia primeiro de março, os alunos que continuam a participar são apenas "Cabelo de Índio", "Boné", "Cabelo até Ombro" e "Franjinha".

Tendo em vista um prêmio recebido da Fundação Airton Senna, demos continuidade ao trabalho de janeiro no CIEC, passando aos alunos os conhecimentos básicos da Informática: "Paint Brush", "Explorer", "Word", jogos. E continuamos a ficar no CIEC.

A professora de surdos trocou da Escola Octávio Lázaro para uma escola, de onde mora perto, sem antes me comunicar. Eu trabalho três vezes por semana e a nova professora de informática trabalha nos outros dias. O pesquisador ouvinte trabalha todas as sextas-feiras junto com as pessoas ouvintes da escola.

"Batom" se ausentou algumas aulas. Indo a sua casa, fomos comunicados que "Batom" e a família haviam mudado para a uma cidade do litoral, Tramandaí e que "Batom" agora estuda numa escola com outros alunos que semelhantes a ela.

Foi-nos "emprestada" a sala de informática no CIEC, pois na Escola Octávio Lázaro não tem computadores, mas a regularização da turma, a lista de presenças etc, pertence a escola. Nós já pensávamos em ter uma escola para surdos, desfazendo-se da escola sonora, "inclusiva". Existe uma escola municipal desocupada atrás do CIEC, mas pensamos: no momento é muito cedo, tem apenas quatro surdos, faltam professore etc.

### **Projetando o calendário da Rede das Comunidades Surdas**

No dia dois de março, nós, surdos, fizemos a programação do ano conforme o calendário escolar: "Rede de Cidades- Integração entre Charqueadas, Butiá e Triunfo".

No dia oito de março, a escola ganhou sete computadores do Projeto Airton Senna. Os surdos se contentam, comentando sobre o assunto. A escola Octávio Lázaro passa por uma reforma, dividindo a sala grande da biblioteca em duas, para se ter uma sala de informática. Continuamos no CIEC até que fosse concluída a obra e feita a instalação dos computadores.

### **Trocando E-mails**

No dia nove de março, os surdos desenham imagens e mandam por E-mail, através de disquete, para os surdos das cidades vizinhas.

### **Conhecendo o mapa e a história de sua cidade**

No dia treze de março, saímos da escola e passeamos por alguns bairros, conhecendo e aproveitando para sinalizar mais. Conversamos sobre os aspectos históricos da cidade, como as velhas casas, a escola mais antiga... Os alunos reconheciam a área urbana e liam no livro o mapa da cidade de Charqueadas.

### **Conhecendo a noção geográfica de Charqueadas**

No dia quatorze de março, com o mapa da cidade de Charqueadas, os surdos aprenderam as noções geográficas do município, indicando e marcando os locais (bairros, vilas, zona rural e urbana) onde cada um mora.

### **Aprendendo a digitar textos, reconhecendo a gramática do Português**

No dia quinze de março, os surdos aprendem a digitar no programa "Microsoft Word", adquirindo a noção de gramática de Português. Mas lhes foi explicado que os

conteúdos de português pertencem às pessoas do som e que nós, surdos, apenas adquirimos a língua portuguesa (como uma língua estrangeira) por esta ser a mais utilizada no nosso país.

### **Conhecendo a noção histórica de Charqueadas**

No dia dezesseis de março, os surdos, através de um livro sobre o mapa histórico de Charqueadas, conhecem as casas antigas, a escola mais antiga, o bar mais antigo.

### **Desconhecendo os nomes dos pais**

No dia dezessete de março, os surdos fazem seus dados de identificação (nome do aluno, dos pais, endereço...).

Conhecer os nomes dos pais? Eles não sabiam o porquê dos nomes de identificação dos pais, endereço, seu nome completo... Então lhes expliquei sobre isto.

### **Explorando os nomes dos pais e avós**

No dia vinte de março, os alunos procuram em casa, perguntando aos pais, os nomes de identificação. Retornam trazendo também os nomes dos avós e aprendem bem.

### **Conhecendo a Região Carbonífera**

No dia vinte e um de março, trabalhamos o Mapa da Região Carbonífera. Eles conhecendo e captam bem este mapa, pois já conheceram as cidades dos arredores: Triunfo, São Jerônimo, Arroio dos Ratos e Butiá.

### **Conhecendo a Escrita dos Surdos**

No dia vinte e dois de março, os surdos conhecem, pela primeira vez, a Escrita da Língua dos Surdos, trazida por Ricardo em disquete. Estudamos e desenhamos alguns sinais.

### **Conhecendo a noção geográfica das Cidades da Região Carbonífera**

No dia vinte e três de março, trabalhamos o mapa das cidades da Região Carbonífera, desenhando e escrevendo os nomes das cidades.

No dia vinte e quatro de março, visitamos o CMAS (Conselho Municipal de Assistência Social), criando uma comissão para este fim. Lá nos disseram que foi

encaminhada para o Legislativo uma lei que permite a contratação de Pessoas Portadoras de Deficiência, através de suas associações. Mas Charqueadas não possui a associação de surdos para a profissionalização do surdo.

### **Fazendo a história dos alunos surdos**

Nos dias vinte e sete a trinta e um de março, os surdos fazem a história escolar dos alunos, digitando-a. Agora a noção da história surda faz parte fundamental do desenvolvimento e do processo social e simbólico da comunidade surda.

### **Fazendo a programa de rede de integração entre as comunidades surdas**

No dia dois de abril, os surdos fazem a programação da rede de integração entre as comunidades surdas de Charqueadas, Triunfo e Butiá.

No dia oito de abril, foram trazidos para a Escola Octávio Lázaro os sete computadores ganhos do Instituto Airton Senna, através de um projeto que enviamos a este Instituto. Nós vibramos e comentamos sobre este acontecimento.

### **Desenhando personagens de desenhos animados**

No dia três de abril, os surdos desenharam o Pluto e o Piu -Piu. Eles fazem bons desenhos, com detalhes bem posicionados e perfeitos. Percebi que os surdos necessitam desenvolver mais a visão, desenhando detalhadamente a imagem visual, para a melhora e a socialização do mundo visual, como os ouvintes desenvolvem a audição ao receber o som e conseguem discriminar as músicas, a mídia sonora, as conversas "sonoras", etc.

No dia quatro de abril, os surdos escrevem seus nomes, conhecendo a lista de nomes completos de todos os alunos.

Nos dias seis a onze de abril, dramatizamos a história "Um cowboy no Western", trabalhando com a seqüência lógica, a expressão facial e corporal, classificadores etc para a melhora da visão do "eu" e dos "outros" e a "relação com o ambiente", assim como a gramática em LIBRAS.

No dia doze de abril, fomos na SMED. Os surdos conhecem o contrato do professor surdo. Foi feito novo contrato, pois o outro havia vencido no mês de dezembro passado. Em Triunfo e Butiá, os surdos ainda não têm o professor da mesmidade.

No dia treze de abril, fizemos uma visita ao banco, fórum, lojas, restaurante etc. Os alunos aprenderam a sinalizar móveis e imóveis para poder indicar, designar os objetos e os locais etc.

No dia quatorze de abril, os surdos fazem aula de informática no horário estabelecido para a turma de surdos no CIEC.

Na SMED, nós surdos escolhemos e organizamos a lista de alimentos para a excursão a Capão da Canoa e planejamos a viagem.

Na biblioteca da Escola Octávio Lázaro, observamos que os livros didáticos e revistas existentes são todos para as pessoas que ouvem, editados no português.

Eu e o pesquisador ouvinte visitamos a 12ª DE em Guaíba, para saber quais as cidades da região carbonífera que tem escolas onde estudam surdos.

No dia dezessete de abril, os surdos botam os papéis dos desenhos de sinais no Scanner, aumentando ou diminuindo, para aprimorá-los ao desenhar e para imprimir, desenvolvendo o processo dos símbolos.

No dia dezoito de abril, os surdos conhecem SW (Sign-Writing), a Escrita da Língua dos Surdos através de um CD.

No dia vinte de abril, trabalhamos com a narração “Dirigir o auto”, focando mais a expressão facial através do uso de adjetivos.

No dia vinte e cinco de abril, fizemos planos para a excursão a Capão da Canoa pela segunda vez. Todos os surdos da Região Carbonífera querem ir, insistindo, pois sentiam essencial o contato entre as pessoas da mesmidade da visão.

No dia vinte e sete de abril, houve uma reunião com os pais com a pauta: início da aula de computação; Plano de Progressão (emergência) para os surdos adolescentes e adultos que atrasam com a idade; Convênio com a APAE e a Prefeitura com o projeto da SMAS.

Nós começamos as aulas na sala de computação da Escola Otávio Lázaro. Só tinha esta sala, não tinha a sala de aula, para os surdos estudar. Então ficamos sempre nesta sala de computação.



No dia vinte e oito de abril, os surdos continuam fazendo o plano de viagem a Capão da Canoa. Visitamos a APAE de Charqueadas para discutir o convênio entre a Associação de Pessoas Portadoras de Deficiência e a Prefeitura para o desenvolvimento do projeto da SMAS sobre a profissionalização do surdo.

No dia vinte e nove de abril, nós das Comunidades Surdas de Charqueadas e Butiá, fizemos a excursão para Capão da Canoa e nos hospedamos na Colônia de Férias dos Surdos.

No dia trinta de abril, em Capão da Canoa, os surdos se divertem, arrumam os quartos, cozinham, jogam, nadam, passeiam, fazem almoço, churrasco, limpam...

No dia dois de maio, junto com a supervisora pedagógica, estabelecemos o Programa de Progressão para os surdos adolescentes e adultos que estão atrasados em relação a idade escolar.

No dia cinco de maio, os surdos fazem a programa de passeio a cidades próximas...

No dia nove de maio, os surdos fazem a identificação de cada aluno no computador.

No dia dez de maio, os surdos desenham um autódromo e o carro da F1 de Senna, para apresentá-los ao pessoal da Fundação.

No dia onze de maio, recebemos a visita de Marcos Vinícius com outras duas moças de São Paulo, responsáveis da Fundação Senna na Escola Octávio Lázaro. Os visitantes admiram a cultura surda que os surdos fizeram com os símbolos próprios.

No dia doze de maio, através do programa escolar, foi marcado com a direção que sempre terá almoço dos surdos na escola nas sextas-feiras para podermos interagir entre nós, transferindo-nos do Sindicato, que às vezes nos cede, outros dias não cede por estar ocupado.

No dia dezenove de maio, os surdos enviam os textos e desenhos de E-mail para Butiá por disquete. Os alunos de Triunfo nos visitam conhecendo os computadores.

No dia vinte e dois de maio, almoçamos pela 1ª vez na escola, para empreender mais a comunidade surda. Passamos o dia inteiro juntos...

No dia vinte e três de maio, os surdos criam o texto de teatro "O lixo".

No dia vinte e quatro de maio, os surdos ensaiam, pela primeira vez, o texto criado por eles.

No dia vinte e seis de maio, os surdos, pela primeira vez, se apresentam no teatro para as demais pessoas da outridade (alunos ouvintes, funcionários e professoras) durante a Semana da Higiene da escola.

No dia nove de maio, os surdos fazem um texto em português com detalhes do que fizeram no teatro.

No dia trinta de maio, recebemos Carmem Lúcia, surda de São Jerônimo, com o filho ouvinte de 4 anos. Ela quer estudar conosco, pois encontrou um ensino adequado aqui, com um professor surdo, que em Triunfo não tinha. David, aos treze anos, ensinou Carmem Lúcia a digitar no computador, como se fosse o professor de informática. É capaz de orientar... Agora estamos com cinco surdos: 3 homens e 2 mulheres.

No dia trinta e um de maio, os surdos desenham os transportes e suas características, para conhecer os sinais e as funções.

No dia dois de junho, os surdos lêem nos jornais os títulos principais: Política, Polícia, Esportes, Mundo, Opiniões, Economia etc... Explicações sobre estes.

### **Lendo os jornais da outridade**

No dia cinco de junho, os surdos lêem novamente os jornais. Eles não reconhecem as palavras, mas agora estão aprendendo bem. Agora, alguns surdos trazem mais jornais e me perguntam freqüentemente: o que é isto? Explico. Se não entenderam, eu ensino com mais clareza em LS, ou até mesmo com dramatização, até que entendam bem.

### **Recebendo a mídia da outridade ou mesmo do som. Nunca tiveram a própria mídia ou mídia da visão.**

Trago sempre os jornais. Nós, surdos, temos a falta de acesso às informações da mídia (jornais, televisão, rádio, cinema, revistas, veiculação de anúncios, cartazes etc). Estes são para os ouvintes. Os sujeitos surdos nunca tiveram a própria mídia, que só existem para as pessoas do som. Os surdos foram bem explicados, informados etc.

### **Entrevistando com os surdos**

No dia sete de junho, os surdos me dão entrevistas e são filmados sobre a história de suas vidas familiares e escolares.

### **Conhecendo os dias de aniversário de cada aluno e seu horóscopo**

No dia oito de junho, conhecemos os dias de aniversário de cada um e seu horóscopo num jornal e planejamos o programa das festas de aniversário. A surda Carmem Lúcia se evade por morar junto com o filho e com o novo parceiro em Montenegro.

### **A surda professora de informática<sup>23</sup>**

No dia nove de junho, recebemos a visita da professora que está ensinando a escrita da Língua dos Surdos aos alunos. Antes nós, surdos, nunca tivemos nossa própria escrita, ou seja, tínhamos um a língua ágrafa. Agora temos a grafia da língua dos surdos.

### **Conhecendo a grafia da língua dos surdos**

No dia dois de junho, os surdos conhecem a língua escrita dos surdos. Aprendem muito rápido, de repente, ligando as sinalizações visuais com a escrita.

No dia treze de junho, os surdos desenham a escrita da Língua dos Surdos no computador pela primeira vez.

No dia quatorze de junho, os surdos fizeram o teatro pela primeira vez para o público no Clube Tiradentes. Os surdos fazem muito bem, naturalmente, o teatro, pois tem expressões faciais e corporais expostas. O teatro faz parte da cultura surda, ou seja, da visão. Este é fundamental para a melhora da expressão, da visão, da postura do corpo do sujeito surdo.

No dia quinze de junho, os surdos praticam a escrita da LS reproduzindo o texto de teatro que fizeram.

No dia dezesseis de junho, os surdos trocam o texto escrito por E-mail (sempre com disquete): da Aline para Aline de Triunfo, do David para o amigo de infância de Butiá.

---

<sup>23</sup> A professora surda de Informática se chama Marianne Stumpf, é formada na ULBRA e trabalha com o projeto da Escrita da Língua de Sinais na PUC.

No dia dezanove de junho, os surdos fazem o plano da ida a Festa Junina dos Surdos em Porto Alegre.

No dia vinte e três de junho, acontece a visita do pessoal de Triunfo que conhecem os computadores. Os surdos de Charqueadas ensinam os de Triunfo a digitar.

No dia vinte e sete de junho, os surdos organizam a ordem das cenas de teatro 1,2,3,4,5 desenhados por eles.

No dia vinte e oito de junho, os surdos organizam detalhando bem as cenas.

No dia vinte e oito de junho, os surdos fazem o plano para a viagem a Porto Alegre – Festa Junina, aprendendo a organizar-se.

No dia vinte e nove de junho, houve reunião com os pais com a pauta sobre a viagem, a verba do CMAS, o intercâmbio entre as escolas nos arredores, a autorização para os menores viajarem.

Os alunos sempre me perguntam por Marianne, Ana Paula, Gládis. Eles sentem a necessidade de mais contato com instrutores/profissionais/ surdos... com mais sujeitos intelectualmente nativos.

No dia primeiro de julho, fomos na festa Junina da ASPOA e visitamos a cidade de Porto Alegre, a usina do Gasômetro e as casas dos professores Wilson e Ricardo. Os alunos conheceram a paisagem do Rio Guaíba em cima da Usina do Gasômetro.

### **Conhecendo a cultura surda do centro urbano de Porto Alegre**

Conhecendo a Associação dos Surdos de Porto Alegre. Conhecendo os sinais luminosos da campanha, da boate, famílias surdas... Comentamos sobre a biologia e a genética. Conhecendo os surdos culturais e a fluência da língua dos surdos. Conhecendo a arte surda, feita com desenhos de humor de uma cartunista surda.

No dia quatro de julho, os surdos fazem planos para ir a Porto Alegre no Fórum “A Escola 2000 por hora”, para assistirem a apresentação de Teatros e Artes no Campus da UFRGS, junto com alunos surdos de Triunfo e da Escola Frei Pacífico.

Aline faz palestra pela primeira vez, na presença de intérprete, aos demais ouvintes sentados nas arquibancadas. Ela fala sobre como os surdos estudam em Charqueadas.

Antes, estes surdos nunca deram palestra a pessoas do som; hoje, já conhecendo a cultura surda, fazem palestras a estes.

No dia onze de julho, explicamos sobre a possível viagem a Brasília para interagirmos com a Comunidade Surda de lá. Os surdos providenciam a carteira de identidade para poder viajar, eles conhecem o porquê do uso desta. Também a fazem para a possível viagem a Argentina para apresentar o teatro, e para Nova Prata para interagirem também com os surdos de lá.

No dia treze de julho, fomos na SMAS providenciar a carteira de identidade que alguns alunos não tinham. Pela primeira vez jogamos vôlei dentro da escola, com o professor de educação física ouvinte.

No dia quatorze de julho, estudamos sobre Brasília e a geografia do Brasil. Eles precisam conhecer os estados do RS, SC, SP RJ, MG e GO, além DF e capital Brasília, antes de viajarmos a Brasília.

No dia dezoito de julho, os surdos escrevem a história que viveram no 1º trimestre de 2000.

Nos dias dezenove a trinta e um de julho, os surdos tiram as férias. No retorno às aulas, "Cabelo de Índio", "Boné" e "Franjinha" já se entrosaram nas suas casas, menos a surda que mora distante. "Franjinha" se mudou da divisa para perto da escola há alguns meses antes.

No dia três de agosto, na SMAS, o aluno Franjinha faz a carteira de identidade, juntamente com a irmã que também não tinha. Os surdos conhecem a SMAS.

No dia quatro de agosto, com o CD Encarta, os surdos conhecem os diversos lugares do mundo. O CD foi solicitado a Fundação Senna, que já o distribuiu para as escolas premiadas.

No dia sete de agosto, com o CD Encarta, os surdos conhecem as cidades, os países, os continentes... Os surdos usam pela primeira vez o CD "Balão Mágico", com adivinhações e jogos de forca, com intertextualidade entre palavras do Português e os sinais da LS, as figuras etc.

No dia oito de agosto, os surdos pesquisam sobre a cidade de Brasília, a capital do Brasil, no mapa do CD Encarta.

No dia dez de agosto, os surdos fazem pose para serem fotografados na escola, na prefeitura, na SMED, para a coleção da história.

No dia onze de agosto, na SMAS, Aline faz a carteira de identidade.

Alauri não tem o certificado militar. Os alunos que não tem esse certificado, o fazem. Nós surdos discutimos: "O surdo faz o exame e recebe o certificado, mas é declarado incapaz", "o surdo nunca vai ser soldado do Exército, da Aeronáutica e da Marinha? nunca vai ser bombeiro? nunca vai ser soldado da Brigada? da Polícia? por ser surdo? Por serem as pessoas que não ouvem os sons? São apenas as pessoas do "som" que se adaptam bem ao ambiente sonoro? O que os surdos poderiam fazer nas atividades visuais? Para que a "inclusão" promovida pela política e pelo discurso governamentalista e depois excluí-los? Por que a política discursiva da hegemonia ouvinte?

No dia quatorze de agosto, no CD Encarta, Os surdos pesquisam os monumentos histórico e culturais.

No dia quinze de agosto, os surdos fazem um texto sobre o que passaram no Dia dos Pais. Os surdos fazem o plano para o passeio em Butiá.

No dia dezesseis de agosto, com o CD Balão Mágico, os surdos jogam para memorizar as palavras de português.

No dia sete de agosto, trabalhamos sobre as "pessoas", "alimentos", "lugares", "bebidas" - palavras retirados do texto do Dia dos Pais. Só nós os surdos jogamos vôlei, sem o professor ouvinte de Educação Física.

No dia dezoito de agosto, os surdos visitam e se integram com os alunos de Butiá, na cidade de Charqueadas. Conhecem os surdos que estudam na escola dos ouvintes, acontece o fim dos estudos na APAE, menos nas oficinas de trabalho.

No dia vinte e dois de agosto, os surdos pesquisam sobre o "corpo humano"-músculos, esqueleto, sistema digestivo, nervoso, aparelho respiratório e articulatório.

Os surdos são confirmados da viagem a Brasília e recebem informações sobre a nossa ida nos dias 26 a 30 de setembro.

No dia vinte e três de agosto, os surdos desenham o símbolo "I love you" com o pára-quadras.

No dia vinte e cinco de agosto, nos reunimos com os alunos e pais para falar sobre a ida a Brasília e sobre o curso de artesanato (FAT/FENEIS) em Porto Alegre. Também conversamos sobre a autorização do Juizado do Menor para a aluna surda "Cabelo até Ombro" poder viajar de avião a outro estado. Os surdos procuram o vocabulário de palavras de português no CD Encarta.

No dia vinte e oito de agosto, os surdos conhecem e desenham os partidos políticos, opinamos sobre estes.

No dia trinta e um de agosto, os alunos conheceram os vocabulários e contaram as piadas dos surdos. Expliquei-lhes sobre a cultura surda.

No dia primeiro de setembro, os surdos foram comunicados sobre o plano da viagem a Brasília nos dias 26 a 30 e também sobre a nossa ida a Butiá.

No dia doze de setembro, os surdos apresentam o teatro "O lixo" no clube Tiradentes. Eles se apresentam no teatro para o público pela primeira vez, praticando o cenário sem som e sem voz, como nas cenas de Charlie Chaplin. Os sujeitos surdos fazem o teatro com a própria cultura, ou seja, com a imagem visual exclusiva. Estão felizes, com prazer, se sentem capazes e competentes ao participar na sociedade.

Os surdos se narram através de depoimentos. Muitas vezes foram alienados ou forçados a praticar o coral, com ignorância, apenas imitando o maestro ouvintistas e os sinais soltos, incompreensíveis, com a música imitada de fitas de algum famoso cantor (músico). O coral não é deles, nem do maestro. Ao praticar o coral, os surdos se sentem como escravos acorrentados. Assim como ao encontrar com as pessoas do som, se sentem zombados, ridicularizados, vazios, coitados, falsos, exibidos, loucos, incapazes, de nada, sendo da outridade.

No dia quinze de setembro, os surdos foram trabalhados com as palavras de adjetivos para memorizá-las... Desconhecem os adjetivos... Fizemos um passeio a Butiá

juntamente com o pessoal e o instrutor surdo da Escola Lilia Mazon e houve a integração com os surdos de lá.

No dia dezenove de setembro, os surdos narram e digitam os textos sobre o que eles passaram no 1º e 2º trimestre.

No dia vinte e um de setembro, fizemos planos para a ida a Brasília e a Triunfo.

No dia vinte e dois de setembro, visitamos a escola onde os surdos estudam em Triunfo. Discutimos com os alunos de Triunfo a importância do Trabalho. Discutimos e refletimos sobre a importância do trabalho para sustentar a sua vida, sua família, pensamos em criar a cooperativa ou o trabalho para surdos ou a oficina do trabalho para surdos. Em Triunfo tem oficina para fazer pães e equipamento de serigrafia, mas os surdos trabalham como aprendizes.

No dia vinte e cinco de setembro, planejamos a ida a Brasília.

No dia vinte e seis de setembro, viajamos de avião para a cidade de Brasília, nos hospedamos num hotel, passeamos no shopping.

No dia vinte e sete de setembro, visitamos a escola onde os surdos estudam em Ceilândia.

No dia vinte e oito de setembro, os surdos ensinaram SW e Balão Mágico dos Surdos e explicaram a Cultura Surda aos surdos de Ceilândia. À noite, conhecemos os surdos e a Associação dos Surdos de Brasília. Lá tem poucos surdos, mas até algumas surdas velhas, membros da diretoria, pagam o aluguel da sede desta associação para assegurarem a cultura surda. Contaram-nos que foi a política desta capital, até mesmo do distrito, que favoreceu a "Inclusão" dos surdos na escola dos ouvintes, fazendo-os dispersos, falsos ouvintes, destruindo a identidade surda, a língua etc.

No dia trinta de setembro, conhecemos os pontos turísticos de Brasília e retornamos para casa.

No dia dois de outubro, os surdos escrevem e desenham, através da SW, os nomes e sinais dos surdos e professores.



No dia três de outubro, os surdos escrevem na agenda, contando sobre como passamos em Brasília.

No dia quatro de outubro, com o CD Encarta, trabalhamos sobre a Austrália – país das Olimpíadas, conhecendo a noção da geografia do mundo.

No dia cinco de outubro, os surdos pesquisaram sobre Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul.

No dia seis de outubro, os surdos desenharam os sinais de identificação dos colegas e professores através da escrita de LS.

No dia dez de outubro, os surdos pesquisaram sobre Brasília, capital do Brasil.

No dia onze de outubro, explicamos os diferentes dialetos da LIBRAS, os regionalismos do RS, SC, PR, SP, RJ e outros.

No dia vinte de outubro, fizemos uma excursão a Nova Prata, conforme nossa agenda.

No dia vinte e três de outubro, conversamos sobre a excursão a Nova Prata.

No dia vinte e quatro de outubro, Escrevemos Diários (Nova Prata).

No dia vinte e sete de outubro, os surdos passeiam com o pessoal da FADERS em Triunfo, interagindo com a Comunidade Surda de lá.

No dia trinta de outubro, os surdos contam sobre o passeio em Triunfo.

No dia sete de novembro, os surdos escrevem o texto sobre a vida do surdo.

No dia dez de novembro, os surdos escrevem cartas para Ceilândia/DF, na Escrita dos Surdos.

No dia quatorze de novembro, os surdos conhecem a história mundial da educação do surdo, através de CD. Conhecem as artes surdas, como os quadros, as esculturas etc.

No dia dezesseis de novembro, os surdos comentam sobre as culturas diversas de Butiá, Charqueadas, Triunfo (as cidades do Carvão), Capão da Canoa (cidade do Litoral), Nova Prata (cidade da Serra), Brasília e Ceilândia (cidades de outros estados).

No dia vinte e quatro de novembro, planejamos a festa de encerramento com as Comunidades Surdas de Osório, na cidade de Osório.

No dia vinte e sete de novembro, os surdos localizam no mapa as praias/litoral - Osório.

No dia primeiro de dezembro, as três comunidades surdas se interagem com a comunidade surda de Osório, em Osório. Visitamos a Escola Estadual Cônego Pedro Jacobs onde nós, surdos, junto com os simpatizantes, pais e professores, comemos churrasco. Dormimos e, no dia seguinte, fomos a praia para nadar, se divertir, conversar, se processando social e simbolicamente.

No dia quatro de dezembro, contamos e desenhamos sobre o Natal. Cláudio desenha muito bem e fez o cartaz de natal.

Os professores, funcionários, interessados, invadem a nossa sala de aula. Encomendam sacolas, vasos, pratos para pães, cafés, bandeja, baús feitos com papéis reciclados, pintados de marrom e verniz, por um dos alunos que faz e vende. Antes, os surdos não trabalhavam... Atualmente alguns trabalham, mesmo como autônomos.

No dia sete de dezembro, nós comentamos a cultura diferente de Osório, a cidade do Litoral.

### **Avaliando a língua dos surdos**

No dia oito de dezembro, os surdos fazem o teste de proficiência da LIBRAS com uma professora de Lingüística.<sup>24</sup>

Nos dias onze a dezoito de dezembro, os surdos estão escrevendo a lista alfabética das palavras de cada gênero.

No dia vinte e dois de dezembro, o dia do encerramento escolar, na avaliação, os surdos dão entrevistas e são filmados, narrando sobre suas histórias de vida familiar, escolar e social.

---

<sup>24</sup> A professora da Lingüística, a filha ouvinte dos pais surdos, se chama Ronice Quadros.

#### 4.1- Narrativas Surdas

Neste item, serão descritas duas entrevistas feitas com adultos surdos que estudam há 20 anos, escolhidos por terem uma história escolar longa em relação às crianças surdas de Charqueadas. Estas histórias narram experiências escolares próprias ao contexto local e devem servir para ilustrar o processo que vem ocorrendo com os surdos em relação à escola e a constituição da comunidade surda. A seguir, será descrita uma filmagem feita durante uma viagem a cidade de Osório, onde os surdos de charqueadas conheceram os surdos desta cidade.

A primeira entrevista foi realizada com Alauri ("Boné") no dia 06 de janeiro de 2000. A entrevista foi filmada em Língua de Sinais e, posteriormente, transcrita e traduzida para a Língua Portuguesa

- *COMO É O TEU NOME?*<sup>25</sup>
- Alauri.
- *MEU NOME É WILSON, E SEU SINAL*<sup>26</sup>?
- Boné<sup>27</sup>.
- *VOCÊ ACHA BOM ESTUDAR? E A LÍNGUA DE SINAIS?*
- Ele não responde...
- *SEUS AMIGOS SABEM SE COMUNICAR EM LÍNGUA DE SINAIS?*
- Não.
- *SEUS PAIS SABEM SE COMUNICAR EM LÍNGUA DE SINAIS?*
- Não.
- *VOCÊ BRINCA E JOGA FUTEBOL COM AMIGOS?*
- Eu e amigos ouvintes jogamos futebol, brincamos e andamos de bicicleta, tudo.
- *E VOCÊ SE COMUNICA COM SEUS AMIGOS?*
- Ele não responde...
- *EU NÃO ME COMUNICO EM LÍNGUA DE SINAIS COM ELES, SÓ COM POUCOS GESTOS...*
- Eu também comunico com poucos gestos com eles.
- *VOCÊ TEM AMIGOS SURDOS PARA CONVIVER?*
- Sim, a Aline, o Cláudio, o David e a Sandra.

<sup>25</sup> As perguntas feitas por mim estão grifadas em maiúsculo e itálico e as respostas do surdo entrevistado estão em letra normal.

<sup>26</sup> Cada pessoa, surda ou ouvinte, recebe um sinal que a identifica para sempre na Língua de Sinais. O nome da pessoa permanece inalterado, mas na comunidade surda sempre se usará o sinal. Este sinal de identificação, geralmente, evidencia a pessoa. Ele é baseado em características como: cabelo curto, bigode, boné, aparelho nos dentes, cabelo crespo etc. Esta forma de tratar as pessoas é mais um significativo importante da diferença e da identidade.

- *ESTES SÃO OS COLEGAS DA ESCOLA, MAS VOCÊ TEM OUTROS AMIGOS SURDOS QUE NÃO PERTENCEM A SUA ESCOLA?*
- Tem um garoto de 10 anos que conheci no Clube, nós conversamos.
- *FOI BOM PARA VOCÊ ESTUDAR DURANTE O ANO DE 1998?*
- Não, o ano de 1999 foi bom. Eu era garoto, com uns 10 anos freqüentei a escola. Ficava esperando a Kombi que transportava mais de 5 alunos surdos até a escola da cidade de São Jerônimo, até que a professora morreu em um acidente de automóvel.
- *O QUE VOCÊ SERÁ NO FUTURO?*
- Vou ficar em casa, vendo televisão.

A segunda entrevista feita com Alauri foi no dia 01 de novembro do mesmo ano. Desta vez, ele estava mais confiante, tranqüilo, se comunicando bem mais do que durante a 1ª entrevista; estava feliz, sem preocupação, desinibido e participante.

- *CONTE COMO ERA QUANDO VOCÊ ESTUDAVA COM A PROFESSORA SÍLVIA.*
- Antes essa professora só escrevia no quadro, como tradicionalmente. Nós copiávamos calados, sem saber de nada... No ano de 1999, com Língua de Sinais, foi bom.
- *FALE SOBRE TI.*
- Sou feliz, encantador...
- *FALE SOBRE A SUA VIDA.*
- No início eu estudei em São Jerônimo, onde nasci. Depois mudei para o meio entre Charqueadas e São Jerônimo, e freqüentava as aulas com a kombi, até a professora falecer.
- *AQUELA PROFESSORA DE SÃO JERÔNIMO (QUE FALECEU) DAVA QUE CONTEÚDOS? QUE CURRÍCULO? MATEMÁTICA? PORTUGUÊS?*
- Eu ficava com os braços cruzados, a professora usava o método de oralização e não o currículo escolar. Não escrevia nada.
- *NA AULA DE ORALIZAÇÃO, VOCÊ USAVA O FONE (APARELHO)?*
- A professora pedia para eu tentar discriminar as letras A,B,C,... Eu discriminei e não adiantou nada, foi em vão, larguei o fone.
- *VOCÊ OUVIU ALGO?*
- Não, tirava o fone.
- *QUANTO TEMPO USOU O FONE?*
- O aparelho era usado em vão, eu tirava o aparelho no momento do uso. Cláudio tirava também.
- *A PROFESSORA FICAVA BRABA CONTIGO QUANDO VOCÊ TIRAVA O APARELHO?*
- Sim, até puxou a minha orelha. A orelha ficou inchada e com dor. Quando eu era pequeno, chorei, ela me surrava. Aa minha mãe também ficava braba comigo e me surrava.
- *A PROFESSORA CONTAVA PARA A SUA MÃE?*
- Sim... Uma vez o dinheiro da professora foi roubado dentro da aula. Ela puxou as nossas orelhas, mas eu não entendi direito o caso.

- *MAS PORQUE A PROFESSORA PUXOU AS ORELHAS?*
- Expressou-se fazendo “não sei”.
- *VOCÊ TRABALHA?*
- Sim, eu trabalho com o pai como pedreiro.
- *SEUS AMIGOS OUVINTES SABEM SE COMUNICAR EM LÍNGUA DE SINAIS?*
- Sim, um pouco. Eu ensinei alguns sinais a eles, na boate e para os vizinhos da minha casa.
- *VOCÊ TEM NAMORADA?*
- Não, no momento só paquera, não quero namorar.
- *VOCÊ DANÇA?*
- Não.
- *NA VERDADE DANÇA UM POUCO?*
- Sim, pouco.
- *VOCÊ SENTE AS VIBRAÇÕES, OUVI BARULHOS ALTOS?*
- Sim. O Cláudio não foi mais à boate, não quer mais ir lá... Está perturbado e confuso.
- *VOCÊ PESCA?*
- Sim, com o pai.
- *QUAL É O SEU MELHOR AMIGO?*
- Ele não respondeu...
- *ALGUÉM QUE VOCÊ ESTÁ SEMPRE ACOMPANHANDO OU CONVERSANDO BASTANTE. QUEM?*
- Não tenho.
- *E ESTUDAR AQUI NA SALA DOS SURDOS, FOI BOM?*
- Sim, foi ótimo.
- *FALE A DIFERENÇA ENTRE O SURDO E O OUVINTE.*
- Os ouvintes falam e os surdos sinalizam. Eu convivi com os surdos e aprendi a me comunicar adequadamente.

No início das aulas, pretendia entrevistá-los, mas percebi que os alunos estavam impossibilitados de responder, pois estavam sem Língua de Sinais e sem comunicação. Depois de 9 meses, fiz a 1ª entrevista, após o trabalho de ensino da Língua de Sinais.

A entrevista de Cláudio foi feita em 06/01/2000:

- *TEU SINAL ?*
- “Cabelo de Índio”.
- *COMO É O TEU NOME?*
- Cláudio
- *FALA ALGUMA COISA?*
- Não sei...
- *1999? COMO VAI?*
- Em 1980 eu era pequeno, estudava em São Jerônimo. Cresci lá e hoje estou com 25 anos de idade.
- *LÁ EM SÃO JERÔNIMO, A AULA ERA COM LÍNGUA DE SINAIS OU AULA DE ORALIZAÇÃO?*

- Aula de Oralização.
- *A PROFESSORA SABE ENSINAR EM LS?*
- Não sabe sinalizar nem o sinal de banheiro, de pênis. (risos....)
- *LÁ EM SÃO JERÔNIMO, QUANDO VOCÊ CRESCEU, SABIA ESCREVER?*
- A professora tinha dificuldade para nos dar aulas<sup>28</sup>. Depois a Prefeitura de Charqueadas nos trouxe para cá. Alauri, Rosa, eu e outra (sinal "Cabelo até o Seio"), sempre fomos transportadas pela kombi mas a Prefeitura nos roubou para cá. *ELE SE SENTE PERDIDO DO GRUPO DOS SURDOS COM QUEM VIVEU ANTES, TAMBÉM SENTE A PERDA DO GRUPO DOS SURDOS E ACUSA A PREFEITURA POR NÃO CONTINUAR ESTUDANDO.*
- *TU ESCREVE, APRENDEU BEM? NÃO?*
- Gosto, aprendi mais ou menos, mas é bom. Escrevi só algumas palavras: "gato", "ovo", "pião"... só isso. Aprendi a escrever bem as letras.
- *A PROFESSORA FALECEU? COMO?*
- Há nove anos atrás, mais ou menos em 1993, por causa do acidente de automóvel.
- *VOCÊ CHOROU DURANTE O FALECIMENTO DA PROFESSORA, NÃO?*
- Chorei mais ou menos.
- *VOCÊ VIU O FUNERAL?*
- Não, fiquei em casa, mas a minha mãe foi e me contou como foi. Também fui falar com a minha amiga para saber as curiosidades sobre o funeral da professora e ela me falou algumas.
- *DEPOIS DO FALECIMENTO DA PROFESSORA, VOCÊ CONTINUOU A FREQUENTAR AS AULAS?*
- Não, foi o fim e eu fiquei em casa. Mas a prefeitura nos roubou...
- *ROUBOU OS SURDOS PARA CÁ?*
- Sim, trouxe os surdos para ficar.
- *TROUXE PARA CÁ OS SURDOS PARA FICAR?*
- Sim.
- *HOUVE O FIM DAS AULAS EM SÃO JERÔNIMO E, DEPOIS DE ALGUNS ANOS, QUANDO COMEÇARAM AS AULAS EM CHARQUEADAS, QUEM ERA A PROFESSORA?*
- A professora Sílvia.
- *QUANDO COMEÇOU?*
- Ele não lembra.
- *NO COMEÇO EM CHARQUEADAS, A PROFESSORA ENSINAVA O QUÊ?*
- No começo das aulas, Sílvia não se comunicava comigo.... não lembro bem...
- *O COMEÇO É NA ESCOLA OCTÁVIO LÁZARO, NÃO? ONDE?*
- O começo das aulas é na Prefeitura.
- *NA PREFEITURA, SIM. MAS E ALGUM TEMPO DEPOIS, ONDE?*
- No Sesi. Depois deste, a professora Sílvia nos levou para a Escola Municipal de 1º Grau Octávio Lázaro.
- *PREFEITURA, SESI E ESCOLA OCTÁVIO LÁZARO...*
- No começo das aulas estávamos eu, Alauri, Rosa e outro surdo, casado, que morava perto do Presídio, agora mudou-se para longe.
- *AQUELE SURDO, PERTO DO PRESIDIO, CASADO?*

<sup>28</sup> A Apae de São Jerônimo foi transferida para a cidade de Charqueadas.

- Sim
- *O SURDO CASADO MUDOU-SE PARA LONGE?*
- “Óculo-magro” é sinal dele. Conversamos àquele rapaz, lembro do rosto dele.
- *SIM...*
- É amigo meu, visitei a casa dele, perto do Presídio, mas mudou-se. Agora não sei onde ele mora, não o vi mais. Na última vez em que fui a casa dele, deparei com a nova moradora que estava abrindo a janela e ela me falou: - “o quê? Surdo aqui? não, ele já se mudou”. E eu lhe pedi desculpas, ela assentiu, abriu mais as cortinas e fechou a janela. A mulher surda, amiga minha, estudávamos, ela foi saindo para descansar alguns dias, o homem veio à minha casa, procurando e perguntou por mulher surda. Falei pra ele que ela se mudou. Ele desculpou-se em mim. (risos)
- *SEUS PAIS ESTÃO BEM? TEUS PAIS COMUNICAM BEM CONTIGO? NÃO? COMUNICAM EM SINAIS CONTIGO?*
- Tem nossa dificuldade de comunicação... mais ou menos... o pai triste, só lê calado, a mãe só cozinha calada.
- *PAIS SEPARADOS DE VOCÊ DE LADO A LADO?*
- Sim (assentiu). Os pais separados de mim, lado a lado.
- *OS PAIS JUNTOS, SEPARADOS LADO A LADO (CADA UM NA SUA) COMIGO, DIFÍCIL DE COMUNICAR EM LS.*
- Os pais, a irmã Juliana, a tia, juntos, separam de mim, \_ consentiu.
- *O PAI VERDADEIRO FALECEU, QUANDO?*
- O meu pai verdadeiro faleceu em março do ano passado, 1999.
- *AGORA COM PADRASTO?*
- Já faz muito tempo, eu era pequeno, cresci com o padrasto, um amigo.
- *AMIGO? ...*
- Sim, ele trabalha lá.
- *SIM, ELE TRABALHA NO QUÊ? CONSTRÓI?*
- Na fábrica lá, sabe? Gerdau.
- *SEI. O QUE ELE FAZ NA GERDAU?*
- Trabalha na portaria, vigia, telefona, libera o auto para passar, coloca crachá...
- *AQUELA FÁBRICA ...*
- Que sinal é esse?
- *“FÁBRICA”. \_ ELE NÃO CONHECIA O SINAL QUE DEI, ELE APRENDEU AQUELE SINAL.*
- “Fábrica”, \_ assentiu sinalizando este.
- *SINAL DA GERDAU, SINAL DE VIGILANTE. (RICARDO LHE ENSINOU ESTES SINAIS).*
- *QUANTOS ANOS TU TENS?*
- Eu tenho 24 anos de idade, nasci em dois de dezembro. Agora estou com 25, aniversariei há pouco tempo antes.
- *QUE IDADE ESTAVA QUANDO SEU PAI FALECEU?*
- O pai estava com 65. (ele interpretou mal pensando que a idade era para o pai).
- *65?*
- Sim, 65.
- *ERA PEQUENO QUANDO O PAI FALECEU, NÃO?*
- Não, pouco antes. (aqui começa uma confusão por parte dos entrevistadores)
- *NÃO? AH 65 QUANDO O PAI FALECEU, E TUA IDADE?*

- Não lembro.
- *ELE NÃO LEMBROU.* - Falou Ricardo para mim.
- Não sei.
- *ERA PEQUENO?* - Perguntou Ricardo.
- Pequeno, amigo, pai gostava, junto com esposa, junto com surdo.
- *NÃO, QUANDO GRANDE, O PAI FALECEU, QUE IDADE VOCÊ ESTAVA? MAIS OU MENOS?*
- Mais ou menos?
- *PAI FALECEU, QUE IDADE TU TINHAS? TU ERAS PEQUENO OU GRANDE?*
- Pai faleceu, eu idade?.....Eu idade não lembro.
- *MAIS OU MENOS 1900 E ...?*
- Não lembro.
- Grande. \_ assente ele para Ricardo.
- *MENOR, NÃO MAIOR MAIS OU MENOS 19?*
- Maior .. pai
- Ano passado? (para o R.) Meu pai faleceu quando eu tinha 24 anos, há pouco tempo.
- *ANO PASSADO? NÃO?*
- 1999.
- *SIM* - Assenti.
- 1999 .... março.
- *SEPARADO ...COM OUTRO PAI: PADRASTO - FALEI PARA O PESQUISADOR OUVINTE. - ELE FALECEU (ASSENTI).*
- Do pai falecido: 2 filhos mais eu: a irmã maior GÊ e o irmão menor, José. Moramos em Arroio dos Ratos. .... nós três.
- *EM ARROIO DOS RATOS? ALGUM DIA IREMOS PARA VER SE TEM GRUPO DE SURDOS LÁ.*
- Tem uma surda lá, "loira", cabelo comprido . Um amigo meu lá no Arroio dos Ratos me falou que tem mais uma lá.
- *SIM... A SUA IRMÃ JULIANA, COMUNICA BEM A L.S.?*
- Mais ou menos, - eie estava com expressão de saco, - aguarda que ela está aprendendo bem devagar, com calma, ela comunica bem, eu vi que ela está indo progredindo.
- *ELA PROGRIDE, VOCÊ A ENSINA?*
- Juliana distraída, sempre pensando em namorar. O problema é dela. \_e falou para Ricardo, - A minha irmã não me falou nada em casar, só gosta de conversar sobre o namoro,...louca.
- *JULIANA SABE A VIDA DELA.*
- Ela me espia, disfarça, pergunta-me se eu namoro com aquela garota de Porto Alegre, eu falei que não conheço nenhuma lá, não quero casar, fico solteiro. Juliana tranqüila, lê a Bíblia, reza. Eu leio a revista com imagem de mulher, homem, admirava. Juliana me percebeu e me pergunta "o quê?", e eu falei pra ela "Eu não sei" Cláudio ,.. e amigo longe, embora ... espero com sossego. Fico. Juliana choca procurando e achou algo (foto ou figura) e me disse "sem vergonha".
- Tu mora em Guaíba? \_ele perguntou para Ricardo.
- Não, moro em Porto Alegre.



- Qual a rua que ele mora?
- *RUA, PERGUNTA PARA ELE.*
- Edifício ou casa? (fazendo de conta que filmava – brincando)
- O que tu pensa de Charqueadas? Como é a vida aqui? (Faz sinal que está filmando)
- Aqui em Charqueadas ... fala.
- Charqueadas, esquina ... Prefeitura .... aquela atrás esquina ... casa laranja ... 68....
- *OS MOMENTOS RUINS E BONS, MAIS OU MENOS, CONTA, GOSTA DE MORAR AQUI, BOM, OU O QUE? SUAS RELAÇÕES COM AS PESSOAS?*
- Um homem ouvinte me chamou, batendo palmas, olhei e falei com expressão: - “o quê?”, e o homem quer sentar e conversar comigo, eu fingi que iria lavar roupa, e digo “tchau” e escapei, fechei o portão.
- *OUVINTE, MAIS OU MENOS?*
- Mulher me chamou batendo palmas (sinalizando com o dedo indicador “cabelo rolado”) mulher loira.
- *AQUELA LOIRA DE S. JERÔNIMO?*
- Não, não loira...Lendo um livro que peguei na biblioteca . Juliana abriu a porta, era a Márcia, surda de São Jerônimo, entendi, guardei o livro. Márcia dorme aqui na minha casa à noite.
- *POR QUÊ?*
- Pois, o que vou dizer?!
- *ELA DORME NA SUA CASA, CONVERSAM BASTANTE, FOI LEGAL?*
- Gostei.
- *E O OUVINTE NA CALÇADA? “SACO” . POR QUÊ?*
- Àquele ouvinte não é amigo adequado.
- *DIFÍCIL DE FALAR DE BOCA?*
- Sim....., e ela dormiu aqui, e conversávamos, certo, bom.
- Ele conversa facilmente com ela, mas ouvinte não comunica, tu foges...Entende, é verdade. \_Ricardo me falou.
- *MAIS O QUÊ? .... MAIS ...*
- Mais falo ... nada.
- *FALE MAIS SOBRE O HOMEM E A MULHER.*
- Nada.
- *E AMIGOS DOS VIZINHOS?*
- Sim, muitos vizinhos, vêm na minha casa, muitos.
- *MUITOS?*
- Sim, muitos. Também surdos, reunimos . Alauri, às vezes vem, eu gosto dele.
- *QUAL É O SEU MELHOR AMIGO? \_SINALIZEI COM O “POLEGAR” PARA CIMA “AMIGO”*
- Com pais, só (ele entende mal o que sinalizei, ele pensou que era ”ano novo” – dedão para cima – foguete)
- *PAPAI E MAMÃE, FAMILIAR.*
- A mãe lê a bíblia, reza, abraçamos, beijamos, descansa. Ouvi barulho do ano novo 2000.
- *ANO NOVO NÃO, MELHOR AMIGO. \_EU EXPLIQUEI BEM MAIS CLARO. – AMIGO MELHOR, LEGAL.*
- Sinal de Ano novo? \_ ele riu, distraído.
- Ano novo não, é outra ....(interrompe-me).

- Pais abandonaram e eu fui tomar banho. Meia noite sinto barulho do ano novo. Estou passando xampu no cabelo, o cachorro escondido debaixo das escovas?????. Pouco depois assusto o barulho de foguetes, penteei, pus as roupas e fui ver o ano novo.
- *ENTENDI.*
- Outra pergunta?
- *ESQUECE DO "ANO NOVO". PESSOA AMIGA É LEGAL?*
- Amigo legal?.....Sim, conversa legal, ninguém?.....Amigo, conversei, sim.
- *SÓ UM?*
- Homem, "nojo".
- *NINGUÉM? POR QUÊ?*
- Sim, porque (esse sinal "por que" ele não entende)<sup>29</sup>
- *"POR QUE" (SINALIZEI EXPLICANDO BEM CLARO).*
- Amigo ... oi (atendo a porta, falei pra ele:- quê? eu trabalho?.).....Pedi para eu trabalhar com uma mulher, limpar e varrer, agradei. Um dia de trabalho, fora.
- (ele se distrai porque os colegas surdos estão olhando para ele).
- *SEU MELHOR AMIGO? CONVERSA LEGAL? UM AMIGO? PRIMO?*
- Ah, é da vizinha, aquela babá, de cabelo crespo.
- De São Jerônimo? \_ perguntou Ricardo.
- Não, o nome dela é Simone, ela tem a filha pequena.
- *SUA AMIGA É OUVINTE?*
- Sim, é ouvinte, gosto dela, tem filha, ela trabalha de babá. O pai dela trabalha lá.
- *TU CUIDA DA FILHINHA?*
- Não, eu, mulher, Juliana cuidamos da criança, brincando com o autinho. Peguei criancinha pelo lado e varri.
- *GOSTA DA CRIANCINHA OU MULHER?*
- Eu, não (ele entende mal)
- *NÃO, CRIANCINHA OU MULHER?*
- Abracei criança, botei no colo, larguei-a para brincar de carrinho. Tem 2 anos de idade.
- Ele trabalha de babá? \_ Ricardo me perguntou.
- Babá, digitando. \_ (pensa que a pergunta que entendeu era sobre a irmã dele). - Juliana vendo a TV, mandou a criança calar e continuou vendo a TV. A criança brincou com o carrinho, Juliana vendo tranqüila a TV e a mãe cozinhando.
- *NAMORO?*
- Se eu tenho? Já namorei antes. No ano 2000 tenho namoradas, talvez. As muitas mulheres vêm aqui, brabas.
- *QUAL O SINAL DELAS?*
- Não sei. Mãe do meu lado, eu do outro. Duas mulheres vêm e me digam "oi". Pedem-me para ir a boate do ano novo
- *SINAL DO ANO NOVO?*
- Ano 2000. Dança daqui a pouco.
- *ANO NOVO, SIM... DANÇA?*
- Ano novo, 2000, muita dança, gostam, é bom. Eu não gosto. Mandeí garotas irem sozinhas lá ... Alauri vem e me pediu para ir junto à festa de ano novo, eu não

<sup>29</sup> Quem não entende, ou quem não consegue fazer o sinal local?

- quis, pedi que ele vá sozinho. Dormi, acordei às 4 horas, lavei o rosto, bebi a água, voltei a dormir novamente, acordei às 9 horas, com a mãe, a tia, vem de longe, fizemos churrasco. \_ ele sorriu.
- (R.) Por que ele ia às aulas antes de ir à Capão da Canoa? O correto é – “porque ele ficava só em Capão da Canoa?)
  - *ANTES DE CAPÃO DA CANOA VOCÊ NÃO IA ÀS AULAS, FICOU EM CASA, FOMOS BUSCAR VOCÊ VÁRIAS VEZES.*
  - Fiquei com medo.
  - *MEDO? BUSCAR VOCÊ VÁRIAS VEZES. POR QUE?*
  - A fonoaudióloga me mandou a carta, li e escondi. Tranquei, li as revistas sozinho.
  - *LI NA CARTA O QUE? QUE ESCREVEU?*
  - Fono que escreveu, li e espantei. Quieto, meus pais me perguntaram que houve? Eu falei: não sei ... esqueceram, aliviei.
  - *FONO O QUE?*
  - Vocês me buscam, filmam ... eu com medo.
  - *PREOCUPADO?*
  - ...Filmar ...difícil .... praia lá medo... medo
  - *MEDO DO QUÊ?*
  - Nadar.
  - *AQUELA FONOAUDIÓLOGA ESCREVEU O QUE?*
  - É do aparelho ... ciúme.
  - *SOCIEDADE (.....?.....) ....PRAIA.*
  - Sim
  - Li, cheguei, sentei triste.
  - *RECEBE CARTA DA FONO, PENSA QUE NÃO PODE IR ÀS AULAS (TALVEZ?) MEDO SERÁ?*
  - (R.) Antes, lá em Capão, você se isolou dos demais.
  - Na escola Octávio Lázaro, eu não queria ir lá, afastei, antes de vocês me buscou para ir à Capão e já me acostumo a enfrentar. E Alauri me acompanhou a ir, e eu acostumei a gostar do passeio com o ônibus. Mergulhei na praia.
  - *QUANDO, ANTES, ESTAVA TRISTE, FICOU ISOLADO EM CASA, FALE SOBRE ISTO.*
  - Foi com os pais brabos.
  - *OS PAIS BRABOS, POR QUE?*
  - Não sei ... a tia .. primos brabos.
  - *DINHEIRO?*
  - Sim, a tia gosta de mim, ela sente sozinha.
  - *ELE TRABALHA PARA A TIA PARA RECEBER \$?*
  - Sim, ele precisa dinheiro, foi uma das causas que ele faltou às aulas. Ele precisa trabalhar. Receber dinheiro na casa da tia, limpando, arrumando.
  - Gosto da tia Gessi, gosto dela, ela é boa.
  - *A TIA SABE LS?*
  - Sim, ela aprende a soletração do alfabeto, sabe, gosta.
  - *ELA DÁ DINHEIRO, AJUDA COM ALGUM?*
  - ...*OLHA PARA R. QUE FOI TELEFONAR E SE EXPRESSOU IMITANDO RICARDO NO TELEFONE*
  - *LEMBRA: NÓS FOMOS BUSCÁ-LO. \_INTERROMPEU.*

- Wilson, ele é bom, gosto dele, Ricardo, Sílvia, gosto deles, Norma, Aline de Triunfo, gosto delas. Os de Butiá, gosto deles. Espero visitar a cidade de Arroio dos Ratos e Minas do Leão, Depois, estudar, difícil.
- *BOM, DIFÍCIL BUSCAR SURDOS PARA FORMAR A COMUNIDADE.*
- Por que se isola? \_Ricardo volta e tenta entender.
- *FALOU (P/R.) FONO, CARTA OU TIA.*
- (R.) Mas por que ele se isolava na praia?
- *POR QUE FONO, POR QUE FICOU EM CASA, BUSCAMOS VOCÊ?*
- Eu, nervoso, não, eu difícil, tosse, febre, dor de cabeça.
- *GARGANTA? E OUTRAS?*
- A mãe me pediu para eu tomar remédio, tomei, bom. Arrumei roupas para ir à Capão. Fui. Descansei.
- Tomei remédio, melhorei, só.
- Foi ao médico? \_perguntou Ricardo.
- Não, gripe, garganta.
- Depois do encontro em Capão, conversamos, ele melhorou.
- Depois de Capão, progride, frequenta na Escola Octávio Lázaro, foi com os surdos. Antes não, agora sim, entendi.
- A Márcia, sua amiga, faz tempo que você a conhece? \_R
- Gosto da Márcia.
- *ELA DORMIU PELA PRIMEIRA VEZ NA SUA CASA?*
- Sim.
- *ELA FOI DORMIR, BOM. VOCÊS NAMORAVAM ANTES?*
- Não, não. Eu namorar ela? Não, só amiga.
- *ELE PENSOU QUE ERA SUA NAMORADA.*
- Márcia falou para namorar, eu não quis. Espero para pensar, questionar...
- *SIM...*
- Era sua colega em S.J. ? \_R
- Sim, nos tempos em São Jerônimo, nós sempre estávamos juntos.
- *ANTES EM SÃO JERÔNIMO, AULA DE ORALIZAÇÃO?*
- Falaram que Márcia estava na aula de oralização, sim.
- *COLEGA SUA NA INFÂNCIA?*
- Márcia foi lhe procurar em casa ?-R
- Márcia veio me procurar?
- Sim, em Charqueadas.
- Márcia em Charqueadas, “oi, tudo bem?”. Namorado dela mora na esquina. Ela veio com o filho.
- *O QUE VOCÊ TRABALHA?*
- Espero para depois? - ele pensando...
- *JÁ TRABALHO ANTES?*
- Na casa da tia, trabalhei lavando e limpando, varrendo. E com outro amigo, desenhei, comi salgadinhos, bebi refrigerante.
- *TU COME O QUE?*
- Salgadinho (sinalizando confundindo com bala)
- *BALA? NÃO, SALGADINHO.*
- Ah, salgadinho. Entendi.
- *ENTENDE, QUE SINAL? - sinalizei bem “salgadinho”*

- "salgadinho" ele repete sinalizar o gesto.
- *EM CASA O QUE VOCÊ TRABALHA?*
- Em casa, desenho, pinto, vendo e recebo dinheiro.
- *GOSTA DE DESENHAR?*
- Sim, desde a infância, sempre desenhei, pinte, gosto disto.
- *QUE IDADE TINHA QUANDO COMEÇOU A DESENHAR?*
- 18 anos.
- *18 ANOS? QUEM ENSINOU OU AJUDOU VOCÊ A DESENHAR?*
- A minha tia...a minha prima me deu algo para eu desenhar. Aprendi, estudei, desenhei desde a infância.....Desenhei a Branca de Neve, a bruxa, a maçã, depois colava na parede.

#### 4.2- A rede das Comunidades Surdas em Osório

Chegamos em uma escola pequena, na sala de estar, cumprimentamos a professora e a mãe de uma criancinha surda. Momentos depois (não estando sendo filmada), esta mãe chorou ao me ver, e eu lhe perguntei, surpreso, sinalizando para a professora que traduzia da LS para LP ao lado dela, o que havia acontecido. Ela me respondeu: "*A minha filha quando for grande, o que ela será no futuro?*" Estava preocupada, chorando intensamente. "*Não se preocupe... E eu, como? Eu também sou surdo, me formei e hoje atuo como professor, estou cursando Mestrado, moro com uma mulher surda e uma filha... Moramos sozinhos, longe do restante da família que mora em outra cidade. Eu sempre viajo sozinho mesmo para cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, cidades muito grandes, para ir a cursos, dar palestra... E sua filha vai ser igual a mim, surdo é capaz!*" "*Eu compreendo bem...*", falou a mãe... e parou de chorar.

Filmada, a filha surda se expõe sorrindo, tranqüila. Não me sinaliza nem me saúda, não se comunica. A mãe e a professora estão conversando sobre essa preocupação. De outro lado, o pesquisador ouvinte e a diretora estão discutindo oralmente, fumando... O garoto surdo de Osório, extrovertido, inteligente, de cabelo longo até o ombro, me pergunta, sinalizando, se eu fumo, e eu nego. Ele me disse: "*Nojo... morte.*"

A diretora me apresenta a sua filha sinalizando, com hesitação, o sinal "matemática". "*É a minha filha, está com problemas em Matemática.*" Em seguida, sem ser filmada, a diretora me pergunta se o sinal de "matemática" está correto. O sinal foi

corrigido. As professoras, a diretora aprenderam a LS através do curso na ULBRA em 1999, com um instrutor surdo.

O pesquisador ouvinte fica de pé, enquanto a gente de Charqueadas, Triunfo e Butiá (já chegaram no momento) estão sentados, cansados, olhando em volta atentamente. O pesquisador e o surdo adulto de Butiá, Ademir, dialogam: “- Bom”, faz Ricardo. “-Bom....Dodo vem depois...demora...dinheiro...” riu Ademir, enquanto fazia apenas alguns gestos pobres. E os demais surdos sentados em volta.

A menina ouvinte, irmã de "Franjinha", sorriu e me saúda com “polegar”. É este o sinal do “Oi”, Tudo Bom, Olá, Bom Dia. Ela é uma das pessoas simpatizantes do grupo. Ao lado dela, o surdo de cabelo crespo de Butiá, “amigo da infância” de "Franjinha". Se expôs, sorrindo, sinalizando com vibração lateralmente “Y”, sinal tradicional da Praia, que significa Paz e Amizade.

A surda adolescente, uma das irmãs dos trigêmeos de Triunfo, me olhou assustada, temida por estar sendo filmada, olhando para os lados e para mim sorrindo. Cumprimenta soletrando com polegar “Oi”. Ela é trigêmea com um surdo que viajou junto e um outro ouvinte que ficou em Triunfo. Atrás dela, uma moça de Cidreira, que vinha sempre de ônibus para estudar em Osório. Através da porta, ao fundo, estava olhando, hesitando, foi para fora e ficou com surdos de Osório.

Pela janela ao fundo, um surdo gordo de Osório falando com um surdo de Charqueadas, perguntando pelos surdos e olhando para dentro outros surdos refletindo a “mesmidade”. Um surdo de Triunfo, que se chama Ademir, cumprimenta olhando para os lados e se volta para mim, soletrando com o polegar bem baixo, fraco... Filmo para outro lado e volto para o mesmo, ele com braços cruzados, querendo mostrar-se como macho destemido e, em seguida, com a mão esquerda soletrando com o polegar com vigor.

"Cabelo até Ombro", surda branca de Charqueadas e Leandro, surdo negro, simpático de Triunfo estão conversando, sentados no sofá. O pesquisador e a professora "Gorda" de Osório, mais alguns surdos ficam olhando admirados, observando os surdos se comunicarem, expondo, interagindo, naturalmente.

"Cabelo de Índio", de Charqueadas, está sentado no sofá com outros surdos, isolado, olhando preocupado, me olhou e depois para o lado pensando. Outro surdo (um dos

trigêmeos) está de óculos passando protetor solar, pela porta de dentro fica olhando para os surdos de Osório, que estão do lado de fora da escola. Dentro da escola, só surdos de Charqueadas, Triunfo e Butiá, incluindo demais professores, diretora. Alguns sentados, outros de pé formando um círculo, olharam-se, chocados, pensando, uma surda passando para dentro do círculo (comunidade Surda de Osório?), roendo as unhas com os dentes, procurando, aguardando algum surdo falar, uma moça surda sentada, sinaliza “muito”.

Uma menina surda, extrovertida, falando com uma mulher, parecendo mocinha, pergunta: “- *Dorme lá?*” “-*Vou dormir aqui na escola hoje à noite?*” Ela mora bem distante da escola.

A professora me fala que a moça tem mais ou menos 25 anos e estuda na 4ª série, na sala dos ouvintes e, em outro turno, na sala dos surdos. Sempre fica na escola. “- *Hoje tem churrasco.*” “-*Sim, comerei.*”

Fora da escola, filmo o ônibus de Triunfo e a escola. Atravessei dentro da escola, filmando o nome escrito em Português. “E.E. Cônego Pedro Jacobs 1ª a 5 séries”, a diretora atravessando o corredor da frente da escola, expôs “polegar”, sorrindo.

Filmo na outra escola pequena, separada, ao lado da escola grande, que é para os alunos ouvintes. Metade da escola pequena é para surdos. O nome da escola é escrito com soletração manual junto com um menino se comunicando em LS. Há uma menina surda olhando, tomando chimarrão, com o sol, rindo, e as borboletas, a grama, a árvore... E há palavras em baixo dos desenhos: “*Sem voz nossas mãos vencem o silêncio e fazem a comunicação*”. A outra parte da escola é para a educação infantil para ouvintes.

Depois filmo o círculo dos alunos de Osório. Alguns alunos de Charqueadas, Triunfo e Butiá saíram da escola pequena e entraram para o círculo, conhecendo-os. Começaram perguntando como é o sinal de identificação e o nome de cada um. Uma aluna adulta de Osório responde, mostrando seu sinal e nome: D-É-B-O-R-A. Os demais alunos de Osório inclinavam, atenciosos, refletindo, felizes.

Uma aluna de Cidreira apressou-se ao lado, conversando com dois surdos de Osório: “-*Sinal?*” “*Que é sinal?*”. Lhe foi explicado por um colega, sinalizando seu sinal: o meu é “R” (no lado da testa para fora) e outro colega assentia, explicando sobre o sinal: “- Ele “R” e ele... (indicava outro da Cidreira, sentado). Ia sinalizar, mas ela acabou lhe

interrompendo, chamando com pressa um companheiro, também de Cidreira, que vive na zona rural. Eles foram para trás da escola, será a discussão sobre o sinal? Sim.

Os surdos refletiam sobre a importância do Sinal. Leandro, de Triunfo, fica admirado com os dois sinais "R" (de cabeça para cima, R para baixo). Leandro, que parece ser o líder da Comunidade Surda de Triunfo, e "Cabelo até Ombro" se expõem felizes, abraçados, e ela sinaliza "Eu te amo". Foi interrompida, chamada por outra de trás e acabou ficando braba. Leandro e "Trancinha" estão me olhando, e Leandro expõe com a mão aberta: "-Legal/ Jóia". Estão conversando entre si: "*-Comer?...Ricardo chamou? Estamos esperamos pela comida... para sairmos sim...sairmos...*"

Leandro e as duas Alines estão sorrindo, tentaram me falar em LS, mas sinalizaram ao mesmo tempo, olhando-se. Aline de Charqueadas acabou expondo: "*-Gente de Triunfo, são bons!*". Em seguida, outra Aline expõe olhando para a primeira: "*-Praia de Capão da Canoa...não.....outra praia?...*" E volta a me olhar: "*-Amanhã, vamos a praia.*".

Uma professora "J" de Osório falou em LS para os surdos: "*-Que Fome!.. eu estou com fome.*" Olhou para mim e se chocou com a filmagem. E em seguida, olha para outra professora andando, comunicando em LS para o surdo: "*-Que demora!*" Elas, de repente, olham-me e entreolham-se, riam-se e falavam oralmente com riso.

As duas meninas sentam-se à mesa esperando a comida, olham-se, observando minuciosamente em volta, especialmente as conversas, e os outros se chamam com as mãos, sacudidamente, para lhes serem atendidos para a conversa.

As duas meninas, uma ouvinte, de pé, comunicaram-se em LS com as mãos, mostrando suas medidas "quem é alta", "baixa".

Uma surda aparentando uns 42 anos, está olhando para Ricardo e lhe fala: "*-Osório até lá, Triunfo...que Quilômetro?*". Ela assentiu: "*-Que bom....*" - não entende essa pergunta "o que é Km".

Filmei o surdo gordo fora da janela, atrás da escola, com braços cruzados, com os olhos voltados para mim, sorrindo, com "polegar". Pedi para ele falar alguma coisa, ele se expressou: "*-O quê?... nada... Só olhando para eles... Eu, sinal "M" na face direita.*"



Filmei os surdos masculinos adolescentes e adultos sentados junto a mesa. "Franjinha" me chamou sacudindo com a mão ativamente, tentando me fazer olhar para ele, mas outro... de Butiá, amigo de infância de "Franjinha" nos tempos de estudos de Butiá, me expõe "Diabo". É sinal do Diabo?... Soletando com os dedos indicador e mínimo, faltando o dedo polegar. Parece que ele me mostrou pela primeira ou segunda vez...imitando esse sinal do outro: "I love you". Este é um sinal americano, conhecido mundialmente, quer dizer "eu te amo", tentando me dizer: eu te amo. "Franjinha" me pediu ver o filme num quadrado pequeno do lado do filmador, o amigo veio ver também.

E um surdo sem dentes (superior e à frente) mostrou-se feliz, com boca bem aberta, sem preocupação por ser filmado. Alguns meses antes fui à Triunfo e o conheci. É um recém aluno e tem preocupação e medo de expor os dentes, vive constantemente isolado dos demais. Segundo a professora, seus pais não aceitam providenciar a prótese dental para ele. Mas nesta viagem ele está bem diferente, vendo os outros dois andando para trás da filmadora.

Os adolescentes e adultos conversaram. "Boné" confessa: "*Eu bebi...mais ou menos...pouco.*" Outro indica: "*-Eu, sim, indicando outros...eles sim, ele sim...*"

"Cabelo longo", de Osório, está conversando com a surda trigêmea: "*- Eu, homem forte, né?*" "*- Eu, cresço alta...come, come, come...*"

"Franjinha" e o amigo estão rindo. "Franjinha" falou para o amigo: "*- Sinalize...*" "*-Não sei.*" "*- Eu...com mulher lá, Mas... Tu...homem ou mulher?*" – rindo, irônico.

Um surdo adulto, João, de Triunfo, está sentado no sofá com a professora Luciane, também de Triunfo, sacudindo um pé, batendo contra o chão levemente. Filmei focando mais a movimentação do pé. Ele percebe e para de mover o pé, ajeita-se bem ao sentar no sofá.

Ricardo me falou sinalizando: "*- Compra mais fitas para filmar.*"

Todos almoçam. Um surdo trigêmeo comendo, me olhou com a expressão: "*-O quê?...Tu e Ricardo....bons! Eu estou com fome.*" "Boné" expõe sentado à mesa: "*-Eu te amo*" "*-Tu.....Sinal de "Boné" (ele tentou expor) Tu estás com fome?*" Eu assenti. Falei-lhe que preciso filmar.

Um surdo trigêmeo me pergunta: “-*O que tu pisava com o dedo indicador sobre a filmadora?*” Eu respondo: “- *Aumento e diminuo as imagens do filme.*” Ele compreende, assentindo. E foi ver a filmadora que lhe pedi.

Um surdo “Amigo” de Butiá sinaliza: “-Diabo”, de novo ignorando. Uma professora me olhou e me falou oralmente, depois sinalizou: “-*Antes eu estava com fome, agora estou mais calma.*”

Aline de Triunfo falou para outra surda, “Cabeça Defeituosa” de lado: “-*Pensa, pensa... Pare de pensar, se anime.*” Uma recém aluna grande de Triunfo, me sorriu e expõe: “-*Olá! Eu te amo*”. Ela se expressou fazendo perfeitamente os sinais

Leandro de Triunfo chamou e sinaliza seu sinal: L passando da testa lateral para outra lateral; “L E A N D R O”, seu nome.

Uma surda trigêmea chamou sacudindo fortemente para alguém: “-*Atenção, este ali (guaraná)*”, e foi pegar o refrigerante.

Aline me chamou e sinalizou: “-*Que fome...tu fome?*”, enquanto eu a filmava. E chama “Cabelo de Índio”, que estava sentado na mesa em frente e me pergunta: “-*Quanto custa a filmadora?*”

Uma ouvinte, irmã de “Franjinha”, me expõe: “-*Eu te amo*”. Ela sinaliza, fazendo o sinal de “PAZ” e hesita, olhando a mão e corrigindo para “EU TE AMO”, como se fosse pela primeira vez, e ria-se. E outra surda olhando-a, vira-se para mim e sinaliza rápido e espontaneamente “Eu te amo”, com orgulho, pensando que a LS é própria, natural para os surdos.

Aline de Charqueadas expõe: “- *Em Osório, muitos surdos. Gostei deles. Obrigado! Muitos amigos... Estou com fome.*”

A surda de General Câmara, com uma das faces juntamente com a orelha revelando um defeito, falou sinalizando para a professora: “- *Come muito... Vai ficar gorda...*” E riu...

Filmo na cozinha. O almoço lá é formado só pelas pessoas ouvintes, que conversam. Um rapaz surdo passa ali e pergunta se querem bebidas, elas assentem, então o rapaz coloca os copos sobre a mesa, enquanto observava com curiosidade como os ouvintes se

transmitiam alguns conhecimentos, notícias, papos etc. Mas oralmente, não recebe nada, sente como sendo da outridade.

Filmo a integração entre alunos ouvintes e surdos no pátio. Os surdos recebendo os folhetos de "Bem Vindos" por alunos ouvintes. O folheto é feito com desenhos de flores e crianças em volta, com textos escritos por eles.

Aline de Triunfo me mostrou o folheto e Aline de General Câmara me perguntou: "*Que é esse? Que significa?*" As palavras de Português ela não reconhece bem. Antes desta filmagem, a diretora me perguntava sobre isto, preocupada. Eu falei para ela que não tem problema, é bom para eles se conhecerem entre si.

Uma ouvinte, irmã de "Franjinha" também me mostra esse folheto. Feliz, está adequada a mesma língua e corre para a quadra de vôlei para jogar.

"Face Defeituosa" chamou um aluno ouvinte e lhe pergunta onde escreveu seu nome. Ele indica e ela assentiu, mostrando para Aline.

"Cabelo até Ombro" perguntou aos alunos ouvintes, mostrando num papel, a quem pertenciam esses nomes. Um dos alunos falou, gritando, o seu nome aos outros que estão do outro lado. "Cabelo até Ombro" e "Boné" conversavam entre si, com alegria, e olham para mim... e se expõe com braços abertos, alegres.

A diretora o chamou e aos outros e falou: "*-Vamos passear nas Olimpíadas.*" Os Surdos e alunos ouvintes interagindo, movendo-se, conversando. "Trancinha" falou para uma trigêmea: "*-Onde vamos?*" "*-Vamos passear de ônibus?*"

Surdo sem dente me expõe, com braços soltos, os polegares, alegre: "*-Vejo o filme.*"

Uma menina com um pouco de audição me expõe com braços abertos, sinalizando, sacudindo as mãos: "*-Eu te amo.*" "Cabelo do Índio" a interrompeu e me expõe, vindo em minha direção com caretas e com a língua para fora, sacudindo lateralmente, com as mãos movendo-se em sinal de "nadar", enquanto ela observa atentamente. A menina o imita, expressando-se com caretas e a língua para fora, as mãos abertas movendo-se em volta do rosto.

Os Surdos de Triunfo estão caminhando para dentro do ônibus. Os adultos surdos conversam com o pesquisador ouvinte fora do ônibus. Eu filme dentro de ônibus... Como

eles expõem... Uma menina de pouca audição me diz: “-*Olá!*” e eu lhe mando um beijo com a mão.

Um trigêmeo diz: “- *Olá!*” Um menino, que é um pouco manco, sinaliza, sacudindo-se lateralmente e outro menininho faz o mesmo. E a câmera volta para a menina de pouca audição, que pediu a uma criancinha surda, aparentemente cons uns 4 anos, para dizer “*Oi!*” também e ela faz o mesmo.

Outra menininha morena de Triunfo, está junto com uma recém adolescente, sentadas, e me expõe, timidamente e soletrando baixo e rápido: “*Oi!*”

A surda grande de Cidreira junto outro surdo grande, também de Cidreira. São mulatos, e se sentiam excluídos dos demais. Os surdos estão olhando com a boca aberta a conversa entre a diretora e a professora. Quando um deles me olhou, fechou, de repente, a boca.

Uma menininha morena olhou e falou para a diretora, me indicando: “- O que é este?... e roía a unha do polegar com os dentes”.

Uma surda perto de outra ouvinte, ao ser provocada, olhou para trás e expõe, sinalizando, indicando e ameaçando os surdos que riam. (ameaça, advertir) p/ os surdos q/ riram: “*Franjinha*” e o amigo de infância. Volto-me para uma menina tímida e recém aluna, que expõe tentando fazer alguns com sinais, com coragem: “- Eu te amo” e outra surda, tímida também, também tentou uns poucos sinais.

Atrás delas se expõe um recém aluno, também de Triunfo, mas sem dentes superiores, da frente. Está alegre...

Um adulto surdo, de pé, conversando com 2 adolescentes de Osório que estão sentados: “- *Eu, sinal “Aranha”, ADEMIR.*” E os adolescentes: “- Meu nome é *MAIK ON*” “- Eu, *TIA GO*”. olham para mim e fazem com o polegar “legal”.

Os garotos “*Franjinha*” e “amigo” de Butiá se expõe, alegres, com sinais polegares. Em seguida “*Franjinha*” me mostrou o papel que um aluno ouvinte deu a ele. O amigo tapou com a mão a filmadora. “*Franjinha*” bateu com cotovelo de leve nele e falou: “- *Eu namoro uma guria...*” Foi interrompido por Ademir tapando o seu rosto, mas volta a dizer:

“- *Beije uma guria... e aquele aluno me deu este papel...*” O amigo dele assentiu com sinal polegar “sim”.

Uma adolescente de Osório, tímida, sentada com "Cabelo do Índio", que está discreto com a mão direita no olho direito da adolescente, massajeando-a. Ela me expõe sorrindo. Um surdo de Butiá conversando com adolescentes masculinos de Osório, e a professora olhando.

Alauri se expõe: “- *Eu te amo*”. A trigêmea preocupada como me expõe, diz: “-*Eu... Ônibus... vamos... longe... né?*”, piscando um olho. E morde os dedos e em seguida. Os outros do lado e atrás dela, sacodem, vibrando com sinais “*Olá*”, “*legal*” e “*eu te amo*”.

Muitos surdos passeando, conhecendo... É maravilhoso... Os surdos gostam.

Surdo de Osório chama Aline e pergunta: “-*Surdos vão no Ginásio? Não?*” Aline: “- *Sim, todos os surdos vão.*” “- *Ah, bom.*”

Um surdo casado de Butiá falou com uma surda adulta de Triunfo. Brincando, puxou sua jaqueta encobrindo o rosto: “- *Eu, feio.*” “- *Louco!*” E riram. Ela me olha e expõe: “- *Eu te amo.*”

Ao fundo do Ônibus "Trancinha" está com Leandro e expõe o polegar com seriedade. Alauri me falou: “- *Me fotografou, né?*” Outros dois surdos, um adulto loiro e um adolescente estão sentados. O adolescente vibra o polegar. O loiro faz: “*legal*”; “*eu te amo*”

“Face Defeituosa” repete: “*legal*”; “*eu te amo*”, sorrindo. "Trancinha" e Leandro estão de pé sorrindo e dizem: “- *Somos amigos de infância. Nós estudamos juntos desde a infância.*”

Uma surda de Cidreira falou para as alunas tímida e recém- surda: “- *Nós na aula, depois, estudamos. Ok . Tenho 4 biquínis.*” Ela me olha rindo e fala com um surdo ao seu lado, que está quieto, descomunicado, só olhando: “- *Ele nos filmou*”, rindo, enquanto o surdo de olha inexpressivo.

Um trigêmeo levantou e falou pro João a seu lado: “- *Penso... Penso*”, e saiu para trás do corredor. O pesquisador ouvinte está na porta, próximo do motorista, e expõe: “- *Centro da praia, maravilhoso.*”

João faz com o polegar *“legal”*.

A professora, a menininha e a menina de Porto Alegre se expõem vibrando: *“I ove you”* A menina de Porto Alegre me perguntou: *“- Tu gosta da namorada?”* E eu falei, sinalizando com a mão: *“- Olha, pensa só no namoro?”* E a menininha me imitou fazendo o mesmo. Ao lado delas estão dois garotinhos, um manco que me expõe com dificuldade de sinalizar. A professora pediu que ele imite seu sinal, que sinalize: "dedo indicador batendo 2 vezes na orelha para trás e para a frente". Cada um faz seu sinal: uma menininha "B batendo na face"; a menina de pouca audição " T na testa lateral em direção a face"; o manco: "E rolando na testa". Outro surdo está olhando pela janela. Chamei-o para que ele sinalize, ele sinaliza: "D batendo na orelha".

Dei a filmadora para o pesquisador ouvinte, e cansei: olhei para ele: abre... fecha... pise o dedo na filmadora.

Uma moreninha pergunta a professora que sinal era aquele. *“- Depois...”* A menina de pouca audição interveio me chamando e aponta o dedo indicador para o ginásio. E eu lhe faço o sinal de ginásio. Filmo o ginásio através da janela do ônibus em movimento.

Todos saem do ônibus e entram para ver as Olimpíadas no Centro de Esportes. Filmo dentro do ginásio, os surdos sentam nas arquibancadas, outros jogam. A professora "gorda" de Osório falou: *“- Ali. A quadra...”* A morena sinaliza passando por ela: *“- Vôlei.”*

Alguns surdos de Triunfo sinalizam para a sua professora, que está de pé: Leandro: *“vôlei”*; Luciane: *“ali quadra”* A professora pergunta: *“E tu (apontando para um trigêmeo), jogas vôlei? E tu João ?”* João: *“- Não jogo, tenho problemas no joelho.”* Leandro sinaliza para João: *“- Joga vôlei.”* João: *“-Não, joelho”*.

A professora de Osório sinaliza para os alunos de Osório: *“O campo de futebol é lá.”*

Os dois mulatos de Cidreira, calados, juntos, isolados, olhando para outros.

João olhou para o lado e assentiu: *“- Problema do joelho torcido...dor.”* A professora de Osório sinaliza: *“- Lá é o campo de futebol.”* *“- Campo?”*

A mulata me olha e sinaliza: “- Eles sinalizam tão bem e rápido e eu devagar, com língua de sinais mais ou menos fraco...” diz ela. O mulato escondido, me olha, preocupado com a filmagem.

João sinaliza com a surda de meia-idade: “- *Tira algumas folhas do caderno para eu sentar na arquibancada, entende?*” “- Sim”, abrindo a bolsa para pegar o caderno, enquanto a mulata, se aproximando, observava enquanto João sinalizava, imitava-o sinalizando sozinha, ensaiando o sinal "entende".

Filmo os surdos enquanto jogam. Os demais estão de pé e sentam nas arquibancadas. Os surdos masculinos e femininos misturados jogando a bola, os outros conversando, caminhando, observando, distraidamente. Até um professor de Educação Física tenta ordenar os que treinam com fundamentos de vôlei, toque de bola, manchete, saque.

Os excluídos que não jogam e estão de pé nas arquibancadas são: mulatos, mancos, criancinhas, moreninha, professores, pesquisador, surdos de meia-idade, casado, bêbado, diretora, moças tímidas, recém alunas, obeso, de joelho torcido.

Na quadra, todos os incluídos são brancos (desde criança até adulto), menos um negro simpático, de dentes perfeitos que sinaliza atirando um beijo com sopro. Um manco surdo sentado, com a mesa do simulador próximo a quadra ao meio, olhando. A bola veio até o manco, ele a jogou ainda sentado, devolvendo para o menino branco, depois bateu o pulso da mão na mesa, frustrado por não poder jogar.

O surdo sem dentes me expõe levantando os braços no ar com alegria. O negro veio e pediu a ele para ser o goleiro da equipe feminina, ele assentiu. Os surdos de Osório pedem ao manco de Osório para ser o goleiro da equipe feminina.

Os homens sentam nos assentos dos substitutos, se expõe com polegares de “legal”, “eu te amo” e “paz e amizade”. Filmo no refeitório, muita gente de pé, sentados, tomando suco, batem papos. Ademir expõe de novo, careta, e com polegares balançados ao ar. Cláudio me chamou: “- *Meu olho está bem*” e me pediu que eu afastasse dele a câmera no momento: “- *Eu estou bem*”. O olho dele foi afetado por um estranho.

"Cabelo do Índio" foi ensinado por mim: puxa "Cílio" e leva em círculo para que o estranho saia, e ele fizeram. O surdo loiro me mostrou o copo com suco e com polegar. Um garoto ouvinte se expõe com polegar junto com a surda recém-aluna.

"Cabelo longo" cumprimenta: "Oi" e "Boa tarde" e indica para a professora que está do outro lado: "- Já comi." E pergunta para ela de forma bimodal: "- Teu nome?" A professora responde oralmente e ele assentiu, hesitando.

A mão de outro surdo interveio "LS" na frente da filmadora e ele me chamou, indicando para o outro oralmente: "- Olha..." e fez expressão de dar soco para ele, mas percebeu que ia ser filmado e em seguida fez sinal "tchau". Ele volta para aproximar o manco grande e me expõe "Olá". Olha para mim e diz: "- Ele (Wilson) conhece você, manco." Ele fica envergonhado, não sabe se comunicar no momento e foi saindo do refeitório.

"Cabelo Longo", que está com o garoto obeso, fala ironicamente: "- Ele é gordo." e ria... O menino sorri, saindo para fora do refeitório.

A menina de pouca audição me olha e sinaliza: "- Você é bonito." "Cabelo Longo" fala com expressão facial "Saco! Ela só pensa no homem!!"

A menina de pouca audição me sinalizou: "- tu...tu...tu... "Bigode" (meu sinal)", não conseguindo se expressar e com a mão coçando atrás da cabeça. "- Nada...tu... "Bigode". "- Sim, é", respondi. Um surdo casado se expressa facialmente com um leve sorriso, em relação a ela, com as faces balançando para lados, em sinal de negativa.

Filmei escondido "Franjinha" e "Amigo", que estavam preocupados com bíceps, olhando e levantando os braços. "Amigo" sinalizou a ele: "-Você vai ser soldado?" E eu não consegui filmar a resposta, pois "Franjinha" estava de costas. "- O surdo não pode se tornar soldado." "- Sim", assentiu "Franjinha". Mas o surdo trigêmeo de trás deles os interrompe e indica para mim. Eles se chocam e de repente "Franjinha" me sinaliza "Paz e Amizade". Em seguida, me mostra levantando o copo e "Amigo" me sinaliza o mesmo e me joga o copo na cabeça. Eu lhes dei um susto de propósito, mas não foi nada, era tudo brincadeira. Todos rimos. O trigêmeo se aproxima e joga o copo, e sinaliza "brincadeira". Ele imitou "Amigo" em LS. A trigêmea chega e diz: "- Come... fome... nós brincamos... tomamos...comemos.", sorrindo para eles.



"Cabelo até Ombro" tenta me puxar até ele soletrando: “- *EL...nós surdos comemos para matar fome*”. O árbitro está olhando para eles admirado, pois se organizam bem...pela primeira vez.

"Franjinha" se expressa de pé como macho, com braços cruzados, me chama ousado e, em seguida, ri e olha para "Amigo". Pede com a expressão facial para “Amigo” fazer algo e este fica calado. "Franjinha" sinaliza: “- *Ia me "resolver" e ia me fazer uma "ameaça"... depois praia... depois para Charqueadas*”, rindo. E pede para "Amigo" se expressar puxando levemente de braço: “- Não.”, expressa facialmente "Amigo".

Filmo a menina calada, mas "Franjinha" me interrompe dançando. Filmo fora do ginásio os adultos, dois masculinos de Butiá e duas femininas de Triunfo. "Loiro" pôs a mão com o sinal "corno" na cabeça (atrás) da morena que sorria para ser filmada, sem percebê-lo, enquanto a outra surda de meia idade bate levemente nele tentando afastar sua mão da cabeça da morena. Ele ria e mostrava as mãos com os sinais "eu te amo", e “paz e amizade”. A surda de meia idade sinaliza "Bigode".

Filmo a pracinha fora do ginásio, as criancinhas surdas se divertem balançando, pulando os pneus, enquanto os professores ouvintes conversando oralmente consigo e com o pesquisador ouvinte.

Volto a filmar novamente os adultos surdos, mas veio "Cabelo Indígena". Eles vibram com os sinais "eu te amo", "paz e amizade", "Bigode". "Cabelo Indígena" dramatiza "*leão morde e come*" e em seguida, com a cara amassada, atira um beijo.

Filmo dentro do ginásio, na quadra, só homens jogando. Fora da quadra, as meninas de pé. Aline me chama e pergunta se o trigêmeo é surdo e eu assenti. "Cabelo até Ombro" voltou para a ouvinte e sinaliza "*viu?*". A menina ouvinte não acredita, sinalizando: “- *Ele é ouvinte?*” Enquanto o trigêmeo (se parece ouvinte) me chama, pedindo para eu lhe aproximar mais (onde eu estava era distante deles, mas a filmagem estava focando bem mais perto) e sinaliza: “- *Eu , ouvinte?*”

Filmo, escondido, a surda de Cidreira ao lado de Ademir. Do outro lado, o mulato. Ela sinaliza: “- *Tu?... Ah... Eu não quis... pai só vendo a tevê... eu...*(interrompendo com a mão no rosto, tentando se expressar) *eu no sábado depois dançar, esperando alguém na*

*boate*". Os surdos desta cidade não tiveram acesso aos locais com outros surdos, só acessa ramao local dos ouvintes.

"Cabelo Indígena" sinaliza para ela: "*- Meu sinal é "Cabelo Indígena" e meu nome é C L Á U D I O, e seu sinal?"*" "*- S U S A N A ...e sua idade?"*" Mas Ademir interveio, indicando com sacudidas fortes e apontando para eles com riso. Eles param de dialogar.

Filmo escondido "Trancinha" conversando com "Face defeituosa": "*- Olho no homem lindíssimo, ele me propôs a conversa comigo, e eu aceitei, conversamos, beijamos...e não conte, é segredo entre nós.*"

A menina de pouca audição se narra: "*- Depois do futebol, eu torcerei pela feminina, perde...e joga o sinal "beijo" para o ar..."eu te amo"...converse nele...eu nada vejo no futebol.*"

"Franjinha" e sua irmã procuram roupas na sacola, no chão do corredor do refeitório, enquanto um professor ouvinte de Educação Física entra na sua sala. Um menino ouvinte, filho duma professora, está passando pelo corredor, se alegra expondo com o polegar "jóia".

Leandro sai do sanitário masculino e dá "Olá", levando consigo uma sacola e indo para o refeitório. A diretora está no refeitório e mexe o café com uma colherinha e lhe pergunta sinalizando: "*- Já tomou banho?"*"

Eu volto filmando até o WC masculino, entro e "Cabelo Indígena" aparece com a toalha nas costas, mexe a mão uma vez no cabelo em cima, para frente, e dá "oi" "bom" e sorri com a língua exposta para fora, sacudindo a toalha lateralmente. Filmo os outros surdos sentados, de pé e alguns procurando as roupas nas sacolas, esperando o banho, pois tem somente dois compartimentos pequenos ao fundo com portas fechadas, ocupados.

Nas conversas, um surdo adolescente de Osório: "*- Ok!*" João está brabo e me olhou surpreso com expressão exagerada e dá "Olá". O garoto sem dentes vibra, alegre, mostrando os polegares e me indica para os banheiros (alguém toma banho demorado).

O rapaz simpático de Butiá sorria mexendo e coçando a orelha. O trigêmeo tenta tapar a filmadora com a mão sinalizando "*não*"..."*não*". O rapaz simpático olha para o funcionário ouvinte de Triunfo, que está mexendo as roupas na sacola próximo do sanitário,

na primeira fila e vira-se sorrindo, enquanto o trigêmeo ria e indicava para os sanitários, pedindo para que eu filmasse em cima da porta destes, e eu neguei.

"Cabelo Indígena" brinca, carregando a toalha, caminhando com as pontas frontais dos tênis para não suja-los até o assento, pisa um dos tênis no assento e amarra o nó, ria-se enquanto os outros surdos o olham atentamente também riam.

João me pede para filmar em cima da porta alguém que toma banho com demora e me recuso. Eu saio do sanitário masculino e no corredor, filmo a irmã de "Franjinha", que acabara de sair do sanitário feminino carregando consigo as roupas sujas no colo, o estojo de batom e pinturas em uma das mãos, se expressando com os olhos bem abertos e me sinaliza "*Que calor*", sorri e se vai.

No corredor, próximo a porta da frente do refeitório, "Franjinha" está se expondo com as duas mãos "*Eu te amo*". Levanta o pé para o ar (cima), para o lado e de novo "*Eu te amo*".

Os surdos e ouvintes entram no ônibus, que está estacionado na calçada da Escola Estadual Cônego Pedro Jacobs. "Trancinha" e Leandro fazem "*eu te amo*", ela mexe a mão no cabelo caído, para trás e posa com braços abertos e pernas juntos com os joelhos cruzados e pede à "Face defeituosa" (saindo do ônibus no momento) para se apresentar na filmagem. Me sorri e sai.

João, com o trigêmeo, na rua sinaliza para alguém: "*- Eu pago para estudar...*"

"Trancinha" pede a "Cabelo até Ombro" que saia do ônibus para ser filmado. "Loiro" intervém e fala comigo: "*- Quem, eu?*" e sorri emocionado.

Ainda "Trancinha" pede a "Cabelo até Ombro" para dar um discurso, mas ele não consegue dar, está chocado. "Cabelo até Ombro" discursa com orgulho: "*- Oi, aqui em Osório?*" Me pergunta se o sinal de Osório é certo. E eu sinalizo não e lhe corrijo, mostrando o sinal certo. Eu lhe explico que foi pego o sinal dos alunos de Osório, que antes eu havia perguntado como é o sinal de Osório. Ela continua: "*- Osório.*" Em seguida "Trancinha" sinaliza com admiração: "*- Osório*" e "Cabelo até Ombro" corrige o sinal. "Cabelo até Ombro" continua novamente: "*- São muitos surdos que estudam aqui, eu*

*conheci-os, foi bom ter com eles, perguntei-lhes como foi a escola..."* Mas "Rapaz simpático" interveio e sinaliza para alguém "Silêncio" e expõe com braços abertos.

Volto para "Cabelo até Ombro" continuar: *"- A escola, a praia, e hoje `a noite terá o churrasco que iremos comer, divertir, bater papo...homens e mulheres separados...homens fazem churrasco e mulheres cozinham...e discutiremos o que mais gosta de fazer na praia amanhã, conhecer a praia, depois para a casa despedirmos com a gente de Osório, depois , de Triunfo, Butiá e Charqueadas,...fim... Bom, Obrigado!"* E deu polegar.

Leandro de Triunfo também discursa: *"- E nós, surdos, turma de Triunfo, estudamos na escola, com a professora, nos ensinou animais, frutas e tudo...gosto das aulas."*

"Trancinha" veio de trás provocar Leandro com gesto e com careta e se afasta para "Cabelo até Ombro", que a freia e a indica para mim. "Trancinha" olha para mim e eu peço que discurse para o filme e "Trancinha", chocada, declara: *"- Eu? não sei."* E virou-se para "Cabelo até Ombro", que se dispôs a ajudá-la, indo para trás de mim. E "Trancinha" aliviada, imita o discurso dado por "Cabelo até Ombro": *"- A escola de Osório foi bom, obrigado aos surdos, pergunto-os como... o quê? Que?"* Está olhando para "Cabelo até Ombro", mas não consegue acompanhar.

Eu paro a filmagem e explico para "Trancinha": *"- Não imite, o discurso é outro... dá o discurso sozinha, independente, não acostume a imitação."* E ela assentiu e dá o discurso, mas olhando ainda par "cabelo até Ombro": *"- O quê?"* e em seguida acaba dizendo: *"- Os homens jogam, depois me convidaram para jogar, com o árbitro, nós formamos a equipe , e equipe de "Cabelo até ombro" ganhou...o quê (referiu-se para a outra) ... venha falar."*

"Cabelo até Ombro" dá o discurso do jogo: *"- Oi, no jogo nós nos organizamos e pensamos qual o esporte que íamos praticar; nós escolhemos o vôlei que gostamos... nós jogamos vôlei em duas equipes e eles ganham de 1 a 0, mas chegamos a 11 a 1; nós íamos escolher outro esporte, o futebol. Escolhemos qual joga primeiro: homem ou mulher, são homens que jogam primeiro, dois equipes masculinos jogam mas acabam empatados em 3 a 3, depois dois equipes femininas, a nossa equipe vence, e em primeiro lugar (digitando:*

*P R I M E R O*), disseram admirando que eu jogava bem. Eles surdos não ficam tristes, estavam animados, alegres, abraçados, brincamos, beijamos...Bom!"

Filmo para o grupo de adolescentes feminino, sentado nos bancos ao redor de uma mesa grande. "Trancinha" confessa para todas a proibição do namoro pela professora. "Cabelo até Ombro" se narra: " - *Oi, a gente faz o churrasco que está bom, gostamos. Muitos surdos, homens e mulheres jogam vôlei. Obrigado.*"

Filmo os surdos em pé: "Amigo", "Rapaz Simpático" e "Moça Tímida". Eles estão conversando. "Amigo", pela primeira vez, se junta com os outros adolescentes para conversar, perguntando ao "Rapaz Simpático": " - *Que idade sua?*" " - *18 anos*" " - *Qual é seu sinal?*" " - *"Grito"*." " - *"Grrrriiiiitttttooo"?*", zomba ele.

Filmo para João que sinaliza com gesto: " - *Como pão*. E se aproxima da churrasqueira, gestualizando " - *Comerei-os gostosos.*" E sinaliza mostrando o joelho com ataduras: " - *Joelho torcido. Pisei e torci o joelho...Morro*" , brinca ele.

Ademir pega outra churrasqueira para juntar com a churrasqueira que está cheia, com a ajuda do motorista. Ademir olha e sinaliza com os braços ao ar: " - *Churrasco. (frangos)... beber... fome... cortar a carne...bom.*"

Filmo, ampliando a imagem de fora da escola, três surdos adultos bebendo cervejas no bar. Eles percebem ao longe, e me pedem para eu ir lá. "Surdo casado", "Loiro" e "Boné" estão bebendo e um deles está fumando... se sentem independentes dos demais.

Filmo os surdos adolescentes masculinos e uma feminina dentro da escola, que discutem sobre "quantos tem surdos em cada cidade". Filmo às escondidas "Franjinha" e "Amigo", que narram com sinais criativos longamente sobre os homens super heróis do filme de desenhos animados na televisão.

Depois do jantar, conversamos e fomos dormir. Acordamos de manhã, tomamos café com frutas e fomos ao ônibus que ia à praia de Mariluz. Filmo dentro do ônibus, os surdos e simpatizantes ouvintes se misturam conversando em LS. Leandro se narra: " - *Nós gostamos de todos, do ônibus, dos biquínis, maiôs, de ser filmados, do "Bigode"*."

"Cabelo até Ombro" sinaliza "Olá" e "Cabelo longo", que está ao seu lado, sinaliza "Paz e Amizade" e "Meu Nome", soletrando digital "G E T Ú L I O". Manda um beijo,

abaixa-se para dentro e discursa: “- *Sol...sossego, depois nadar na praia, depois despediremos dos surdos com beijos, para casa, dá Tchau e dizemos "gostamos" e iremos embora tristes e em 2001 retornaremos...*” "Cabelo longo" a interrompe dizendo algo, mas ela continua: “- *A gente de Osório irá visitar os surdos de Charqueadas.*”.

"Cabelo do Índio", "Boné" e "Franjinha" agora despertam as conversas dos demais surdos. "Menina de Pouca Audição" sinaliza: “- *Ser surdo é bom, gosto de ser surda.*” O menininho de Osório sinaliza: “- *Bom...Oi...sinalizo pela primeira vez...*” Filmo as três meninas, duas surdas e uma ouvinte acompanhada da professora ouvinte. Uma surda sinaliza: “*Eu te amo*”, e uma ouvinte tenta imitá-la fazendo esse sinal.

Filmado, o menininho surdo faz mímica de "Touro". "Menina de Pouca Audição" sinaliza: “- *Por favor, tu venha na segunda e terça para cá, ver os surdos daqui, certo! Obrigado!, tu és bonito.* (risos).”

Ademir, "Rapaz Simpático", "Boné", "Rapaz Sem Dentes", "Franjinha" e "Amigo" discutem sobre o roubo da bicicleta do "Amigo". "Boné" sinaliza: “- *A minha bicicleta também foi roubada, briguei com ele.*” Ademir sinaliza: “- *Eu te amo ... o que? A bicicleta? Sim a bicicleta de "Amigo", você sabia? Foi roubada, ele ficou brabo. Ele deixava sem prender com o cadeado para sair para comer e a bicicleta acabou roubada, a mãe dele telefonou, a policia não pensa nisso, aquele papo furado...*”

David sinaliza: “- *Eu tenho cadeado para prender a bicicleta, quando deixo-a prendo-a sempre com o cadeado, "Boné" esqueceu o cadeado como "Amigo".*” "Amigo" assente. David e "Amigo" discutam sobre o roubo sinalizando: “- *aquele menino pobre... drogado... melhor com o moto?...o mesmo que moto?...*”

Nós saímos do ônibus na praia de Mariluz, "Menina de Pouca Audição" sinaliza: “- *Olá, Eu te amo, de manhã está frio, de tarde estará quente.*”

Todos, fora do ônibus conversando, olhando em volta da praia. "Cabelo longo" sinaliza: “- *Olá, gosta da praia? Tu vais nadar, mesmo?*” E eu assenti com o polegar. Ele continua: “- *Mas que frio!*” “- *Sim o que vou fazer?*” “- *Seja forte!*”

"Cabelo até Ombro" se narra: “- *Chegamos do ônibus, saímos, admiramos as águas salgadas do mar, lindíssimas, trocamos por maiôs, biquínis, calções, querem nadar logo,*

*mas com calma, primeiro passamos o creme de bronzear.*” E continua: “- *Passaremos creme de bronzear, tomaremos picolés, mas frio?*” E eu assenti com o polegar para baixo.

"Cabelo longo" se aproxima de "Cabelo até Ombro" e a abraça, depois sinaliza: “- *Minha namorada, beijamos.*” E pede para beijá-la. "Cabelo até Ombro" nega, ri e continua a narrar: “- *Depois de passar a praia, despedirem-nos, beijaremos, tristes, e em 2001 retornaremos avivar a Comunidade Surda. Obrigado. Legal.*”

"Trancinha" com Leandro sinalizam: “- *Que bom ver as pessoas lindas passando e correndo daqui, ver as paisagens fora do ônibus, da praia...*”

Ricardo pergunta a "Cabelo até Ombro" para saber como foi ontem o seu namoro, ela responde: “- *O homem (surdo) me quer dizendo que eu era bonita, eu estava com vergonha, ele insiste em namorar, tudo bem, começamos a namorar, foi o homem, o que vou fazer? O homem me ama, gosta de mim, eu bonita?*” E continua: “- *No momento, procuro o namorado, achei que ele está jogando vôlei na quadra, fui lá e junto com ele voltamos, mas a professora me pergunta aonde nos íamos, eu choquei e diz que estamos na quadra, ela indica uma cobrinha aqui, eu assenti e sai com o namorado, também outro homem de óculos escuros nos vigiando. Que sujo! Que feio!*”

Eu filmo "Cabelo até Ombro" e lhe pergunto: - *Ontem à noite, você dorme? Não, ou conversa? Dentro da sala das mulheres na hora de dormir? Conversa até que hora?*” “- *Até três horas da madrugada.*” “- *Com a luz acesa?*” “- *Não, com a luz apagada, nós abrimos a cortina, com a luz de fora, eu, "Trancinha" e "Face Defeituosa", e outras, bem perto da janela, conversamos, discutíamos com a moça triste com a proibição do namoro pelos pais, ela tinha 19 anos, me pedia para eu arrumar convencendo o surdo a namorar com ela, dizendo que ela está triste, ele aceitou, ela feliz, mas a professora a impediu de namorar. Discutimos sobre a relação sexual, diz que é só para grande, cuidado com os surdos, só para casados em casa querem engravidar e ter bebê, surdo ou qualquer. Trancinha assentiu, pensamos em 2004, 2005 ou mais, casaremos, engravidaremos? E os seus pais? Se preocupam mais ou menos, e meus pais? Mais ou menos, uma vez me perguntavam se eu fumo, eu nego, mas acabei confessando, contei para eles que foi o vizinho com o grupo de mulheres, uma mulher me dá um cigarro, pedindo para eu fumar, eu neguei por medo dos pais, ela me ameaçou, dizendo "se não fumar, não é mais amiga do*

*grupo, eu aceitei só com um cigarro, ela me forçou até 3 cigarros, parei, fui para casa, escovei os dentes e fui dormir.”*

"Trancinha" me perguntou surpresa: “- *Tu fumas?*” Eu assenti e ela continuou “- *Só um pouquinho, meus pais ficam brabos, fiquei com vergonha, os pais sempre abriam e olhavam na minha pasta, quando achavam algo estranho telefonavam para a escola.”* “- *Cuide-se e comporte-se, se os pais achem algo errado na pasta, não permite você viajar, e você o que vai fazer?*” Ela assente (risos).

"Franjinha" me pede para ser filmado jogando futebol com "Amigo" próximo a beira da praia. No quiosque, as professoras tiram as camisetas para tomar banho de sol. E os surdos "Boné", "Cabelo do Índio" se sentam e olham em volta da praia. Com os óculos e protetor de sol. "Trigêmeo" alegre, usa apenas calção e sinaliza: “- *Olá, vamos nadar.*” E corre para o mar. Muitos correm, nadam no mar, outros sentam, caminham na areia.

Eu, filmando e conversando com "Boné", pergunto para ele: “- *Vai nadar?*” “- *Não, estou com a barriga cheia, tomei café de manhã.*” “- *Sim, eu vi você comendo muito: banana, maçã, com pão, café...*” “- *Você nada?*” “- *Eu? Depois de filmar, nado, tempo quente, mas com vento frio...*”

Pergunto a "Cabelo do Índio": “- *Você está bem aqui ? passear?*” “- *Estou com tosse, dor do ouvido, com o vento frio, pisei com o pé na terra fria, faz dor do ouvido.*” Outra pergunta: “- *Em Osório, vem aqui, conhecer e gosta?*” “- *Sim gostei, dos muitos surdos e da escola Pedro Jacobs.*” Ele tenta fazer o sinal da escola e eu lhe corriji "Escola" "C" "P" "J" e ele fez o mesmo e sinaliza: “- *Dormimos na sala de aula, brincamos, riamos, gostei, foi bom.*”

Filmo "Franjinha" que rola, cai e de novo rola, e em seguida filmo as professoras com biquínis, umas com maiôs. "Franjinha" me sinaliza: “- *Tu estás com a boca aberta nas mulheres. (provocação)*” E a surda "Recém" foi para junto delas e sinaliza "eu te amo", com João e Ricardo para serem fotografados por alguém.

Filmo para os dois homens, um surdo e um ouvinte. O surdo escreve com um dedo indicador, na areia, o nome dele “*L E A N D R O*” tentando responder para o ouvinte e olha para mim e sinaliza: “- *Nós amigos, ele trabalha como motorista de Kombi, nós brincamos e nadamos, ele não sabe comunicar em LS, só uns poucos sinais que aprendeu.*”



Filmo uma aluna adulta de Osório que passeia usando saia comprida e boné. Ela sinaliza: “- *Eu te amo...o que? Eu nadar? Não, está muito frio.*” A menina ouvinte e Leandro tentam convencê-la a nadar, ela nega, também "Menina de Pouca Audição" nega a nadar, está usando blusa.

Filmo o rapaz de Osório que usa a camiseta com o desenho do sinal "*I Love You*", com o nome da escola e da cidade de Osório. Filmo João, "Meia Idade" e "Boné" no quiosque. "Meia idade" sinaliza: “- *Eu não nado, muito frio, namorei, sim e olho em volta da praia sol bonito, sim.*” E João sinaliza: “- *Eu não nado por causa do joelho torcido.*” Eu lhe digo que a água salgada faz bem para o joelho machucado. Ele mudou de idéia, pede para "Boné" lhe emprestar o calção e eles vão buscar o calção.

Filmo no ônibus "Boné" procurando na sacola o calção, com João e o motorista. Mais tarde, quase todos acabam tomando banho na água do mar. Depois voltamos para o hotel.

"Surdo casado" indica para João que dirigia dentro do ônibus. Casado sinaliza: “- *Carteira de habilitação... Multa...*”, brinca ele.

Os surdos tomam sorvete fora do hotel Oásis. “Trancinha”, ao tomar sorvete, me olha e balança a língua para fora. A menina ouvinte telefona no orelhão, enquanto os demais surdos, ao tomar sorvete, a olham. Filmo dentro do hotel, num barzinho, observando como os surdos se comunicam com os fregueses, a compra de picolés... uns gestualizam, outros indicam, sem problemas... eles são bem entendidos e compram picolés.

Pergunto a um trigêmeo como consegue comprar o picolé, se a atendente entende a LS? “- *Ela não entende a LS. Falo oralmente, mas ela não entende também, tento acalmá-la com gestos e indicado... então ela entende.*”

Os surdos, ao meio dia, no restaurante do hotel, almoçam, se sentam unidos, alegres, se comunicam em LS. No restaurante, com as professoras e Ricardo, falamos sobre o mulato surdo de Cidreira que não se comunica, não joga bola, sempre calado. Depois do almoço, vou ver o que o surdo mulato de Cidreira fazia, fui lá e me assustei ao ver ele jogando vôlei com Susana. Ademir e "Moça Tímida", todos são do mesmo jeito dele. O surdo mulato de Cidreira se comunica em LS e, ao me olhar, dá "*Olá*".

Filmo "Boné" que com o creme de bronzear massageia as costas de "Morena" de pé, que sinaliza: “- *Bom com creme para evitar a dor da pele.*” "Amigo" pega um pouco de creme e massageia no braço. "Boné", "Franjinha" e "Morena" riam dizendo que “Amigo” é fresco (brincadeira). Ele, brabo, nega dizendo que era para proteger a pele.

Filmo de dentro do hotel, "Menina de Pouca Audição" ensina aos rapazes ouvintes a LS, o alfabeto manual. Eles (os ouvintes) soletram manualmente seus nomes, enquanto os surdos masculinos jogam nos fliperamas. "Menina de Pouca Audição" me sinaliza: “- *Ajudo os rapazes a aprenderem alfabetos manuais, Ok?*”

Filmo na beira da praia, "Cabelo até Ombro" sinaliza: “- Eu namoro...” "Cabelo longo" a abraça e pede para ela beijá-la, ela nega sinalizando-me: “- *Foi ela que começou a namorar. Hoje às 16 horas tem o jogo do Grêmio...*”

Nós nadamos, depois fomos embora dentro do ônibus. Filmo dentro do ônibus, "Menina de Pouca Audição" e "Cabelo até Ombro" ensinando a uma garotinha surda o nome dela “*B R U N A*” e a idade de 5 anos; ensinam o sinal "Bonita".

Todos os surdos se misturam, sinalizando em LS, os ouvintes dormem. Falo com Ricardo que está com sono, como todos os ouvintes, inclusive professores, dormem. Os surdos não dormem, nem têm sono. Alguns surdos tentam dormir, mas não conseguem dormir.

"Amigo" sinaliza: “- *Eu com cinco membros da família, o pai se separou da mãe pois o pai bebeu, gastou o dinheiro. A mãe trabalha como babá, meus dois irmãos, um homem, casou-se, e uma mulher.*”

"Morena" narra-se, triste: “- *Aquele rapaz me afastou, fico triste, gosto do surdo, não quero namorar, nem casar com o homem ouvinte que um dia gera conflito. Gosto do "Grito" ...ah...segredo entre nós.....gosto do "Grito", mas nós afastamos.*”

A gente de Osório se despediu de nós, depois guardei a filmadora, que estava sem bateria, e fomos embora para casa.

## CONCLUSÃO

Tendo em vista que a pesquisa realizada tem como foco principal a Comunidade Surda de Charqueadas, após a análise da situação e a constatação da deficiência, das faltas ou das falhas existentes, concluo este trabalho discutindo alguns pontos necessários para a solidificação da mesma.

A pesquisa pode ser definida em 4 fases, ocorridas semestralmente durante dois anos:

### **A primeira fase (primeiro semestre de 1999)**

Os surdos viviam separados, isolados, sem conhecimento da cultura surda, da língua dos surdos, da arte surda. Dentro da família, viviam em ambientes sonoros. Aqui, volto a afirmar que os sujeitos ouvintes que vivem no ambiente sonoro são mais para o "Mundo do Som", por isto a necessidade de os sujeitos surdos viverem no "Mundo da Visão". O surdo acaba vivendo como diáspora desde o nascimento no "Mundo do Som" quando a família não o aceita como surdo ou quando desconhece a cultura surda ou mesmo a identidade surda.

No "Mundo do Som" onde os sujeitos surdos estão fixados, eles sentem-se desperdiçados, dispersados, fragmentados etc. Os sujeitos surdos sentem-se ofendidos quando são pressionados a ficar com os "do som", bem como quando ficam exclusivamente no mundo sonoro. Se sentem inferiores, defeituosos quando são obrigados a acessar através das chamadas terapias da fala e quando são sujeitados a serem como os que ouvem.

Aqueles surdos que vivem somente com a família ouvinte tornam-se descomunicados, desinformados pela mídia sonora, com a comunicação complicada com seus familiares, na escola e na sociedade, com gestos ou sinais muito precários, não sendo entendidos. Muitos têm atritos com os outros ouvintes, dormem muito até ao meio dia por não acessarem nada no ambiente do som.

Na escola, havia apenas dois alunos surdos menores, que foram levados ou forçados a freqüentar a escola "sonora" da outridade. Mais tarde vieram os adultos evadidos. Alguns foram buscados; antes dormiam até ao meio dia e não queriam o retorno por sentir-se "maior e diferente" dos demais alunos menores.

Durante a busca, o contato e a simpatia com os alunos surdos evadidos foram imediatos, pois somos da mesmidade. Os alunos surdos evadidos retornaram por causa do professor surdo contratado pela primeira vez em Charqueadas. Outros surdos, entretanto, continuaram subjugados e confinados em casa, pois não os deixavam ir aos estudos ou ao contato com o sujeito da mesmidade: uma aluna ficou em casa trabalhando como empregada doméstica, outros foram levados para a zona rural ou para outra cidade sem que a escola fosse comunicada.

Retornar à escola fez com que os sujeitos surdos se sentissem felizes e recuperassem a esperança. A construção da identidade surda ou o reconhecimento da mesmidade rompeu com o isolamento de antes. Agora estão ansiosos por tentarem se comunicar através de gestos. Ao todo, temos hoje um grupo formado por 6 alunos surdos: três homens e três mulheres.

Durante as aulas iniciais, os alunos agiam como os homens pré-históricos, eram descomunicados, inexpressivos, isolados, possuidores de uma língua solta, de uma história solta, com gestos paupérrimos, incompreensíveis, totalmente influenciados pelas pessoas do "som".

Os surdos conhecem os sinais de identificação de cada aluno, estabelecem consensualmente estes, bem como aprendem os sinais já convencionados pela LIBRAS. Antes sentiam-se tratados como defeituosos ou deficientes pelos discursos ouvintistas. As famílias, os professores e a sociedade desconhecem ou não aceitam a educação dos surdos,

a cultura surda. Muitos pais ainda levam os filhos à clínica (fonoaudiologia) para medicalizá-los.

Neste momento inicial da pesquisa, os sujeitos surdos permaneciam sentados na sala, copiando de forma automática o que a professora escrevia no quadro. Eles começam, então, a aprender a língua de sinais convencionada pelos surdos do Brasil (a LIBRAS), a história surda, a arte surda. A educação dos surdos é, finalmente, regularizada pela SMED no município de Charqueadas.

Trabalhamos com a noção do tempo e da história, pois os surdos não eram capazes de responder as minhas questões sem estes conhecimentos.

Alguns surdos de Charqueadas, de São Jerônimo e de Triunfo estudam há vinte anos, mas nunca passaram do Oralismo, da Política da Educação Especial, da APAE, das escolas regulares inclusivas, das Políticas das Necessidades Educativas Especiais.

#### **A segunda fase (segundo semestre de 1999)**

A comunidade surda começa a se mobilizar e resistir ao sistema social e simbólico vigente até então. Na escola, os sujeitos surdos começam a sair para o recreio e a conviver com os ouvintes, oscilando às vezes, por terem começado a sentir a diferença entre os binarismos existentes entre os surdos e os ouvintes.

Alguns familiares, professores e funcionários começam a se comunicar com os surdos em Língua de Sinais, pois participam do curso de LIBRAS ou são influenciados pelos surdos.

No primeiro encontro da Comunidade Surda fora da escola, comparecemos eu e dois alunos surdos, alguns simpatizantes ouvintes, como o pesquisador Ricardo, uma mãe e a irmãzinha de uma surda. O segundo encontro contou com a presença de quatro surdos de Charqueadas mais os alunos da Comunidade Surda de Triunfo. Os surdos começam a se desenvolver intensamente. Passam a conversar muito entre si e observam atentamente as conversas dos outros surdos.

No terceiro encontro, os quatro alunos surdos de Charqueadas visitam e conversam com os surdos de Butiá, que desconhecem a Língua dos Surdos e a Cultura Surda. São

também surdos descomunicados, que começam a se sentir como pessoas da diferença, pois antes se sintam como pessoa com defeito e ser medicalizado (havia, inclusive, um aluno que vivia com animais no quintal). Também os surdos de Butiá começam a criar convencionalmente os sinais de identificação de cada um e de seus professores.

Nesta fase da pesquisa, foi estabelecido um intercâmbio entre as Comunidades Surdas de Butiá e as comunidades surdas de Charqueadas e Triunfo, que convidaram a primeira para fazerem uma excursão a Capão da Canoa. Durante a viagem, porém, os surdos pouco se comunicavam e interagem entre si. Aos poucos, as comunidades surdas começam a conversar sobre educação sexual e alimentar, assuntos antes ignorados. Havia uma guria que, inclusive, acreditava que "se come beterraba, menstrua".

Os surdos conhecem, pela primeira vez, o trabalho do intérprete em Charqueadas, bem como a diferença entre os deficientes auditivos e os surdos. Mais adiante, as surdas perguntam intensamente à nova intérprete (irmã de "Cabelo Indígena") sobre a "sexualidade". Mas há o sumiço da intérprete que consegue outro trabalho. As professoras de cada cidade começam a atuar como intérpretes, utilizando-se da Língua de Sinais já aprendida.

Os surdos começam a se desenvolverem através do uso da informática, pois este é um recurso adequado ao ensino do surdo por se utilizar da imagem e da visão.

### **A terceira fase (primeiro semestre de 2000)**

Em janeiro de 2000, os sujeitos surdos organizam o programa do encontro da rede das comunidades surdas em cada cidade a ser desenvolvido durante o ano. Fazem o relatório anual de 1999, digitando os acontecimentos no computador, construindo o tempo, a sua história escolar através da recordação dos fatos.

Os surdos tiveram férias frustradas vivendo exclusivamente no mundo do som.

Neste momento, haviam somente quatro surdos, três homens e uma mulher. Na escola, os surdos ficam na sala com computadores. Eles olham o relógio do computador para o recreio ou para sair da escola. No recreio, ficam com os ouvintes e às vezes conversam sinalizando alguns sinais e o alfabeto manual.

Alguns membros da família começam a se comunicar com os surdos em LS e servem como intérpretes para os outros que não sabem.

Os surdos desenham no computador e fazem cópias em disquete. Ricardo envia os desenhos por E-mail para os surdos das cidades dos arredores.

Os surdos aprendem noções geográficas de Charqueadas durante um passeio e conhecem a região carbonífera e suas cidades. Conhecem, ainda, os nomes dos pais, dos irmãos e avós, bem como seus próprios nomes completos.

Os surdos tendem a desenhar para a melhora do mundo visual e a socialização. Dramatizam as histórias trabalhadas, através da sequência lógica, da expressão facial e corporal, dos classificadores etc. O teatro serve para a melhora da visão do "eu" e dos outros e a relação com o ambiente, assim como para o aprendizado e desenvolvimento da gramática da Língua dos Surdos. Conhecem a Escrita dos Surdos no computador através de um CD e a professora surda da Escrita de LS.

É regularizado o programa de progressão para os surdos adolescentes e adultos, que estão atrasados em relação a idade escolar.

Os surdos planejam a viagem e a lista de alimentos para a excursão a Capão da Canoa. As três comunidades surdas viajam a Capão da Canoa pela segunda vez e se hospedam na Colônia de Férias dos Surdos. Diferente da primeira vez, agora os surdos se divertem, interagem entre si, misturando-se e conversando, cozinhando, lavando, arrumando. Jogam, nadam, passeiam.

A comunidade surda de Charqueadas almoça sempre na escola às sextas-feiras. Às vezes passeamos em outras cidades dos arredores.

Os sujeitos surdos apresentam, pela primeira vez, uma peça de teatro aos alunos, professores e funcionários da outridade dentro da escola. Digitam um texto relatando em português e desenham o que fizeram no teatro.

Alguns surdos de Butiá e Triunfo querem estudar em Charqueadas com o professor surdo, com o ensino mais adequado para os surdos.

Os surdos olham os jornais que eu trago e são informados, contados, explicados por mim sobre as notícias. Antes desconheciam o significado dos meios de comunicação (jornais, televisão, música etc).

Os surdos são entrevistados e filmados por mim e relatam sobre suas histórias de vida.

Os surdos conhecem os surdos de outros Centros Urbanos, a Associação dos Surdos de Porto Alegre, participando da festa junina da mesma, conhecendo a cultura e arte surda, os desenhos humorísticos de uma cartunista surda, os sinais luminosos, as famílias surdas, os pais surdos com filhos ouvintes etc.

No Campus da UFRGS, uma surda de Charqueadas fala sobre sua vida pela primeira vez para o público, com o auxílio de uma intérprete.

Os surdos planejam uma viagem a Brasília e alguns fazem suas carteiras de identidade.

Os surdos registram a história que viveram no 1º semestre de 2000, relembrando-a.

#### **A quarta fase (segundo semestre de 2000)**

Nas férias, os surdos masculinos se visitam e convivem bem em suas casas. Agora moram muito próximos. David se mudou há alguns meses para perto da escola. A aluna surda mora distante.

Os surdos se fotografam dentro da escola, na prefeitura, no Rio Jacuí etc, para o registro visual da história.

Os surdos, ao fazer o certificado militar, questionam: porque o surdo não pode tornar-se soldado?

Os alunos de Butiá e de Triunfo são transferidos da APAE para uma escola estadual, mas continuam freqüentando a APAE oficinas.

Os alunos surdos ficam agora no recreio, onde conversam com os alunos ouvintes normalmente e com os professores e funcionários.



Os membros da família, até mesmo os amigos que não sabem a LS ou não freqüentaram o curso, aprendem alguns sinais com os surdos.

Fizemos uma reunião com os pais para conversar sobre a viagem a Brasília, pois ficaríamos lá durante 4 dias. Aline ("Cabelo até Ombro") conhece o Juizado do Menor, onde seus pais assinam uma autorização para ela poder viajar de avião para outro estado.

Os surdos conhecem os partidos políticos, antes ignorados. Começam a fazer piadas e humor. Apresentam o teatro "O lixo" com cenário sem voz e sem som pela primeira vez ao público, no Clube Tiradentes.

A rede das comunidades surdas discute a importância do Trabalho para os surdos.

Em Brasília, os alunos conhecem a cultura surda, o TDD (telefone para surdos). Os surdos daqui ensinam a Escrita dos Surdos e o jogo do Balão Mágico aos surdos de Ceilândia, município pertencente ao DF, conhecem a Associação dos surdos de Brasília e os pontos turísticos da cidade, bem como os diferentes dialetos existentes entre o Sul e o DF.

Os surdos desenham, através da Escrita da LS, os sinais de identificação dos alunos e dos professores, produzindo sua própria cultura.

Viajam a Nova Prata, uma cidade da Serra Gaúcha e conhecem os surdos de lá, que não tem conhecimento da Cultura Surda e da Língua dos Surdos.

Os surdos conhecem a história da educação dos surdos no mundo. As três comunidades surdas conhecem a comunidade surda de Osório. Os surdos e as surdas da Rede das Comunidades Surdas começam a namorar as pessoas da mesmidade.

Os surdos trabalham como vendedores autônomos, vendendo objetos que produzem. Os surdos comparam as diferenças culturais existentes entre os surdos de Osório(litoral), de Nova Prata (Serra), de Charqueadas, São Jerônimo, Triunfo e Butiá (Região do Carvão), de Porto Alegre (capital do RS) e de Brasília (capital do Brasil). Agora são sujeitos mais socializados dentro da Comunidade Surda.

**Para finalizar**

A constituição da comunidade surda de uma cidade do interior ou de uma pequena região (ou mesmo de um centro urbano maior) requer dispositivos para formar os sujeitos surdos socializados e com Identidade Surda, ainda que em processo de construção, como:

- ◆ A presença do professor/instrutor/interlocutor surdo (o sujeito surdo intelectualmente nativo das Comunidades Surdas), como empreendedor da Comunidade Surda;
- ◆ A busca/procura dos surdos evadidos ou que nunca freqüentaram a escola;
- ◆ Um local para que os surdos possam acessar a educação dos surdos;
- ◆ A regularização das turmas dos alunos surdos;
- ◆ O encaminhamento ao Conselho Tutelar dos caso de surdos que vivem em cativeiros ou confinados em casa pela família;
- ◆ A conscientização da outridade (ouvintes) em relação ao sujeito surdo dentro da família, da escola e da comunidade em geral;
- ◆ O transporte para os surdos que moram na vila, na zona rural ou nos arredores e que não tem acesso à educação;
- ◆ O curso de LIBRAS para a outridade;
- ◆ A oficialização da LIBRAS em todos os municípios, estados e no país;
- ◆ A garantia do intérprete de LIBRAS nos espaços em que for necessário;
- ◆ A escrita da Língua de Sinais;
- ◆ O acesso a programas de progressão, ao EJA (Educação de Jovens e Adultos) ou a cursos supletivos para os surdos jovens e adultos;
- ◆ A Pedagogia da Diferença (ou a Pedagogia dos Surdos) com currículo adequado para Surdos;
- ◆ O contato ou intercâmbio com as comunidades surdas (rede) para acessar a animação cultural dos surdos (teatro, arte, olimpíadas, jogos esportivos, festas das associações etc.);
- ◆ Empreender a Comunidade ou criar Associações dos Surdos;

- ◆ O convênio com Instituições para o recebimento de verbas e para o desenvolvimento de cursos para a Comunidade Surda com as escolas ou CPMs (Círculo de Pais e Mestres);
- ◆ A Arquitetura dos sinais luminosos para os surdos;

Para os surdos poderem acessar a esses dispositivos é necessário, entretanto, que haja respeito aos direitos humanos e a valorização da cultura surda. Finalizo esta dissertação, traduzida com muito esforço para a língua portuguesa (que não é a minha), mostrando os dispositivos essenciais para a constituição de uma comunidade surda forte e que luta por seus direitos, desejando que a história aqui relatada possa servir de exemplo a ser seguido por outros grupos que visam a melhoria da qualidade de vida dos surdos. )

## BIBLIOGRAFIA

- AHRBECK, B. *Problemas del fomento comunicativo de escolares sordos*. Revista Educación – Colección Semestral de Aportaciones Alemanas Recientes em las Ciências pedagogicas – Volumem 48 – Editada por el Instituto de Colaboración Científica Tubigen – júlio 1993.
- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México.FCL .1993.
- ANDERSSON, Y. The deaf world as a linguistic minority. In S. Prillwitz & T. Volhaber (Ed.), *Proceedings of the International Congress on Sign Language Research and application*, Sigum Press, Hamburg, pp. 155-161.
- APPLE, M. *A reconstrução cotidiana da cultura*. Revista Presença Pedagógica – Editora Dimensão V.2 Nº 11. Set/Out 96. P.12.
- CHAMBERS, I. *Migración, cultura, identidad*. Buenos Aires. Amorrortu. 1995.
- GARCIA, B. O multiculturalismo na educação dos surdos, In Skliar, C. *Atualidade da educação bilingue para surdos*. Editora Mediação. Porto Alegre, 1999.
- GENTILI, P. Ocupar a terra, ocupar as escolas: dez questões e uma história sobre a educação e os movimentos sociais na virada do século. In: *Identidade Social e a Construção do Conhecimento*. Secretaria municipal de Educação de Porto Alegre - Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997.
- HALL, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo*. In *Revista Educação e Realidade: Cultura, mídia e educação*. V 22 n.3. julh-dez.

1997.

- JOHNSON, R. O que é, afinal, Estudos Culturais? In SILVA, T.T. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte, Autêntica. 2000.
- LANE, H. *A máscara da benevolência. A comunidade surda amordaçada.* Instituto Piaget, Lisboa, 1992.
- McLAREN, P. *Utopias provisórias: as pedagogias críticas num cenário pós-colonial.* Vozes. Petrópolis, 1999.
- MOTTEZ, B. *Aspectos de la cultura de los sordos.* I Conferencia Latinoamericana sobre Sordera, Buenos Aires, 1985.
- ROSE, P. & KIGER, G. *Relações intergrupais: ação política e identidade na comunidade surda.* Departamento of sociology, Utah State University, USA. In *Disability & Society*, Vol. 10, nº 4, 1995.
- SAID, E. *Cultura e Imperialismo*, Companhia das letras. Nova York Julho de 1992.
- SARUP, M. Hogar, identidad y educación. In vários. *Volver a pensar la educación.* Volume I Madrid. Morata. 1995.
- SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre nosso olhar a cerca da surdez e as diferenças. In Skliar, C. *A surdez um olhar sobre as diferenças.* Mediação, Porto Alegre, 1998 a.
- SKLIAR, C. A reestruturação curricular e as políticas educacionais para as diferenças: o caso dos surdos In Silva, L. e Azevedo, J. *Identidade Social e a construção do Conhecimento SMED – Porto Alegre*, 1997 a.
- WOODWARD, Kathrin. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T.T. *Identidade e diferença.* Petrópolis, RJ:

ANEXOS

FOTO 1 (Esquerda) - Na Escola Octávio Lázaro com os alunos ( de esquerda a direita) "Batom", "Cabelo até Ombro", "Franjinha", "Cabelo do Índio" e "Boné", e eu professor surdo (agachado).

FOTO 2 (Direita) - Em Colônia de Férias, Capão da Canoa com as Comunidades Surdas de Charqueadas, Triunfo e Butiá.

FOTO 3 (Esquerda) - No mar de Capão de Canoa, a surda Carmem e o surdo João.

FOTO 4 (Direita) - Na festa do final do ano de 1999 com as três Comunidades Surdas no Clube em Charqueadas.

FOTO 5 (Esquerda) - Excursão a Osório.

FOTO 6 (Direita) - No aeroporto com Ricardo, "Boné", Eu, "Cabelo até Ombro" e Cabelo do Índio".

FOTO 7 (Esquerda) - Nossa visita na Associação dos Surdos de Brasília.

FOTO 8 (Direita) - Nossa visita na Escola 7 de Agosto em Ceilândia - DF.









Impressão: Gráfica UFRGS  
Rua Ramiro Barcelos, 2705 - 1º andar  
Fone: 316 5088 Fax: 316 5083 - Porto Alegre - RS  
E-mail: [grafica@vortex.ufrgs.br](mailto:grafica@vortex.ufrgs.br)